

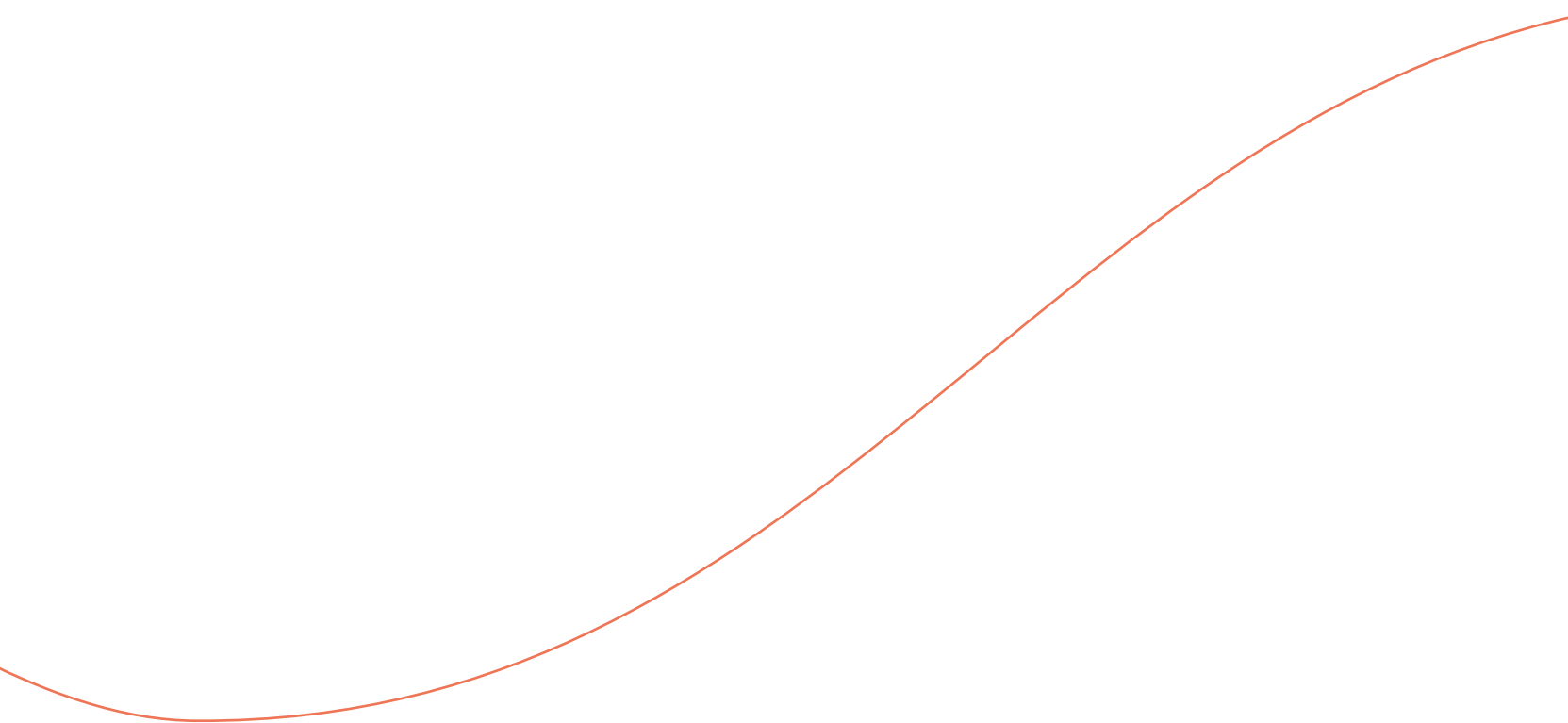
BEATRIZ NOVAES

URCA

100 ANOS



BEATRIZ NOVAES
URCA 100 ANOS



URCA 100 ANOS

Copyright © 2022 Beatriz Novaes

1ª edição 2022

Somos Editora®

Av. Dr. Adhemar de Barros, 1817 – Jardim Maringá

12245-010 São José dos Campos, SP

Tel.: +55 12 3322-9113

+55 12 98191-5888

comercial@somoseditora.com.br | www.somoseditora.com.br



Coordenação Editorial: Neide Pereira Pinto

Preparação: Edvaldo Pereira Lima

Revisão: Simone Zac

Direção de Arte: Sergio Alencar

Projeto Gráfico e Desktop: Matheus Nerosky e Sergio Alencar

Ilustrações: Sergio Alencar e Renny Pereira

Fotografias: Custódio Coimbra e Eduardo Ribas

Pesquisa iconográfica: Beatriz Novaes e Hugo Hamann

Edição de imagens: Somos Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Novaes, Beatriz

Urca 100 anos / Beatriz Novaes. – São José dos Campos, SP:

Somos Editora, 2022.

Bibliografia.

ISBN 978-65-993227-1-6

1. Urca (Rio de Janeiro, RJ) – Bairro – Descrição 2. Urca

(Rio de Janeiro, RJ) – Bairro – História I. Título.

22-95754

CDD-981.53

Índices para catálogo sistemático:

1. Bairros : Rio de Janeiro : Cidade : História 981.53

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

Impresso no Brasil, 2022.

BEATRIZ NOVAES

URCA

100 ANOS

APOIO INSTITUCIONAL

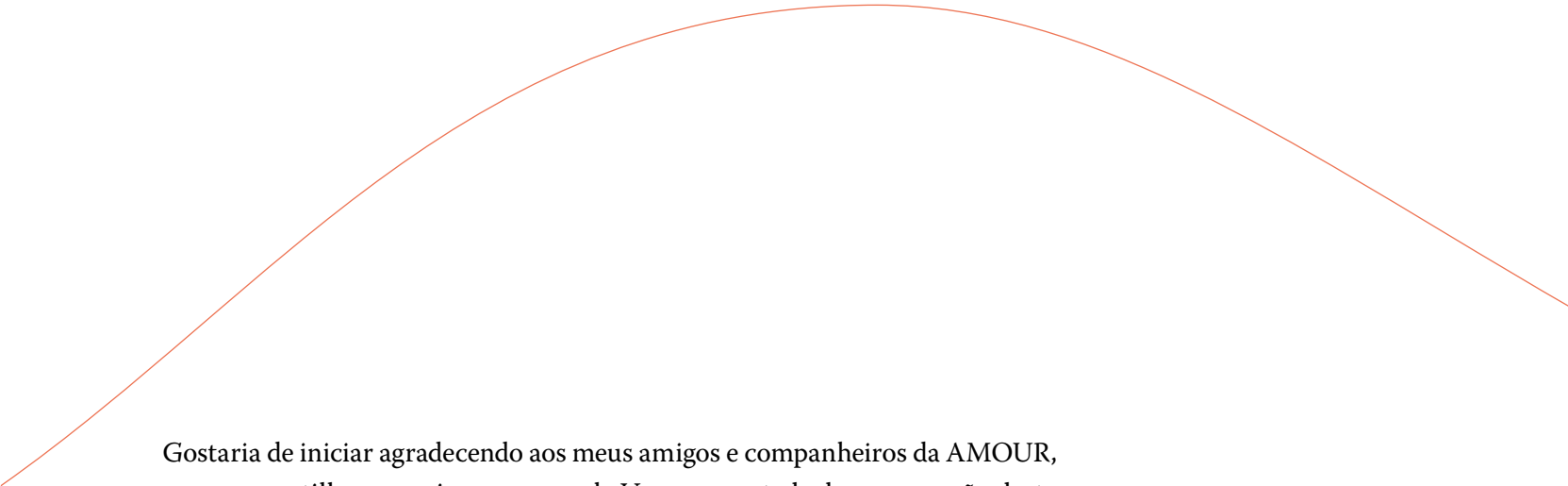


1ª EDIÇÃO
RIO DE JANEIRO, 2022



Agradecimentos





Gostaria de iniciar agradecendo aos meus amigos e companheiros da AMOUR, que compartilham comigo o amor pela Urca e a vontade de preservação deste nosso bairro.

Martha Serra e Pedro Ferraz Pereira, que plantaram a semente de realizarmos este livro comemorativo pelos 100 anos da Urca, sempre superpresentes em todos os momentos, estimulando, trocando informações, livros, fotos, revisando, lendo, relendo e ajudando a construir este projeto. Foram muitas reuniões e encontros virtuais ao longo de 2020/21.

Especial agradecimento ao Hugo Hamann, especialista em História, Arquitetura e Urbanismo. Um mestre sempre disposto a tirar muitas dúvidas e me enviar livros, artigos incríveis e fotos. Outro grande mestre, Luiz Fernando Janot, teve a paciência e generosidade de ler nos detalhes e escrever a apresentação do livro.

Igualmente a Aninha (Ana Luiza Rodrigues), Calex (Carlos Alexandre Rodrigues), Celi Ferreira e Valéria Grynberg, memórias vivas deste bairro, sempre superdispostos a esclarecer fatos e eventos das conquistas da AMOUR como associação na luta pela preservação, assim como a fornecer histórias que enriqueceram ainda mais o livro. Não poderia esquecer os amigos Guruga (José Augusto Dias), Mário Ferrer e Ricardo Guerra. Agradecimento especial a nossa atual presidente da AMOUR, Juliana Freire, Ana Bia Ardisson e Eduarda Hamann, jovens superativas que estão trabalhando com muita energia na associação e no Projeto Urca 100 Anos.

Minha enorme gratidão a todos os moradores e amigos que participaram escrevendo sobre o bairro, suas memórias e sobre as organizações existentes, deixando suas marcas e impressões. Seus nomes estão registrados neste livro como colaboradores.

Sou igualmente grata aos diretores e funcionários do Museu Histórico Nacional, que sempre me atenderam com toda atenção e profissionalismo, em especial Vania Drummond Bonelli e Adriana Bandeira Cordeiro, ao Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, em especial Paulo Joaquim da Silva Rodrigues e Fernanda de Souza Antunes, ao Caminho Aéreo do Pão de Açúcar, representados por Flávia Bertin, Fernanda Dale, Cahrolina Noddim e Bárbara Cabral Raposo. No Departamento de Comunicação e Centro de Capacitação Física do Exército da Fortaleza de São João (CCFEx/FS), sou muito grata ao Cel. Joel Francisco Corrêa e funcionários, que mesmo no meio da pandemia buscaram e trabalharam nos arquivos de fotos antigas para que o livro ficasse mais bonito.

Aos fotógrafos e amigos Custodio Coimbra e Eduardo Ribas, que me encantaram com seus trabalhos profissionais, sensíveis e artísticos registrando imagens deslumbrantes da Urca.

Meus editores e colegas da Somos Editora, em especial Neide Pereira Pinto, Sérgio Alencar, Matheus Nerosky, Edvaldo Pereira Lima e Simone Zac, que foram incansáveis e me orientaram com todo cuidado e paciência na tarefa de concluir este projeto.

Meus agradecimentos e carinho mais que especiais a minha amada mãe, Lourdes Novaes, que sempre incentivou meus projetos e plantou em mim o gosto pela história, a Carolina Parisot e as queridas Verinha e Kakaia Pucheu, pelos seus relatos de famílias ligadas ao bairro da Urca desde seu início, e tantos outros nomes de amigos sempre muito presentes, que tornaram este percurso mais prazeroso.



Dedicatória

Ao Paulo, grande amor da minha vida, minha inspiração,
que sempre incentivou este projeto e nele acreditou.
Aquele que me trouxe para a Urca, seu cantinho há 63 anos.

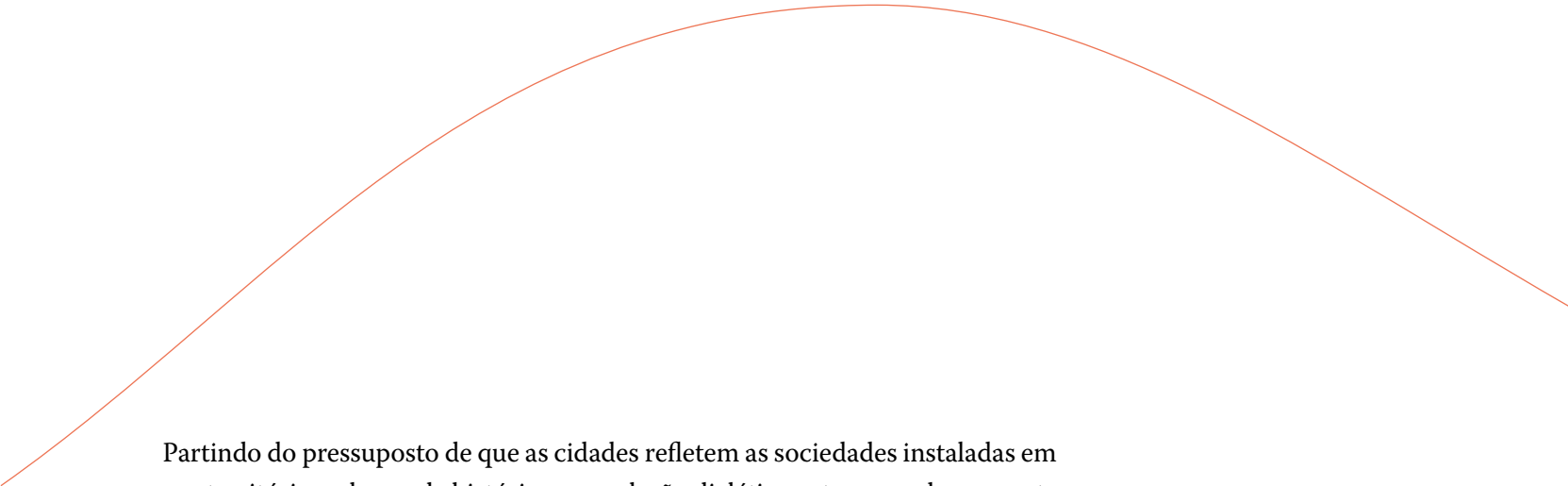
Aos meus filhos amados Renny, Deco e Paulinha, agradeço os
estímulos, papos e trocas constantes sobre a Urca, sempre dando
força à criatividade. Suas contribuições foram fundamentais.

Renny pelo trabalho lindo na criação dos ícones e da logo do
projeto e ao Deco pelas suas dicas na parte visual e gráfica.

Minha eterna gratidão!



Prefácio



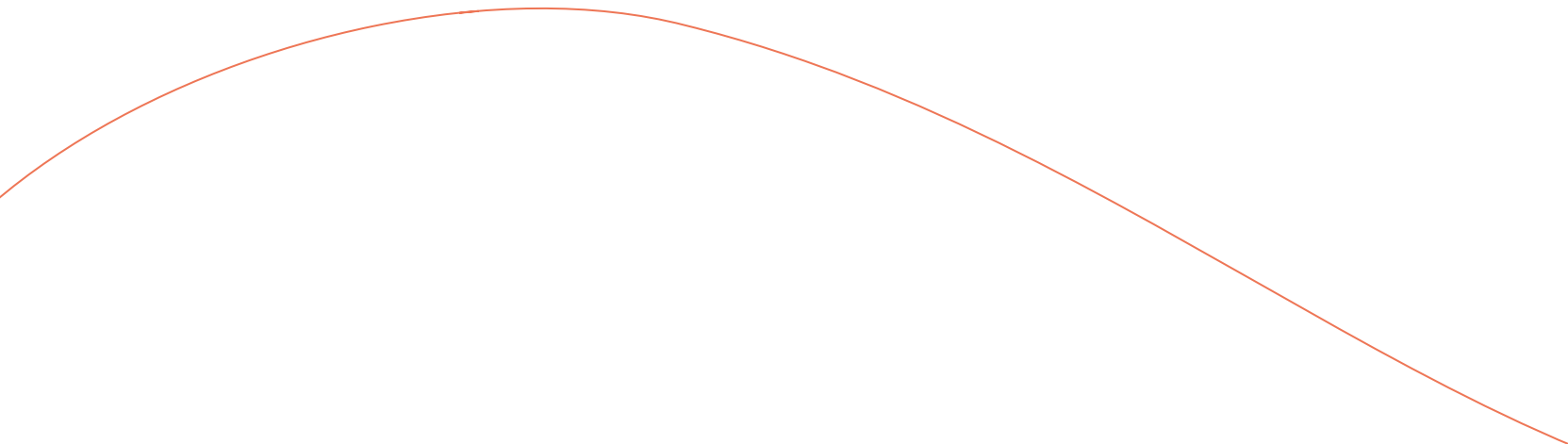
Partindo do pressuposto de que as cidades refletem as sociedades instaladas em seu território ao longo da história, uma relação dialética entre passado, presente e futuro se constitui para compreender suas permanentes transformações.

Com base nesse conceito, a autora do URCA 100 ANOS adotou como metodologia de pesquisa e abordagem do tema uma narrativa que envolve diferentes épocas da história.

O tempo histórico pode nos dar a falsa impressão de que o passado está distante, perdido nas brumas da memória, estanque, separado do nosso presente. Mas, na verdade, o tempo é dinâmico e estendido. A janela que abrimos para o passado pode ter um alcance longo e então, quando percorremos o desdobramento dos acontecimentos, das vidas, dos anos, das décadas e até dos séculos, localizamos o fio do tempo em que estamos embarcados, unindo o ontem ao hoje. Este olhar sobre a Urca traz essa dimensão ampla estendida no tempo. Um tempo contínuo onde vemos agora, no nosso cotidiano e no nosso entorno, mergulhados no cenário atual, o legado dinâmico de como tudo se construiu e se transformou, configurando uma história viva do bairro.

Adotando a pesquisa histórica como princípio, o livro apresenta aspectos relevantes que antecederam a criação do bairro. Em seguida, comenta as negociações e a realização do aterro que deu origem ao novo bairro. Por último, aborda o esforço dos moradores para impedir a descaracterização do bairro pela ação especulativa do mercado imobiliário.

Quem se mostrar interessado em conhecer as peculiaridades da Urca encontrará no livro uma linguagem prazerosa e de fácil assimilação. Através da sequência de capítulos que define sua estrutura são descritas as



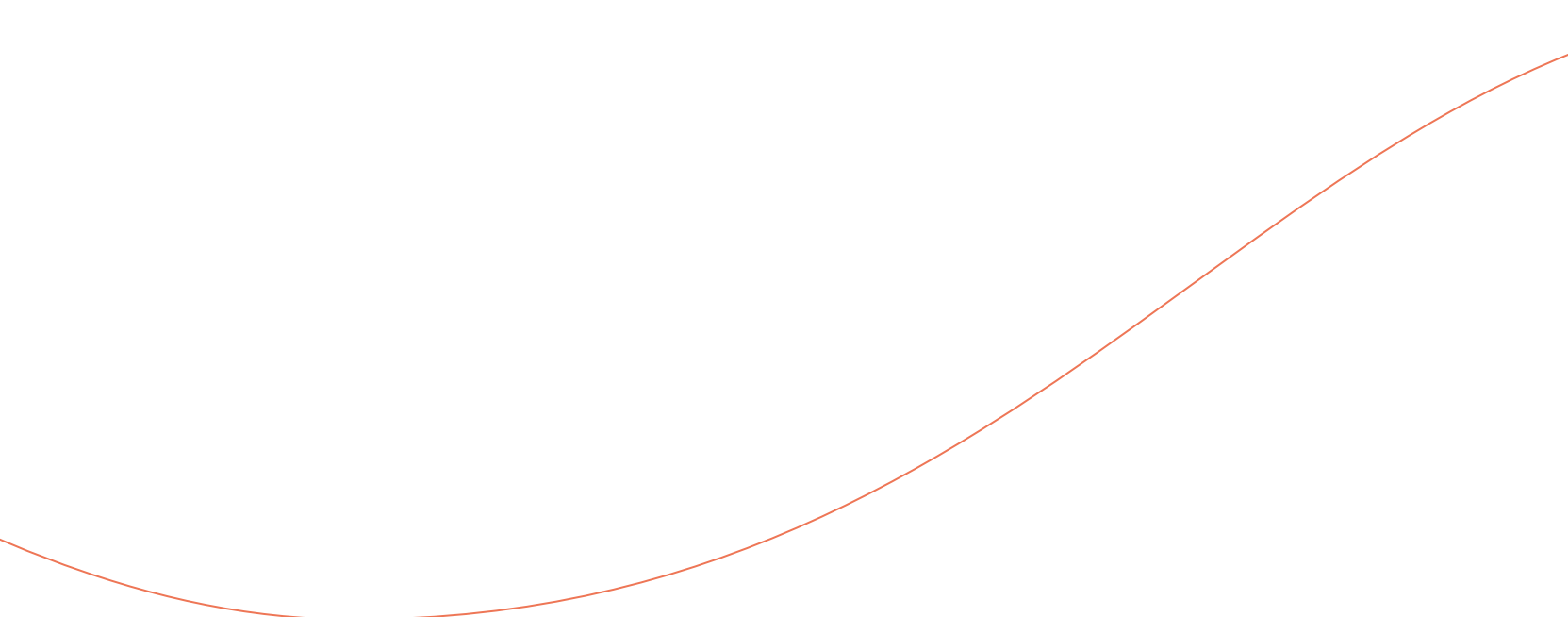
especificidades do bairro desde a fundação da cidade do Rio de Janeiro até os dias atuais.

Neste particular foi dado destaque ao papel relevante das exposições internacionais comemorativas dos 100 anos da chegada da Corte Imperial Portuguesa ao Rio (1908) e da Proclamação da Independência do Brasil (1922) na criação do bairro da Urca, com as características que preserva até hoje.

Esses e outros aspectos são amplamente descritos e fartamente ilustrados. No que concerne à descrição das peculiaridades da Urca, mereceram destaque especial as suas características geomorfológicas, o seu singelo traçado urbanístico, o conjunto de prédios e monumentos históricos e as edificações representativas de estilos arquitetônicos diversos.

Além das referências históricas, há que se destacar a relação do bairro com a natureza que o envolve. De um lado encontram-se as águas da Baía da Guanabara e de outro o morro do Pão de Açúcar, ambos considerados referências da cidade do Rio de Janeiro.

A natureza e a paisagem urbana na Urca formam uma narrativa que se desdobra no tempo, contando um capítulo vivo da história de como a civilização humana tem lidado com a questão crucial da nossa relação com o meio ambiente. O desafio para os habitantes deste bairro singular, um humilde ponto geográfico na imensidão do planeta, mas grandioso cenário onde homens e mulheres, crianças e adultos vivem a experiência do convívio com a exuberância de uma paisagem natural única, tem sido o de buscar harmonia entre esses dois mundos.



O esforço dos moradores para preservar o ambiente natural e construído, assim como a qualidade de vida no bairro, deu origem à criação da Associação de Moradores da Urca, que passou a desempenhar um papel relevante na preservação do bairro e da natureza que o cerca. Um histórico da atuação da AMOUR foi incluído no livro.

Outro aspecto merecedor de destaque é o fato de os textos estarem acompanhados de um conjunto expressivo de imagens ilustrativas do bairro. Além de facilitar a compreensão das suas particularidades, essas ilustrações complementam o que palavras não conseguem dizer.

Outro aspecto singular do bairro amplamente comentado é o espírito comunitário que se revela pela espontaneidade do convívio social nas ruas e nas atividades esportivas e culturais que o livro descreve. A afeição pela Urca é percebida nos depoimentos de antigos moradores.

Em suma, o livro URCA 100 ANOS é mais um documento para conhecimento da história da cidade do Rio de Janeiro. Ele também serve de estímulo para outros interessados em documentar a história atualizada de bairros do Rio.

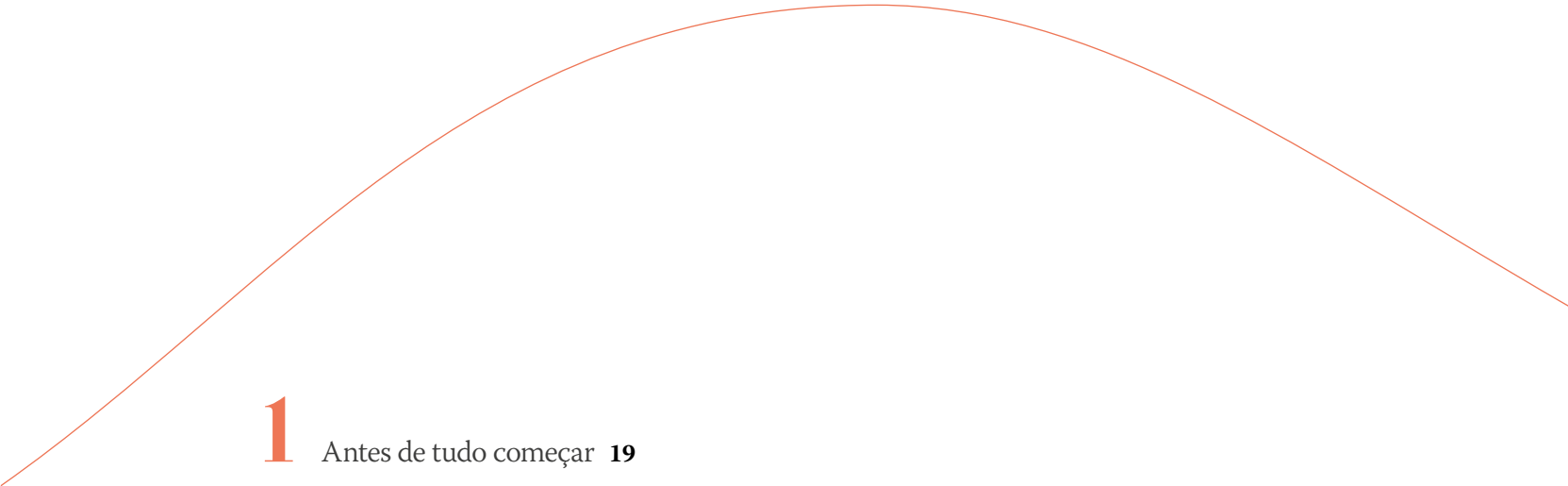
Boa leitura.

Luiz Fernando Janot

Arquiteto e Urbanista



Sumário

- 
- 1** Antes de tudo começar **19**
 - 2** O surgimento da Urca como bairro e projeto urbanístico **33**
 - 3** Cenário de histórias **43**
 - 4** Nos prédios históricos, um notável legado **63**
 - 5** Um delicado diálogo **115**
 - 6** Caminho afetivo pelos monumentos **159**
 - 7** Ações múltiplas, um só coração de amor pela Urca **185**
 - 8** A Urca pelos seus moradores **207**
 - 9** Novos tempos, novos desafios **241**
- Sobre a autora **248**

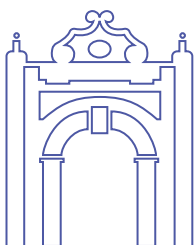




1

Antes de tudo começar





Um século!

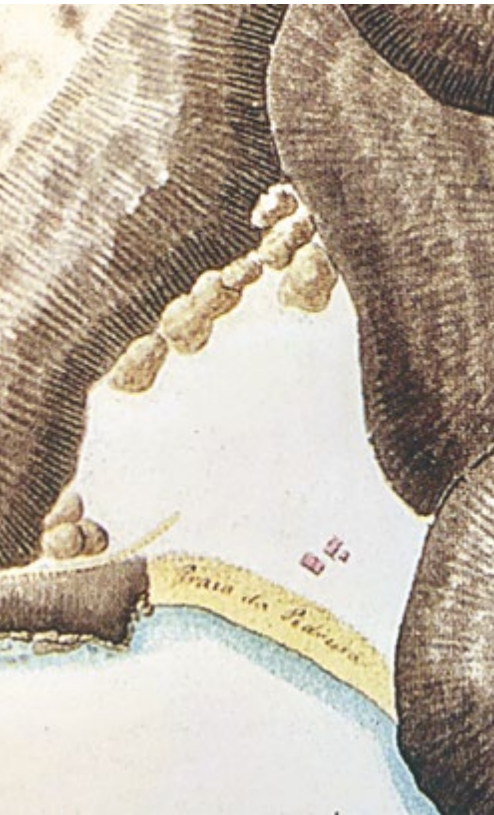
O tempo histórico pode nos dar a falsa impressão de que o passado está distante, perdido nas brumas da memória, estanque, separado do nosso presente. Mas, na verdade, o tempo é dinâmico e estendido. A janela que abrimos para o passado pode ter um alcance longo e então, quando percorremos o desdobramento dos acontecimentos, das vidas, dos anos, das décadas e até dos séculos, localizamos o fio do tempo em que estamos embarcados, unindo o ontem ao hoje.

Este olhar sobre a Urca traz essa dimensão ampla estendida no tempo. Um tempo contínuo onde vemos agora, no nosso cotidiano e no nosso entorno, mergulhados no cenário atual, o legado dinâmico de como tudo se construiu e se transformou, configurando uma história viva do bairro.

Mas toda história tem uma pré-história, digamos assim.

Tudo começou lá atrás, bem lá atrás na dimensão temporal, muito antes da data que consideramos o ponto de partida desta história secular. Pois, antes de ser um bairro, a Urca era apenas um espaço de terra não demarcada no início da própria cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Mapa do Rio de Janeiro publicado pelos holandeses no ano de 1624. Rio Genero, 1624. Acervo John Carter, Brown Library



Acima: Praia da Pedreira, aquarela

À direita: Rio di Gennaro, C. Séc. XVIII, gravação de Hue Vincent. Cidade do Rio de Janeiro com suas principais fortificações, praticamente idêntica à carta do Frei Santa Teresa de 1698



Um tempo após a descoberta do Brasil em 22 de abril de 1500, a Coroa portuguesa tomou medidas visando expandir seus domínios. Afinal a Espanha, importante potência europeia rival de Portugal na época, também estava de olho nas Américas, como resultado das descobertas de Cristóvão Colombo e de Pedro Álvares Cabral.

Dom Manuel I, rei de Portugal, organizou uma série de expedições para explorar, reconhecer e demarcar as “terras de águas infindas” descritas por Pero Vaz de Caminha, escrivão da frota de Cabral. Em maio de 1501, saiu de Lisboa a primeira expedição exploradora da costa brasileira.

O registro do que aconteceu na viagem está na carta de Florentino Américo Vespúcio a um amigo. O escriba descreveu o “Novo Mundo” como a ideia do paraíso na Terra e assinalou fatos extraordinários, como a descoberta da Baía de Guanabara em 1º de janeiro de 1502, assim como a definição do seu nome de batismo.

Ao encontrar águas calmas, depois de atravessar a estreita barra da baía, os portugueses julgaram estar em uma grande ria, denominação de um canal

ou estreito que desemboca no mar. Como não havia santo para o dia de ano novo, o comandante achou por bem batizar aquelas águas de Rio de Janeiro. Na ocasião, junto à foz do Rio Carioca, fonte de água potável, os portugueses teriam construído a primeira “casa de pedra” vista nessas terras.

Felizmente para a Coroa portuguesa, somente muito tempo depois outros europeus, especialmente franceses, também se aventuraram pela Baía de Guanabara. Enquanto Portugal se dedicava ao comércio das especiarias com as Índias, deixando no Novo Mundo poucos súditos, abandonados à própria sorte, aventureiros e corsários franceses espalhavam-se pela costa brasileira. Misturavam-se aos tupinambás, tabajaras e tupiniquins, e com eles estabeleciam amizade e comércio.

Os que chegavam à Baía de Guanabara notavam a grandeza da região pelo destaque da natureza paradisíaca e das montanhas. Esse cenário de europeus envoltos pela beleza local sinalizava um futuro caracterizado pelo domínio da civilização europeia nos trópicos.

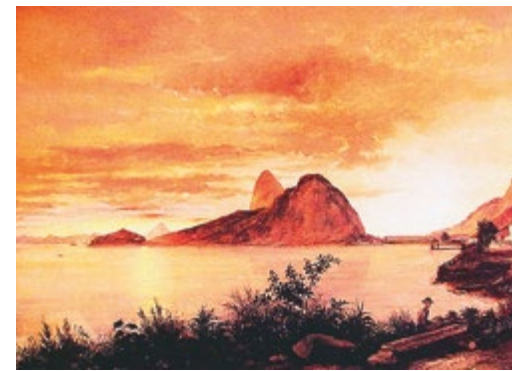
Em 1555, mais de seiscentos franceses sob o comando de Nicolas Durand de Villegagnon desembarcaram e estabeleceram-se na Baía de Guanabara a fim de instalar uma base militar e naval. Segundo historiadores, de 1555 a 1567, a colônia fundada no Rio de Janeiro pelo oficial francês, conhecida como França Antártica, foi uma realidade. Em 1560, Portugal enviou uma expedição organizada por Mem de Sá com intuito de retomar o domínio local. Somente cinco anos depois, o capitão-mor Estácio de Sá, sobrinho de Mem de Sá, teve por missão expulsar definitivamente os franceses.

A expedição de Estácio de Sá estabeleceu uma pequena vila fortificada à entrada da barra em 1º de março de 1565, que recebeu o nome de São Sebastião do Rio de Janeiro em homenagem ao santo São Sebastião e a Dom Sebastião I, rei de Portugal morto na batalha de Alcácer-Quibir no Marrocos em 1578. O local do desembarque e da fundação da vila era uma pequena faixa de terra na “várzea” entre os morros Cara de Cão e Pão de Açúcar, atual Praia de Fora, nos terrenos da atual Fortaleza de São João. Vale notar que o conjunto dos morros Cara de Cão, Pão de Açúcar e da Urca era isolado do continente, formando o que se conhece como Ilha da Trindade.

Os portugueses estabeleceram-se nessa várzea justamente pela proteção que oferecia contra o ataque dos índios tupinambás, também chamados tamoios, que dominavam a Baía. Após o desembarque, foi erguida uma ermida de taipa e sapê para abrigar a imagem de São Sebastião. Estácio de Sá, morto em 1567,



Gravura: Thomas Ender,
Cercanias de Botafogo,
1817-1818, aquarela
e lápis, Academia de
Belas Artes de Viena



foi enterrado nessa capela. Seus restos mortais ali permaneceram até 1583, quando foram trasladados para a Igreja de São Sebastião, no Morro do Castelo. As primeiras casas e uma igreja surgiram na área onde hoje se encontram a Fortaleza de São João e a Escola de Educação Física do Exército.

Desde quando os primeiros europeus vieram do mar, decididos a construir a cidade de São Sebastião, a natureza foi gradualmente sendo domada, apesar de sua exuberância. Pântanos secos, morros arrasados e escavados, cursos de água canalizados, praias modificadas. E o mar foi obrigado a recuar.

A mudança posterior da cidade para o Morro do Castelo foi escolha de Mem de Sá, governador geral do Brasil, motivada pela ausência de água potável na vila inicial. Isso obrigava os colonizadores a se exporem cada vez que se dirigiam ao Rio Carioca em busca de água. A Vila ou Cidade Velha, como foi chamada, passou a ser usada somente na defesa da Baía de Guanabara. Ficou assim isolada do núcleo da cidade, notabilizando-se sobretudo pela Fortaleza de São João.

A Praia Vermelha, por sua vez, só passou a existir depois de um aterro feito entre 1659 e 1660 pelo então governador do Rio de Janeiro, Salvador Correia de Sá. Os primeiros prédios que ocuparam a área tinham por objetivo a defesa militar. A localização era perfeita.

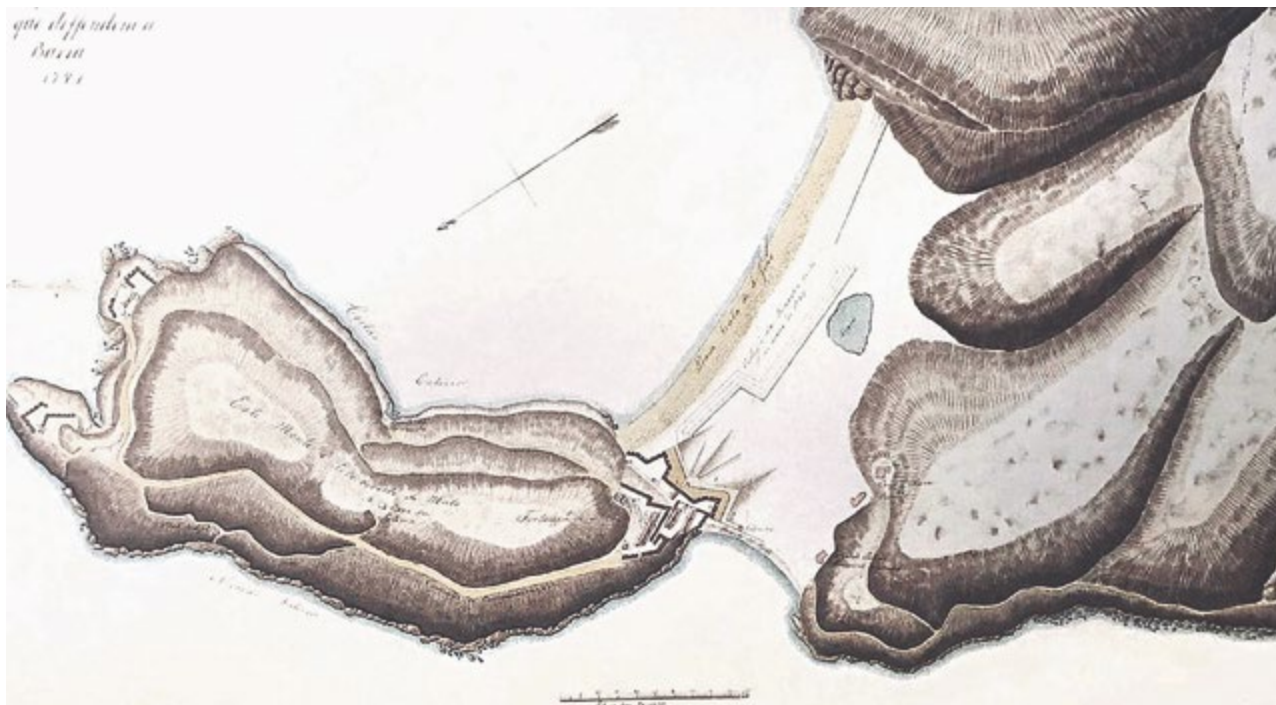
Logo no início do século XVIII, foi construído um forte para guarnecer tanto a Praia Vermelha quanto a entrada da Baía de Guanabara. Em 1856,

Esquerda: Aparência do Rio de Janeiro, 1666, manuscrito aquarelado sobre papel, João Teixeira Albenaz, "O moço", Mapoteca do Itamaraty, RJ. O Mapa indica o avanço da povoação em toda a orla da baía, mostrando engenhos, vilas, fortificações e igrejas. Alguns rios, morros e ilhas

Direita: Entrada da Baía do Rio de Janeiro, 1860. Litografia aquarelada, George Lathan Hall. Tomada de Santa Tereza, Acervo Banco Itaú S.A.



Vista do Pão de Açúcar,
1827. Óleo sobre tela.
Coleção Brasileira,
Fundação Estudar



instalou-se na Praia o Batalhão de Engenheiros; em 1888, bem próximo dali, foi a vez da Escola Militar e de Aplicação, cabendo à Escola Militar fechar a Praia Vermelha e a vista para o mar.

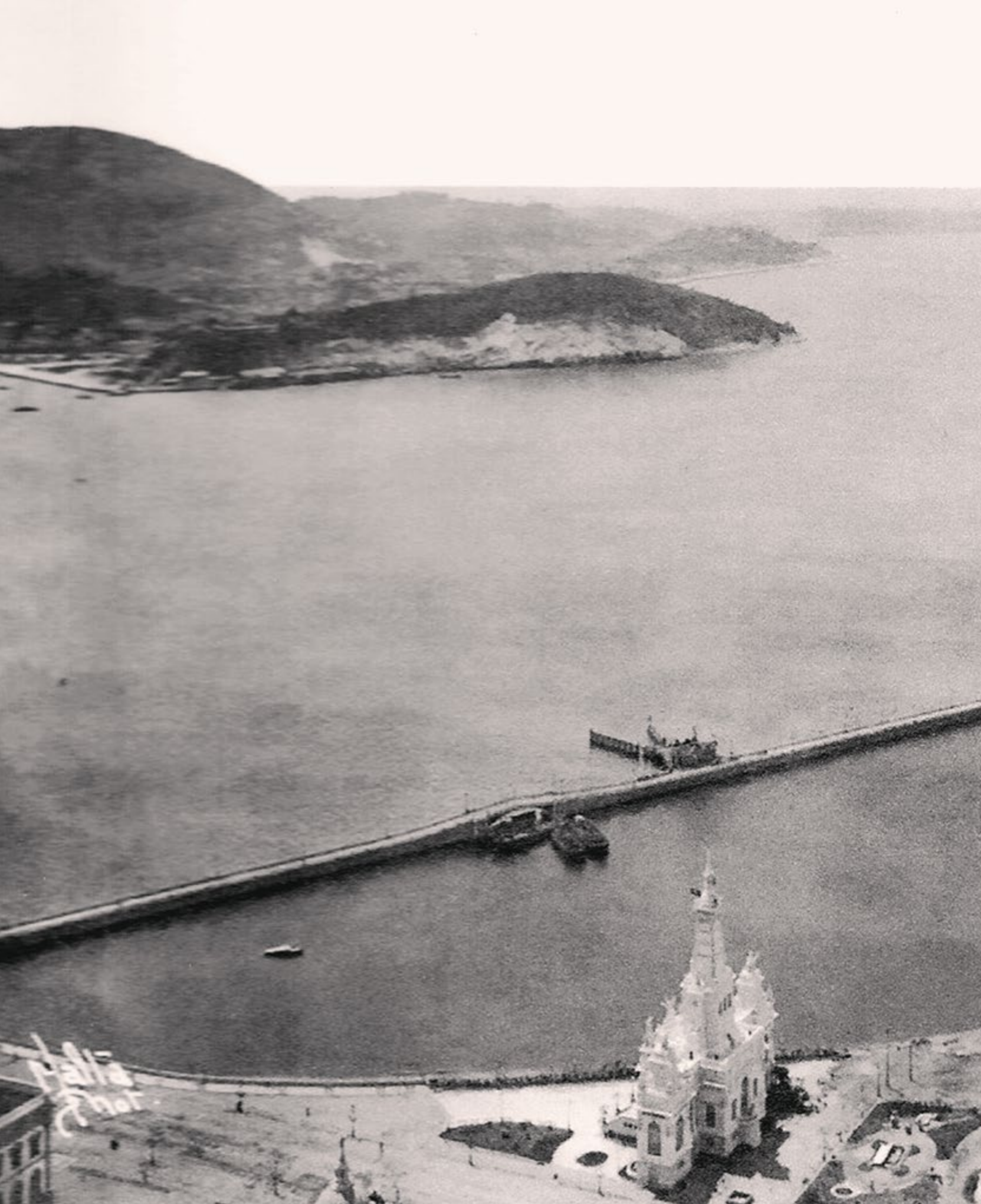
Entre 1870 e 1880, o comerciante português Domingos Fernandes Pinto sonhou em transformar o local numa nova cidade, em que os prédios obedecessem “a um novo estilo, elegante e artístico”. Em 2 de março de 1895, Fernandes assinou contrato com o município para a construção de um cais, ligando a Praia da Saudade (hoje Iate Clube e antes conhecida como Praia Martim Afonso), ao costão do Morro da Urca.

Para obter material para a obra, foi também explorada uma pedreira no próprio penedo da Urca, onde hoje se encontram algumas casas do lado par da Rua Marechal Cantuária. As obras da ponte de acesso (Ponte São Domingos), do cais e do aterro inicial contaram com grande número de trabalhadores e uma draga. Porém, tudo acabou embargado pelo Exército, sob alegação de que a obra prejudicaria a defesa do Forte.

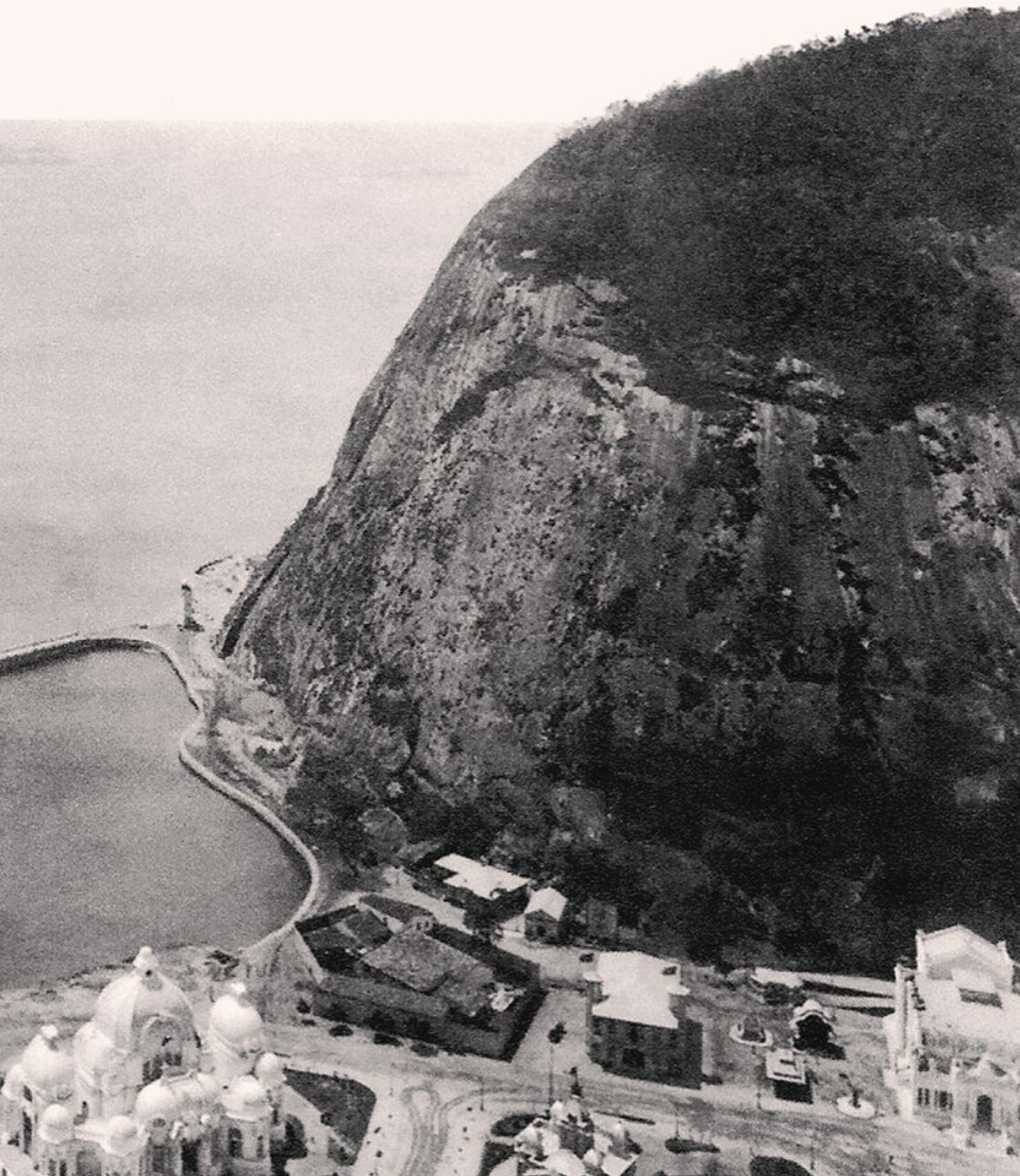
Desenho em aquarela da Praia de Fora do Forte São João e rochedos

P. 28–29: Vista parcial da Exposição Nacional 1908, Ponte das barcas. Acervo Museu Histórico Nacional, Coleção Miguel Calmon. Fotografia Augusto Malta

P. 30–31: Orla atual. Fotografia Custódio Coimbra



Falla Photo



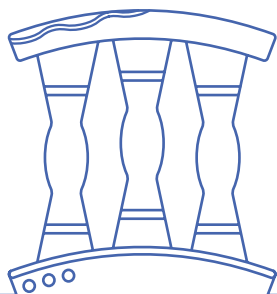






O surgimento da Urca
como bairro e
projeto urbanístico





Quando olhamos para o passado sob a luz do presente, temos a tendência de considerar tanto o tempo quanto o espaço de maneira linear. Mas a história não é simples. A realidade é complexa.

Podemos dizer que cronologicamente existem duas Urcas. Uma Urca antiga, a do Forte São João, a Urca onde Mem de Sá instalou a primeira vila e a estrutura de base para a expulsão dos franceses da Baía de Guanabara. A outra Urca cresceu sobre aterros, como vitrine do planejamento urbanístico da cidade de 1922 a 1930.

Desde Mem de Sá a região já trazia o nome atual. As primeiras instalações militares, casas e igrejas da vila localizavam-se “ao pé do penedo que se vai às nuvens, que se chama Pão de Açúcar”, relata frei Vicente do Salvador. A transferência da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro para o Morro do Castelo fez que a Urca até então existente passasse a ser conhecida como Vila Velha.

As instalações militares prevaleceram até meados do século XIX, entre a Praia da Saudade e a Praia Vermelha, quando na Avenida Pasteur, principal caminho de chegada à região, foram erguidos prédios institucionais. Entre eles,

Antiga Praia da Saudade,
Portal Brasileira
Fotográfica. Acervo
fotográfico Light



Prédio da Escola Militar na Praia Vermelha. Acervo Museu Histórico Nacional, Coleção Miguel Calmon

Avenida Pasteur e acesso à Urca década de 1920, prédio da CPRM. Acervo fotográfico Light

Praia da Saudade. Acervo Museu Histórico Nacional, Coleção Miguel Calmon. Fotografia Juan Gutierrez

o Hospício D. Pedro II, o Instituto Benjamin Constant e o edifício da Exposição Nacional de 1908 (Pavilhão dos Estados), atualmente CPRM, Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais.

O sonho e o esforço do comerciante português Domingos Fernandes Pinto para construção de um cais e de um novo bairro não avançaram. Houve um contrato assinado com a Intendência Municipal para a construção do cais e arruamento do novo bairro, mas o comerciante não conseguiu honrá-lo.

Somente muito tempo depois, em 1921, o prefeito Carlos Sampaio deu início ao desmorte do Morro do Castelo e ao aterro da Ponta do Calabouço, para a Exposição do Centenário da Independência em 1922. Canalizou o Rio Maracanã, alargou a Avenida Niemeyer, saneou a Lagoa Rodrigo de Freitas. Abriu a Avenida do Contorno do Morro da Viúva (atual Rui Barbosa), completando a ligação da Avenida Beira Mar, iniciada anos antes. As novas faixas de terrenos integrados à cidade (incluindo a Urca) caracterizaram o interesse em dar novo valor ao solo urbano do Rio de Janeiro.

A Avenida Portugal foi oficialmente inaugurada pelo presidente Epitácio Pessoa em 1922. A antiga Praia da Saudade viria a ser, mais tarde, a Avenida Pasteur. Logo depois, a prefeitura concedeu terrenos de aterro ao longo da costa para sociedades esportivas. Foi então que surgiu o Fluminense Yacht Club, atual Iate Clube do Rio de Janeiro.

A Praia da Saudade – que formava um istmo inundável com a Praia Vermelha – desapareceu, restando apenas uma pequena baía artificial, alinhada pela Avenida Portugal. Mais adiante, um novo alinhamento da Avenida João Luís Alves transformou a Avenida São Sebastião, que antes despencava sobre o mar em uma via interna.

No ano de 1921 o engenheiro Oscar de Almeida Gama constituiu a Sociedade Anônima Empresa da Urca, para construção do cais, nos termos do contrato de 1919. Esse cais ligaria a Praia da Saudade – na entrada do bairro, atual Avenida Pasteur – à Fortaleza de São João. A construção inicial tinha por objetivo dar acesso à pedreira localizada na atual Rua Marechal Cantuária. Já existia na época uma ponte provisória junto ao Quadrado da Urca. O próprio Forte passou a utilizar um caminho precário pela montanha, quase uma trilha, atual Avenida São Sebastião, até a antiga Praia da Urca.

Após a conclusão desses melhoramentos (ponte e cais), a Urca começou a ganhar status de bairro. Nos festejos de 1922, a Avenida Portugal já estava pronta, assim como o Quadrado, onde se localizava a piscina para competições

de natação, e o Hotel Balneário em construção. Nesta ocasião, o aterro do bairro só ia até a praia.

O plano geral de arruamento e loteamento da Urca foi aprovado no ano seguinte. Entre 1922 e 1935, uma nova empresa completou o aterro do bairro. Os acionistas da Empresa da Urca eram Pinto Carneiro, Angelo Ferrari, Eduardo Parisot e Otávio Moreira Penna, sendo os dois últimos os engenheiros responsáveis pelo aterro que deu contorno definitivo ao bairro. Ergueu-se também a murada de granito que o separa do mar e se criou a praia artificial da Urca, onde ficava o prédio do antigo Hotel Balneário, que depois passou a ser o Cassino da Urca.

As características do traçado urbanístico do bairro e as reduzidas dimensões dos lotes levaram à ocupação essencialmente residencial. No contrato, contudo, já se previa o compromisso de construir uma escola para 200 alunos. Era a Escola Minas Gerais, até hoje formando gerações, destacando-se entre as melhores escolas públicas do Rio de Janeiro.

O avanço da urbanização do bairro ainda enfrentaria um desafio extra. A área estava quase pronta para ser habitada, mas o prédio do Hotel Balneário necessitava de maior proteção contra a água do mar. Foi então que se aumentou a faixa de areia, com os diques de proteção, ficando a praia com a forma que mantém até hoje.

O efetivo início do bairro da Urca, portanto, é de fins de 1922 e início de 1923, quando começou a receber os primeiros prédios.

Na época, órgãos da imprensa criticavam o destino da terra retirada do Morro do Castelo. O volume de terra foi muito maior que a área a ser aterrada junto ao próprio morro. A Urca, porém, não foi objeto de comentários, uma vez que o bairro nasceu com ruas traçadas e alinhadas. Parte do aterro também foi feito com areia da própria Baía de Guanabara, bombeada por meio de uma draga.

A Empresa da Urca foi extinta em 1935. Por sorte, preparava a continuidade de seu trabalho desde 1932, quando foi criada a Companhia Construtora Imobiliária do Rio de Janeiro, de propriedade da própria Empresa da Urca e de Oscar Gama. Incorporada à firma com os terrenos do loteamento e o prédio do Hotel Balneário, a companhia se propunha a construir, comprar, vender, locar bens imóveis, além de gerir ou administrar bens.

Em 1938, a abertura da Praça General Tibúrcio representou a entrega para uso civil, aos habitantes da cidade, da Praia Vermelha. Foi então que os cariocas

Praia da Saudade e
cais. Acervo Museu
Histórico Nacional,
Coleção Miguel Calmon.
Fotografia Juan Gutierrez



Pão de Açúcar, Morro da
Urca e a parte do aterro
e início do arruamento no
Bairro da Urca, Acervo
Museu Histórico Nacional



passaram a conviver com a cena pitoresca do bondinho subindo o Morro da Urca, com a Praia Vermelha, a Praça General Tibúrcio, o Instituto Militar de Engenharia (IME) e o Morro da Babilônia ao fundo. Até o final do século XIX, o bairro da Urca simplesmente não existia, porque as águas da Baía de Guanabara batiam diretamente nas rochas que circundam os morros da Urca e do Pão de Açúcar. Só era possível chegar à Praia de Fora e à Fortaleza de São João de barco, navegando pelo mar.

Mas, de onde veio esse nome dado ao bairro, Urca?

O Morro da Urca era assim designado desde a descoberta. Muitos atribuem o nome Urca à denominação de uma embarcação holandesa de forma muito parecida à do morro. Outros dizem que o nome vem das siglas de “Urbanizadora Carioca”, mas esse nem era o nome da empresa que urbanizou e aterrou o bairro.

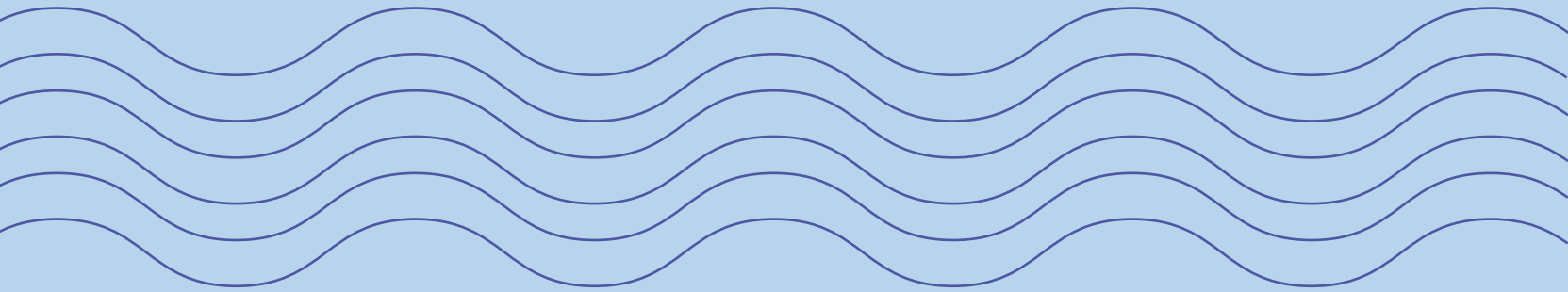
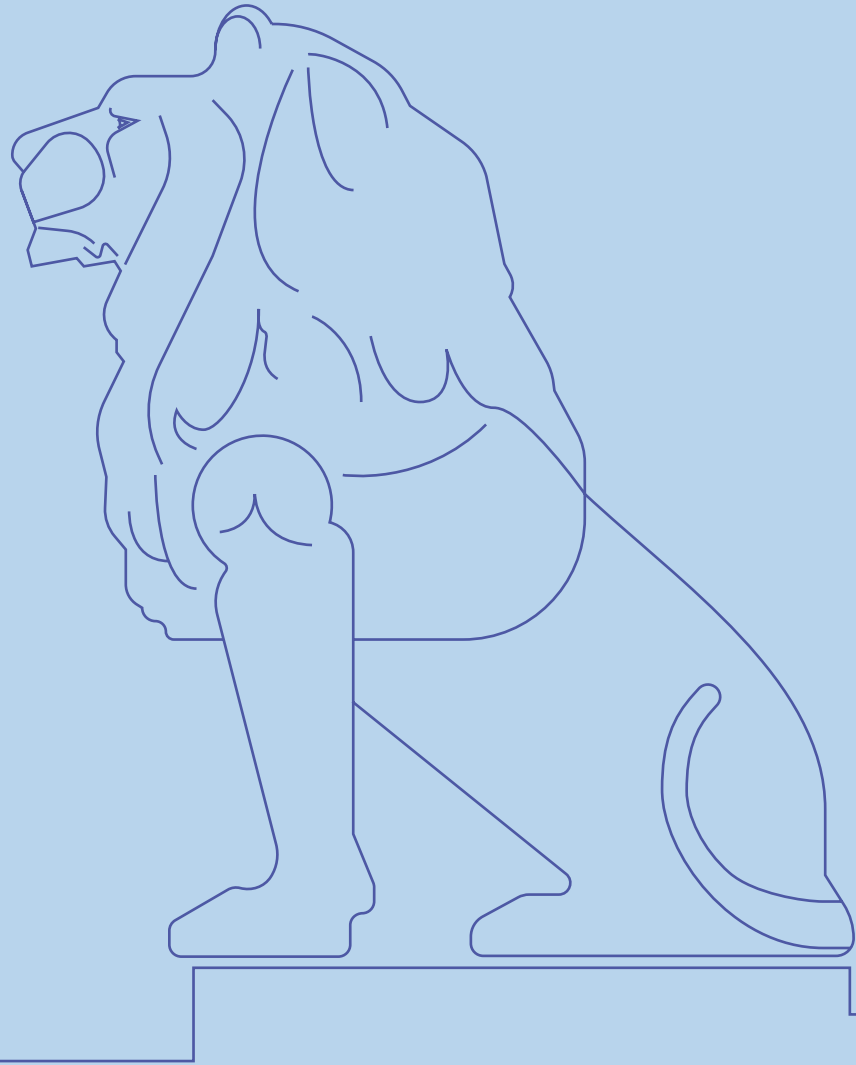
Polêmicas do nome à parte, o fato é que na virada da década de 1930 para a década de 1940 a Urca recebeu um qualificativo charmoso que daria uma aura poética, até romântica, à área. A partir de então a Urca se tornou conhecida como “o bairro dos bangalôs à beira-mar”.

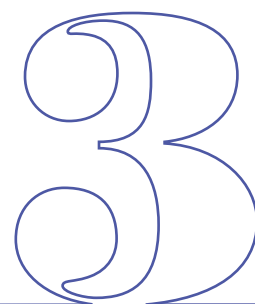


Abertura da Avenida Pasteur, as primeiras construções em área aterrada. Acervo Museu Histórico Nacional, Coleção Miguel Calmon



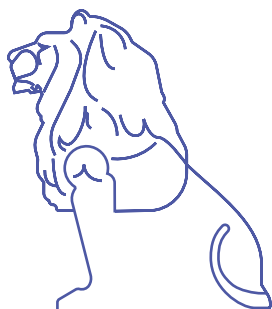






Cenário de histórias





A área abrangida pela Urca se tornaria, ao longo do tempo, um território de identidade social, econômica, cultural e política própria, no contexto urbano da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Seria palco de eventos de grande repercussão e alcance nacional. A manifestação desse destino se esboça mesmo antes da criação do bairro.

“A cidade do encantamento”

Inaugurada em agosto de 1908, a Exposição Nacional, na Praia Vermelha e ao longo da Avenida Pasteur, tentava se igualar às maiores exposições universais dos séculos XIX e XX, e tornou-se um dos mais importantes acontecimentos daquele ano.

O projeto conceitual das exposições estava ligado ao pensamento do século XIX, com base na exaltação ao progresso, identificado com civilização. Outra influência intelectual em voga na segunda metade do século XIX, sobretudo na Inglaterra, foi a doutrina da evolução. As primeiras exposições eram predominantemente industriais, e até as Belas Artes eram percebidas como tal.

Vista da Praia da Saudade com pano de fundo à esquerda parte do Pavilhão dos Estados (atual prédio CPRM) e, à direita, prédio do Instituto Benjamin Constant e ao fundo Hospício D. Pedro II. Acervo Museu Histórico Nacional, Coleção Miguel Calmon



Capa do Catálogo da Exposição de 1908 – Rio de Janeiro. Acervo Museu Histórico Nacional, Coleção Miguel Calmon

As exposições ressaltavam a importância da formulação de um tema. A classificação sistemática cedia lugar, aos poucos, a uma divisão temática, com função pedagógica e de caráter lúdico. Além disso, cada vez mais eram introduzidas atrações de entretenimento, como os panoramas, os cinematógrafos (nome que se dava aos aparelhos de projeção em salas de cinema) e ao cinema em si como nova forma de arte, as rodas-gigantes, os espetáculos pirotécnicos, transformando a exposição cada vez mais “no sonho de toda uma geração” segundo reportagens da época.

A Exposição foi comemorativa dos 100 anos da chegada da família real portuguesa ao Brasil. A grande celebração voltava-se à abertura dos portos. Foi uma espécie de vitrine de um Brasil que queria se mostrar moderno e republicano.

Nesse mesmo ano de 1908, outros acontecimentos importantes ocorreram. A Cruz Vermelha inaugurou sua sede brasileira, houve uma epidemia de varíola no Rio de Janeiro que fez mais de 6.400 vítimas. Ficou evidente que o progresso brasileiro não era tão grande assim.

O Rio de Janeiro vivia um novo momento. O prefeito Pereira Passos (1902 a 1906) introduzira reformas que visavam moldar a cidade aos padrões das metrópoles europeias. Abriu ruas e avenidas, destruiu cortiços, reformulou o centro urbano da cidade demolindo prédios e casas antigas, erguendo novas construções.

A reforma urbana expulsou muitas pessoas do centro e também colaborou para a expansão do processo de favelização da cidade, iniciado com o fim da Guerra do Paraguai. Em meio a tantas obras, muitos moradores perderam suas casas. A reforma urbana custou muito caro para parte da população. Nem todas as pessoas puderam usufruir dos benefícios das mudanças.

Naquele começo de século XX, coincidindo com o início da industrialização no Brasil, o sistema republicano também estava em seus primórdios. Vivia-se a política do café com leite, uma alternância de poder entre as oligarquias de Minas Gerais e de São Paulo. A economia caminhava rumo à industrialização, mas ainda era essencialmente baseada nas exportações de café, borracha e cacau.

Ainda em 1908, o pai da aviação, Santos Dumont, destacava-se como ídolo do Brasil. No campo das comunicações, o país avançava com a fundação de jornais, como a *Gazeta de Notícias*, e da Associação Brasileira de Imprensa, ABI, além do sucesso da revista *O Tico-Tico*, criada em 1905.

A Exposição Nacional, montada na orla entre os morros da Babilônia e da Urca, entre a Praia da Saudade e a Praia Vermelha, mobilizou a cidade e todo o

país. Pavilhões monumentais foram construídos, representando os principais estados da federação. Um boletim comemorativo retratava a situação do Brasil com dados estatísticos, demográficos, territoriais, econômicos e sociais.

A ponte de acesso à pedra da Urca passou a servir de cais para as barcas da Companhia Cantareira que traziam os visitantes diretamente por mar. A Praia da Saudade (hoje Avenida Pasteur) recebeu igualmente um cais, a fim de interligar por barcas a Exposição ao antigo Cais Pharoux, no centro da cidade. Em frente ao acesso da atual Avenida Portugal, que na época era o acesso à ponte, foi construído para a Exposição um portal monumental de 25 metros enfeitado, contando com mais de oito mil lâmpadas.

Avenidas, ruas e praças também foram abertas. O governo investiu muito na montagem da Exposição. O bairro foi ampliado, utilizando-se a então moderna técnica de aterro hidráulico. O aterro entre a Pedra da Urca e a atual Avenida Pasteur formava o início do triângulo onde começa o bairro. Entre a parte aterrada e a ponte da Avenida Portugal, manteve-se uma área de água do mar.

A Exposição estava dividida em quatro seções: Agricultura, Indústria Pastoral, Indústrias e Artes Liberais. Em cada uma delas exibiam-se produtos para futuras negociações.

A Avenida dos Estados era a principal via de circulação da Exposição, cortada por várias outras ruas internas e avenidas que corriam quase todas em direção oblíqua à principal. Foram nomeadas com datas do passado histórico do Brasil. Em seus 30 metros de largura e 480 de extensão, abrigava os pavilhões dos estados da Bahia, de Minas Gerais, São Paulo e Distrito Federal.

Os demais estados expuseram seus produtos no palácio que hoje abriga a Companhia Nacional de Recursos Minerais, pertencente ao Ministério das Minas e Energia. Principal espaço da exposição, o Pavilhão dos Estados ocupava 7.600 metros quadrados e 91 salas. Nos pavilhões, exibiam-se sobretudo produtos naturais típicos de cada estado, assim como artigos manufaturados.

As exposições internacionais da época, que aconteciam em vários países, eram vistas como locais para troca de experiência, debates e exibição do que havia de mais inovador. Na exposição do Rio de Janeiro, Portugal foi o único país convidado e tinha seu próprio pavilhão. Algumas outras instituições como os Correios e Telégrafos, o Jardim Botânico e o Corpo de Bombeiros também montavam pavilhões exclusivos. A Fábrica Bangu, produtora de tecidos desde 1889, expôs maquinários modernos e produtos. O pavilhão do Teatro João Caetano, no sopé do Morro da Urca, recebeu concertos, exposições e peças de teatro.

Primeira coluna:

Entrada da Exposição Nacional 1908 – Portão de entrada com vista para a ponte

Vista da ponte da Exposição Nacional de 1908, ao fundo Pavilhão dos Estados (atual prédio CPRM)

Pavilhão dos Estados (atual prédio CPRM) e Avenida principal

Pavilhão de Minas Gerais

Segunda coluna:

Ponte e o cais das barcas. Ao fundo o costão do Morro da Urca

Avenida dos Estados e à esquerda Pavilhão dos Estados

Pavilhão de Minas Gerais e da Bahia

Pavilhão de São Paulo

Fonte: Acervo Museu Histórico Nacional, Coleção Miguel Calmon



**Primeira coluna:**

Vista panorâmica da
Exposição de 1908

Pavilhão das Indústrias,
Exposição Nacional de 1908

Teatro João Caetano

Pavilhão de Portugal,
Palácio Manuelino

Segunda coluna:

Pavilhão das máquinas

Vista lateral do Palácio
Manuelino, Pavilhão
de Portugal

Prédio do Corpo de
Bombeiros da Exposição
Nacional de 1908

Fonte: Acervo Museu
Histórico Nacional,
Coleção Miguel Calmon



O bonde era o principal meio de transporte público. Foi montada uma estação na Urca que garantia o traslado até a Exposição.

Entre os visitantes, havia forte participação de mulheres e crianças. A Exposição tinha um parque de diversões infantil. A programação de lazer incluía shows de fogos de artifício, regatas, corsos, exibição de filmes, atividades musicais e exposições artísticas. Um bar, restaurantes e um café completavam o ambiente de comodidade e conforto para o público. Um dos restaurantes, o Pão de Açúcar, possuía uma varanda onde os clientes podiam conversar enquanto admiravam a vista da Baía.

A iluminação elétrica também foi uma das atrações. Um chafariz luminoso fazia parte do cenário. O espetáculo de luminárias e queima de fogos era um dos favoritos do público. De origem na China, onde fazia parte de solenidades sagradas, chegou até nós através de Portugal. Tinha tradição remota, vinda das festas coloniais do século XVII. Mas esse espetáculo, assim como todos os divertimentos e festas, nem sempre era visto com bons olhos pelos críticos. O caráter lúdico desviaria a atenção dos visitantes e comprometeria o propósito pedagógico e cultural da Exposição.

A Exposição Nacional de 1908 foi a maior já realizada no país até então, tendo inclusive ultrapassado algumas internacionais, com seus 182 mil metros quadrados. Em 1922, o centro do Rio receberia outra exposição, dessa vez para celebrar os 100 anos da Independência.

A de 1908 durou de agosto a novembro. Em apenas três meses recebeu mais de um milhão de visitantes, número esse bem expressivo para um país que tinha 22 milhões de habitantes na época. O Presidente da República, Afonso Pena, exibia com orgulho às autoridades e ao povo a modernidade e a exuberância do país. Foi também uma oportunidade de mostrar as reformas urbanas da Capital Federal, algumas delas implementadas por conta da Exposição.

A Exposição Nacional serviu para mostrar aos brasileiros e ao mundo um país moderno e progressista, dizem historiadores. Um boletim comemorativo foi traduzido para o francês, oferecendo uma análise do desenvolvimento brasileiro ao longo de um século. Havia um interesse muito grande em divulgar, por meio de estatísticas, que o Brasil tinha progredido.

A arquitetura no cenário das exposições pode ser considerada ponto de partida no processo de sedução, com construções que vieram a ser “celebradas como maravilhas da época...”, conforme registrou o Guia da Exposição do Rio de Janeiro. “No entanto, assim como surgiram, estavam fadadas a desaparecer pela



Primeira coluna:

Exposição de 1908 à noite com iluminação

Vista panorâmica aérea da Exposição Nacional de 1908

Pavilhão de Minas Gerais e visitantes da Exposição

Segunda Coluna:

Vista panorâmica da Avenida dos Estados da Exposição Nacional de 1908

Pavilhão da Fábrica de Tecidos Bangu

Fonte: Acervo Museu Histórico Nacional, Coleção Miguel Calmon



**Página seguinte,
primeira coluna:**

Pavilhão da Bahia

Pavilhão anexo Bellas Artes

Portão entrada da
Exposição Nacional de 1908

Segunda coluna:

Pavilhão de Minas Gerais

Vista geral da Avenida
dos Estados da Exposição
Nacional de 1908

Fonte: Acervo Museu
Histórico Nacional,
Coleção Miguel Calmon

mesma mágica que as criou”, pontuou Pascal Ory em *Les Expositions Universelles de Paris*. Podemos analisar as exposições como um campo de experimentação para a arquitetura, considerando as questões conceituais, técnicas e formais. A história da exposição mostra não apenas a evolução das construções em ferro, mas também importantes mudanças no sentido estético.

Empregaram-se novas técnicas, novos materiais e infraestrutura inovadora para a construção dos pavilhões. Era a modernidade chegando. De estilo eclético, os pavilhões eram imponentes mas de estrutura frágil, uma vez que a intenção era que fossem posteriormente demolidos.

Pouco restou dos prédios construídos para abrigar a Exposição. A maioria foi planejada como edificação provisória, feita de madeira coberta com estuque, concebida para durar no máximo 10 anos.

Nem todos os pavilhões eram novos. Como ocorreu com o Pavilhão dos Estados, o Pavilhão das Indústrias também adaptou um prédio já existente, nesse caso as instalações da Escola Militar.

Os únicos pavilhões que ficaram de pé foram o Pavilhão das Máquinas, hoje parte do campus da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e o já mencionado Pavilhão dos Estados, que hoje abriga a Companhia de Pesquisas e Recursos Minerais (CPRM). Parte do Pavilhão de Minas Gerais também resistiu ao tempo, embora muito descaracterizado. É ali que está instalada a atual Escola Municipal Minas Gerais.

Alguns pavilhões foram demolidos logo após o fim da Exposição, como o da Bahia, projetado por Rafael Rebechi. Outros ficaram de pé até 1909, como o de São Paulo, projeto de Ramos de Azevedo, e o da Fábrica Bangu, projeto de Sampaio Correa.

A Exposição Nacional, concebida para louvar a modernidade trazida ao mundo pelo progresso industrial, pelo avanço do capitalismo, pelo sucesso crescente da ciência e da tecnologia e pela expansão do globalismo econômico, assim como para comunicar a reivindicação do Brasil ao status de nação moderna, para o público geral simbolizaria um pouco disso.

O que causou impacto no imaginário popular? Que imagem ficaria fluando, por longo tempo, na memória coletiva?

A prestigiada *Kosmos* – que se apresentava como *Revista Artística, Científica e Literária* – foi muito feliz em expressar o que se pode considerar como a essência simbólica desse grande evento, no seu tempo e lugar. Como classifica a Exposição? “A cidade do encantamento”.





Vista panorâmica da
Exposição, seus pavilhões,
o Pavilhão das Indústrias e
a Praia Vermelha. Acervo do
Museu Histórico Nacional,
Coleção Miguel Calmon

Um desencanto e uma revolta

A febre amarela eclodiu no Rio de Janeiro em 1849, matando naquele ano quatro mil pessoas. O governo respondeu a isso com medidas de saneamento e profilaxia. O isolamento dos enfermos, a drenagem das zonas pantanosas da cidade, a circulação de ar e melhorias no abastecimento de água foram recomendações da Academia Imperial de Medicina diante da epidemia.

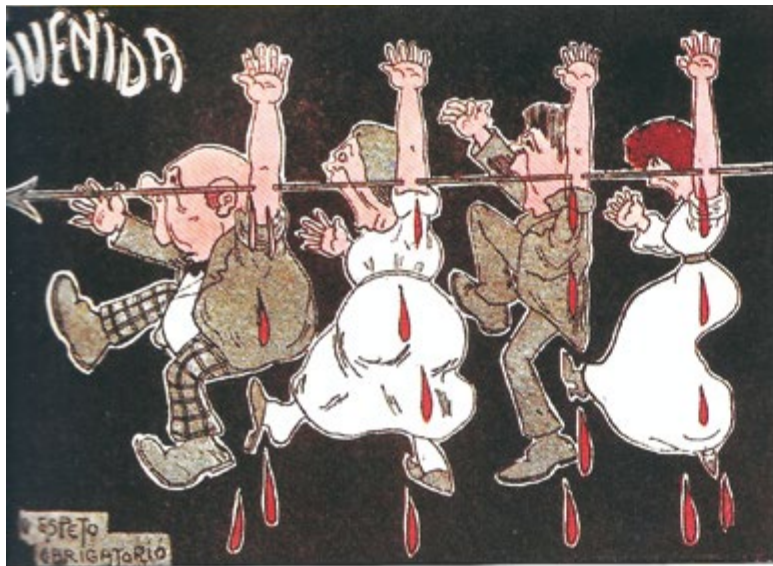
A doença, que parecia vencida em 1862, reapareceu em 1868, tornando-se epidêmica. Para lutar contra esse desafio de saúde pública, seria necessário fabricar vacinas. Criaram-se dois laboratórios no país para isso: o Instituto Soroterápico de São Paulo – hoje Instituto Butantã – e o Instituto de Patologia Experimental de Manguinhos, no Rio de Janeiro, dirigido por Oswaldo Cruz. O Instituto se especializou no estudo de patologias transmitidas por insetos. Assim, Carlos Chagas se destacou na luta contra a malária, e Oswaldo Cruz recebeu a missão do governo federal de erradicar a febre amarela.

No inverno de 1904, uma violenta epidemia de varíola se abateu sobre a cidade do Rio de Janeiro. As autoridades do Distrito Federal impuseram a todos os habitantes a vacinação obrigatória contra varíola em novembro de 1904. Essa medida não demorou a provocar um protesto geral de diversos setores da sociedade carioca. A ideia de deixar-se inocular por uma substância extraída de animais doentes causava revolta em muitos. Seguiram-se manifestações que rejeitavam a vacinação obrigatória.

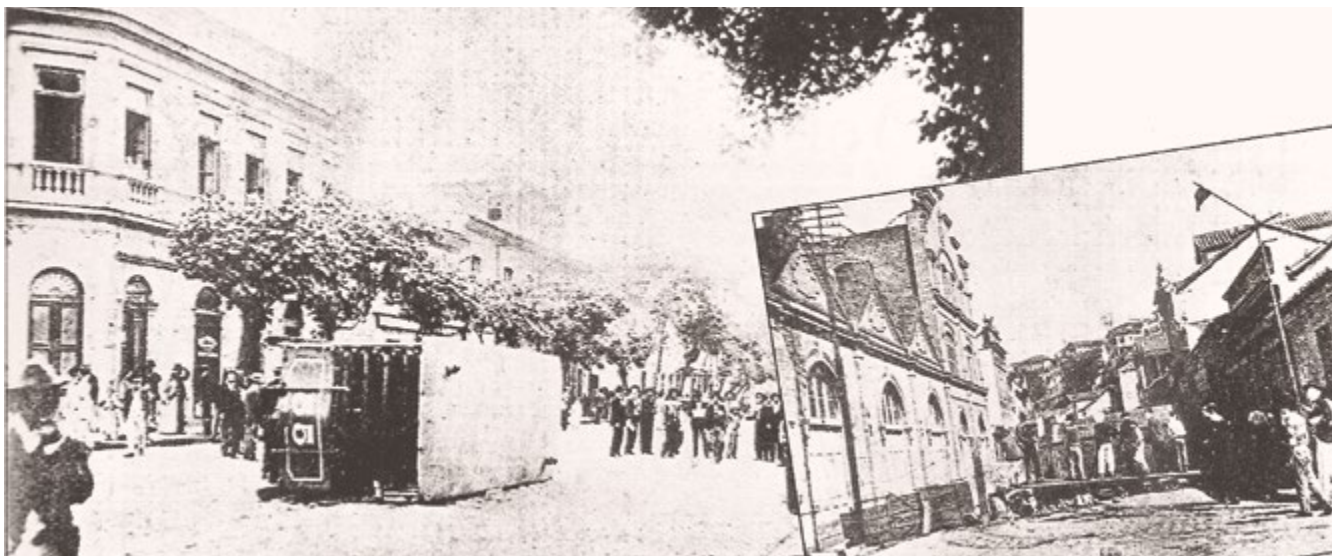
Em 10 de novembro a situação se agravou. Cadetes da Escola Militar da Praia Vermelha, conduzidos pelo senador Lauro Sodré, marcharam para o Palácio do Catete, mas foram detidos pelas tropas legalistas. Os residentes do Bairro da Saúde, próximo ao cais do Porto, por sua vez, resistiram até 18 de novembro.

O resultado desses acontecimentos: 23 mortos, 67 feridos. A “revolta da vacina” confirmou a persistência de um “jacobinismo” latente, mostrando simultaneamente a influência do movimento operário nascente.

Também revelou a resistência popular contra a intervenção dos agentes do Estado, comprovando as tensões ocasionadas por um crescimento demográfico que o tecido urbano não conseguia absorver. Entre 1890 e 1906, a população da capital federal passou de quinhentos mil para oitocentos mil habitantes, sem que houvesse um investimento público proporcional em saneamento, habitação e infraestrutura.



Zina: uma proposta do diabo.



Uma conspiração vermelha

A Intentona Comunista, também conhecida como Revolta Vermelha de 35 ou simplesmente Revolta Comunista, foi uma tentativa de golpe contra o governo de Getúlio Vargas. Realizada em 27 de novembro de 1935 por militares, em nome da Aliança Nacional Libertadora com apoio do Partido Comunista Brasileiro (PCB), na época denominado Partido Comunista do Brasil, traduzia um descontentamento em relação a Vargas e à Constituinte, assim como um temor quanto ao avanço do fascismo integralista. As diferentes tendências de esquerda, opositoras, tentaram então unir suas forças.

Essa conspiração de natureza político-militar situava-se, por suas reivindicações políticas imediatas – de protesto político-institucional contra um governo autoritário –, no quadro dos movimentos tenentistas realizados no Brasil desde a década de 1920. No entanto, essas reivindicações articularam-se, sob influência comunista, à ideia de uma revolução “nacional-popular” contra as oligarquias, o imperialismo e o autoritarismo. Em suas reivindicações menos imediatas, a Intentona Comunista incluía a abolição da dívida externa, a reforma agrária e o estabelecimento de um governo de base popular. Em outras palavras, propunha uma revolução “nacional-libertadora”, que, embora estabelecida por um movimento armado, não se comprometia a ultrapassar o quadro da ordem social burguesa. Assim afirmava um dos líderes, o capitão Agildo Barata.

Essa convergência de influências corporificou-se na pessoa de seu principal líder, Luís Carlos Prestes. Capitão do Exército Brasileiro, líder tenentista convertido

Acima: Dia da Revolta da Vacina, barricada na Gamboa. Coleção O Nosso Século, OGLOBO

Página anterior: Charges de revistas da época sobre a Revolta da Vacina. Coleção O Nosso Século, OGLOBO



Acima: Vista do prédio do 3º Regimento de Infantaria após bombardeio na Intentona Comunista. Coleção O Nosso Século, OGLOBO

Acima à direita: Intentona Comunista. Coleção O Nosso Século, OGLOBO.



ao comunismo, Prestes dirigiu o levante à revelia da liderança formal do Partido Comunista Brasileiro, e em articulação direta com a direção da Internacional Comunista. Essa mantinha junto a ele um grupo de militantes comunistas internacionais, composto por sua companheira, a alemã Olga Benário, além de outros participantes ligados ao Comitê Executivo da Internacional Comunista (CEIC).

O levante eclodiu em pontos esparsos do território nacional, começando por Natal no dia 23 de novembro, chegando ao Recife no dia seguinte e explodindo no Rio de Janeiro em 27 de novembro.

Na capital federal, Agildo Barata comandou o levante do 3º Regimento de Infantaria, na Praia Vermelha. As proporções do movimento foram mais amplas e cruéis no Rio que nas outras regiões do país. Foi deflagrado, simultaneamente, também no 2º Regimento de Infantaria e no Batalhão de Comunicações, na Vila Militar, assim como na Escola de Aviação, no Campo dos Afonsos.

Os amotinados, companheiros de véspera, teriam, de acordo com a versão legalista, ferido e matado indiscriminada e covardemente seus companheiros que dormiam. Essa versão até hoje dá margem a dúvidas, já que os quartéis do Rio estavam em prontidão após os levantamentos revolucionários no norte do País. Em tais circunstâncias, seria extremamente difícil encontrar oponentes inermes a serem massacrados de tal forma.

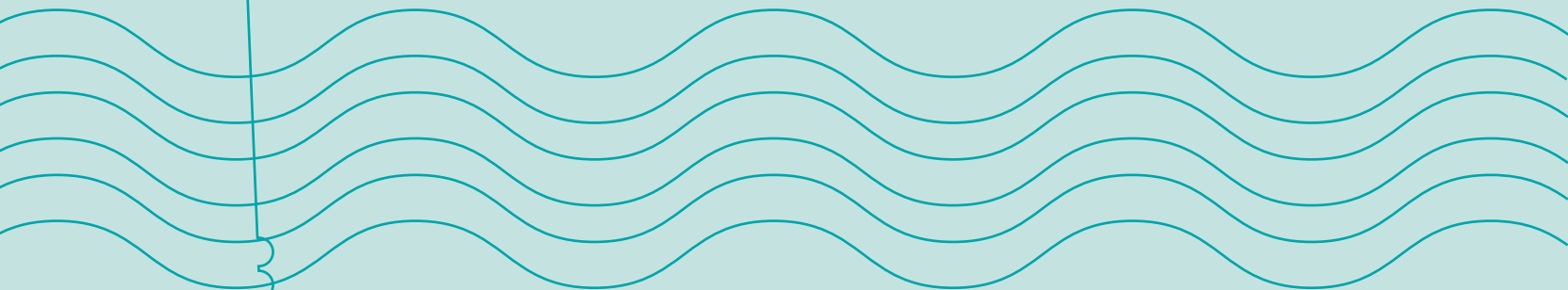
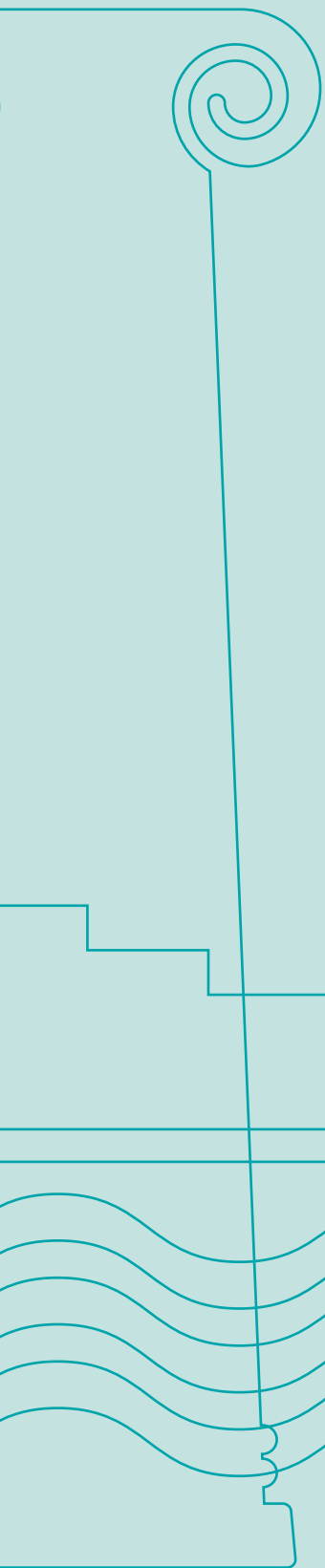
Seja como for, a luta foi dura e sem quartel, com os insurretos tentando expandir a rebelião a todo custo, esbarrando na mais férrea resistência das forças

legalistas. Os amotinados só se renderam no dia 28, hasteando uma bandeira branca num cabo de vassoura. Após a capitulação, os revolucionários do 3º RI saíram escoltados pela Avenida Pasteur, levados para a prisão.

Até o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, eram realizadas pelo Exército Brasileiro anualmente, em 27 de novembro, comemorações públicas em homenagem aos militares legalistas mortos durante a Intentona. Essas comemorações se caracterizavam pela intensidade das manifestações anticomunistas da cúpula militar. Daí terem sido interrompidas as solenidades quando do fim da Guerra Fria e da consolidação do regime constitucional restabelecido em 1985. O monumento aos mortos legalistas, por sua vez, foi erguido na Praia Vermelha em 1940 e restaurado em 2018.



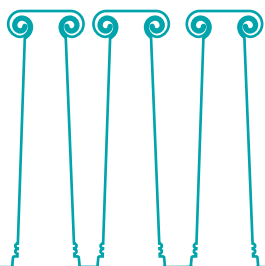






Nos prédios históricos,
um notável legado





Fortaleza de São João

Lá atrás no tempo, os portugueses e primeiros descendentes, moradores da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, tiveram que lutar muito para expulsar os franceses. O padre jesuíta José de Anchieta assim descreveu o começo da movimentação de defesa:

(...) Logo ao seguinte dia, que foi o último de Fevereiro, ou primeiro de Março, começaram a roçar a terra com grande fervor e a cortar madeira para a cerca, sem querer saber dos Tamoios nem dos Franceses, mas como quem entrava em sua terra (...).

Esse foi o ponto de partida do que se tornaria, com o tempo, a Fortaleza de São João.

O conjunto entrou em serviço oficialmente com o nome de Fortaleza de São João da Barra do Rio de Janeiro, cruzando fogos com a Fortaleza de Santa Cruz da Barra (em Niterói) com o Forte da Lage. Na parte alta do Morro Cara de Cão foram construídos pequenos fortins, também chamados de bateria de

Página anterior: Prédio da CPRM na Avenida Pasteur. Acervo Museu Histórico Nacional, Coleção Miguel Calmon



Reduto São José. Acervo
EEFEx (Escola de Educação
Física do Exército da
Fortaleza de São João)

São Martinho (1565), São Teodósio (1572), São Diogo (1618) e Forte São José (1578/1872).

O Forte de São José é a obra de arte mais apreciável do complexo arquitetônico. Construído com blocos de granito em cantaria, possui um paiol, à prova de balas da época, e uma galeria com 17 casamatas e canhões coloniais. O paiol foi transformado em Museu Histórico da Fortaleza de São João. Todo o complexo foi muito importante na defesa da barra pelos portugueses.

As defesas da cidade foram reforçadas por Sebastião de Castro Caldas, governador da capitania entre 1695 e 1697. Essa medida se mostrou fundamental poucos anos depois. Em 1710, os portugueses repeliram a esquadra do corsário francês Jean-François Duclerc. No ano seguinte, porém, outro corsário francês, René Duguay-Trouin, invadiu a cidade com dezoito navios.

A expulsão definitiva dos franceses suscitou o seguinte registro pelo padre José de Anchieta:

O Relatório do Marquês de Lavradio, Vice-Rei do Rio de Janeiro, entregando o Governo a Luís de Vasconcelos e Sousa, que o sucedeu no vice-reinado, datado do Rio de Janeiro em 19 de junho de 1779, informa:

Reedifiquei as defesas da Fortaleza de São João: fiz-lhe algumas de novo, e pus-lhe mais francas as suas comunicações, e projetei uma obra semelhante à da Praia de Fora na praia que fica encostada ao Pão de Açúcar, e encostada à fortaleza. Esta é feita de terra e faxina, pelo tempo não dar lugar a ser construída de outra forma. Estava já com bastante adiantamento quando chegou o tratado da paz, parei com aquele trabalho, e se acha no estado em que Vossa Excelência verá.



REDUTO DE SÃO JOSÉ

Em 1872 o Reduto de São José foi inteiramente reformado e equipado por ordem de D. Pedro II, em consequência do episódio conhecido como *Questão Christie*. Passou a ter um conjunto de 17 casamatas, construídas em pedras em cantaria, encimadas por plataformas e parapeitos, todos em granito. O conjunto foi completado por um grande paiol em abóbada, à prova das armas da época. Foi equipado com 15 canhões anticarga Whitworth calibre 70 libras nas casamatas e 20 canhões de calibre menor.

Destaque para o portão, o mais antigo exemplar do gênero na cidade e um dos poucos elementos remanescentes do conjunto primitivo. Construído em alvenaria, tem vão em arco de três centros, flanqueado por pilastras e coroado por frontão com coruchéus e volutas. Merecem destaque também as arcadas e abóbadas do Forte São José, que, voltado para o mar, constitui um dos redutos que compunham a fortaleza. Além do portão e do Forte São José, destacam-se ainda alguns trechos de muro que, construídos em talude, apresentam guaritas cilíndricas nas extremidades.

Pode-se conhecer a Praça da Fundação da Cidade, onde o piso geométrico, em pedra portuguesa, faz o desenho da Cruz de Malta, contornada com fibra ótica. Pode ser observada do Pão de Açúcar ou dos aviões que fazem a rota Rio-São Paulo.

Ao lado da Praça, também receberam iluminação especial as muralhas históricas dos Redutos São Martinho e São Diogo, assim como o portal da muralha, tombado pelo IPHAN.

Os visitantes podem ainda optar entre conhecer o Morro Cara de Cão, considerado Área de Preservação Ambiental pelo IBAMA, ou visitar o Museu do Desporto do Exército, já que a Fortaleza foi o primeiro Centro de Capacitação Física do Brasil.¹

1 Texto de autoria do coronel Thadeu Marques de Macedo e Carlos Alexandre Rodrigues.

P. 68: Portal do Forte de São João à noite. Acervo EEFEEx (Escola de Educação Física do Exército da Fortaleza de São João)

Entrada do reduto de São José. Acervo EEFEEx

P. 69: Praça da Fundação. Acervo EEFEEx

Fortaleza de São João. Acervo EEFEEx







Vista aérea da Fortaleza de São João com Escola de Educação Física e Praia do Forte. Acervo EEFEx



Bondinho do Pão de Açúcar,
operários de manutenção.
Acervo Cia do Caminho
Aéreo do Bondinho
do Pão de Açúcar

Caminho Aéreo – Bondinho Pão de Açúcar

O Bondinho Pão de Açúcar, teleférico que liga a Praia Vermelha ao Morro da Urca e ao Morro do Pão de Açúcar, é uma das principais atrações turísticas da cidade. Seu primeiro trecho, entre a Praia Vermelha e o Morro da Urca, foi inaugurado em 27 de outubro de 1912. Desde então, transportou cerca de 40 milhões de pessoas, mantendo uma média atual de 2.500 visitantes por dia.

Até o início do século passado, o Pão de Açúcar era a maior referência visual não apenas do Rio, mas de todo o país. O Bondinho, quando criado, integrou-se bem a esse cenário. Seu nome vem da semelhança dos carros do teleférico com os bondes que circulavam no Rio de Janeiro, à época de sua inauguração.

A vista da Baía da Guanabara, considerada uma das paisagens mais belas do mundo, era o atrativo que levava curiosos e alpinistas a escalarem o Pão de Açúcar, já em fins do século XIX.

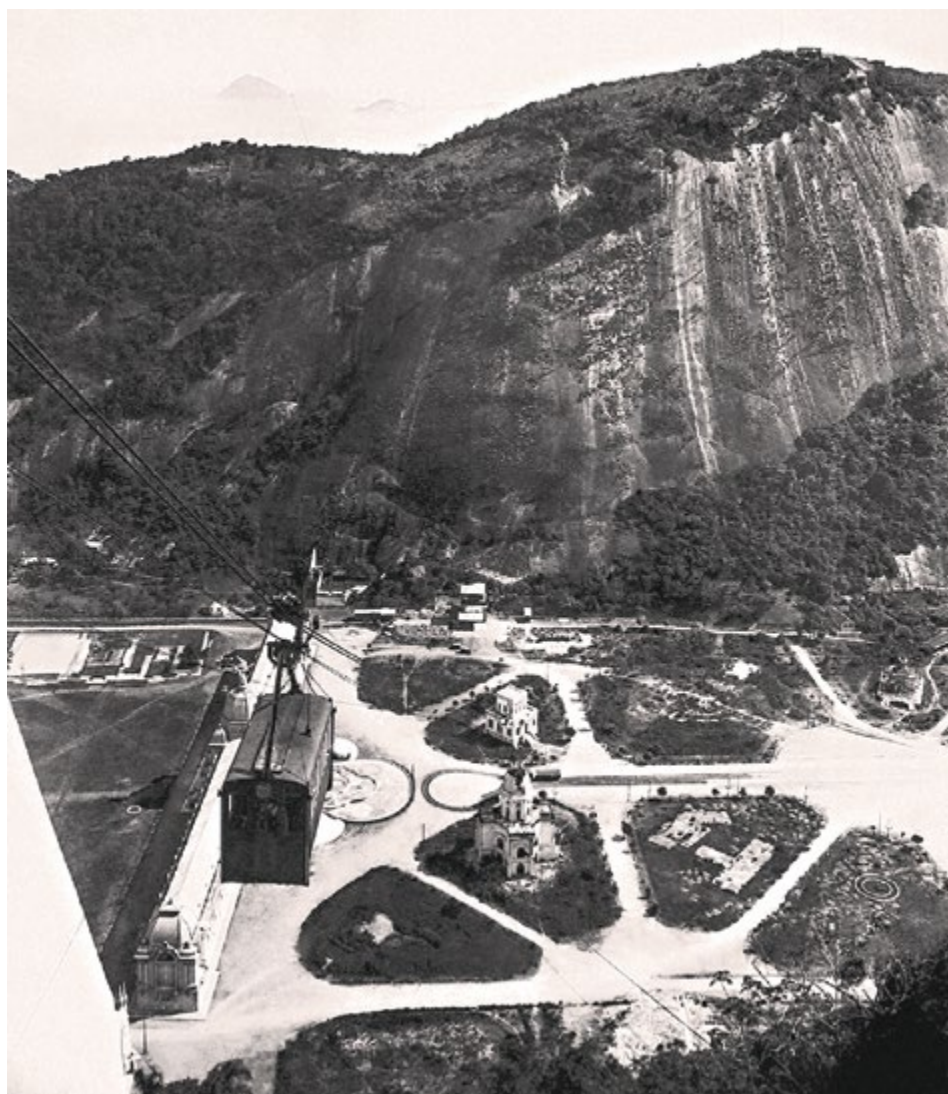
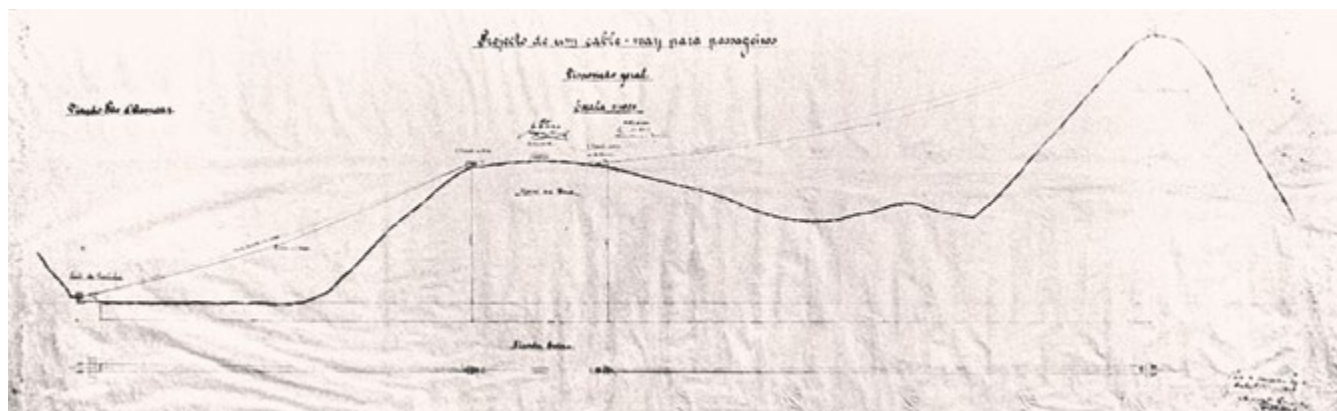
O desenvolvimento das técnicas de engenharia e a realização da Exposição Nacional em Comemoração ao Primeiro Centenário da Abertura dos Portos do Brasil ao Comércio Internacional, em 1908, na Urca, motivaram o engenheiro Augusto Ferreira Ramos a idealizar um sistema teleférico que facilitasse o acesso ao cume do monte. Depois de desenvolver o projeto e analisar sua viabilidade, constituiu a Companhia Caminho Aéreo Pão de Açúcar, em 1911. Partiu então para conseguir parceiros e investidores.

Quando o Bondinho foi construído, só existiam dois no mundo: o teleférico de Monte Ulia, na Espanha, com extensão de 280 metros, construído em 1907, e o teleférico de Wetterhorn, na Suíça, com extensão de 560 metros, construído em 1908. Ramos teve de recorrer a empresários e figuras conhecidas da alta sociedade carioca, como Eduardo Guinle, Raymundo Ottoni de Castro Maya, Comendador Fredolino Cardoso, Manuel Antônio Galvão, Cândido Gaffrée e Virgílio Fortes, para promover a ideia do teleférico.

Uma das primeiras ações dos investidores foi mostrar ao Ministério da Fazenda a importância da obra para a projeção do Rio de Janeiro no cenário internacional. Assim conseguiram no governo mais um aliado para a obra monumental.

O teleférico em si era o menor dos desafios. A grande dificuldade era projetar a obra de engenharia civil e instalar os equipamentos adquiridos na Alemanha. Para sua construção foram necessários mais de 400 operários-escaladores, cada um subindo com algumas peças para os topos dos morros da Urca e do Pão de Açúcar para que fossem montadas. Um guincho auxiliou na subida dos cabos de aço.





Acima: Croqui original do projeto do Bondinho, estação do alto do Pão de Açúcar em construção e Antigo Bondinho

À direita: Vista panorâmica do Bondinho e da Praça Gal Tibúrcio

Fonte: Acervo Cia do Caminho Aéreo do Bondinho do Pão de Açúcar



Página anterior: Bondinho atual do Pão de Açúcar. Fotografia Martha Serra

As obras das edificações das estações e instalação do teleférico começaram em 1909 e duraram pouco mais de três anos. Até hoje é possível ver os pinos colocados por esses escaladores na rocha, na subida, pelo Costão do Pão de Açúcar. Os carrinhos (bondinhos), com capacidade para 22 pessoas, foram importados também da Alemanha.

O trecho inicial, ligando a Praia Vermelha ao Morro da Urca, tinha extensão de 528 metros. Esse foi seu ponto de partida, inaugurado em outubro de 1912. Três meses depois, em 18 de janeiro de 1913, o Bondinho passou a chegar ao alto do Pão de Açúcar.

Augusto Ramos dirigiu a Companhia durante um quarto de século, entre 1909 e 1934, quando foi substituído por Carlos Pinto Monteiro, cuja gestão durou 28 anos. Embora a Companhia tenha sido saneada financeiramente por Carlos Monteiro, em meados de 1960 já estava claro que o Bondinho envelhecera e que não atendia mais a demanda. A missão de modernizar a empresa coube então ao engenheiro Cristóvão Leite de Castro.

Uma segunda linha, paralela, foi inaugurada em outubro de 1972. Os cabos de aço e os bondinhos foram trocados. As novas cabines, importadas da Itália, tinham capacidade para 75 passageiros. Com mais espaço e dois bondes em funcionamento, o fluxo aumentou de 115 para 1.360 passageiros por hora. Posteriormente, a capacidade foi reduzida para 65 passageiros, por questões de conforto.

O presidente John Kennedy, o roqueiro Sting e a atriz Brooke Shields são algumas das celebridades que subiram o morro. O Bondinho também foi cenário do filme *007 Contra o Foguete da Morte*, de 1979, no qual o agente secreto britânico James Bond – interpretado pelo ator Roger Moore – trava um antológico duelo de vida ou morte com o vilão Dentes de Aço, interpretado por Richard Kiel. Ainda em 1979, o equilibrista Steven McPeak caminhou sobre o cabo de aço, no trecho mais alto do percurso do Bondinho. Em 2011, a estação da Urca foi escolhida para o lançamento do filme *Harry Potter e as Relíquias da Morte – Parte 2*, com direito à presença do ator Tom Felton.

Praia da Saudade

A Praia da Saudade localizava-se no que é hoje a entrada da Urca, a Avenida Pasteur. Antes chamava-se Praia Martin Afonso.

Não se sabe ao certo a origem do nome Praia da Saudade. Segundo algumas versões, dali se olhavam os navios partirem barra afora, talvez levando um ente querido. No local havia uma colônia de pescadores.



A partir da década de 1850, com a inauguração do Hospício D. Pedro II, deu-se o início da urbanização dos arredores. Houve ali também um pequeno cemitério, destinado ao sepultamento de internos do hospício. A necrópole acabou sendo transferida para o Cemitério São João Batista em Botafogo, assim que inaugurado, por conta das ressacas que constantemente atingiam as tumbas, desenterrando os mortos.

No começo do século XX, a Praia da Saudade passou a ser frequentada por banhistas e a servir de palco para competições de regatas, já que a Praia Vermelha era inacessível à população por conta da existência do prédio da Escola Militar entre as pedras da Urca e da Babilônia. Em 1908, para a Exposição Comemorativa do Centenário da Abertura dos Portos, igualmente denominada Exposição Nacional, foi realizado o primeiro aterramento da Praia da Saudade, sendo construído um parapeito de pedra ao longo da avenida à beira-mar, batizada com o nome de Avenida Pasteur. A ponte da Urca também data de 1908.

Na década de 1930, a Praia da Saudade foi totalmente aterrada para a construção do Iate Clube do Rio de Janeiro.

Morro da Urca, Praia da Saudade. Cartão-postal da Praia da Saudade. Acervo Biblioteca Nacional



Acima: Foto do prédio da Escola Militar na Praia Vermelha (ao fundo) e Avenida Pasteur. Acervo Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro

Página seguinte: À esquerda, foto aérea da Praia Vermelha. Acervo Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro

À direita, Restaurante Pão de Açúcar. Acervo Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro

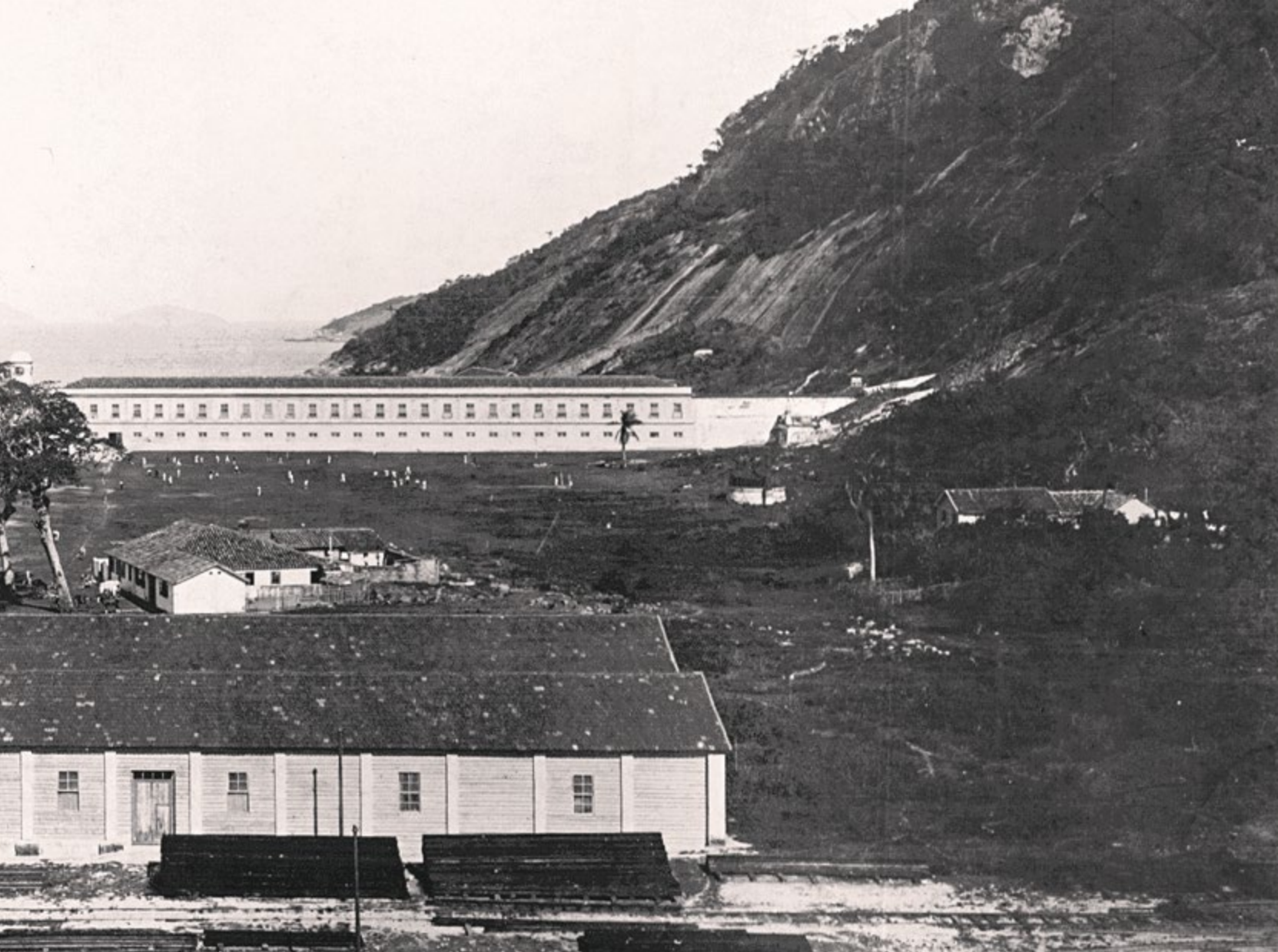
Praia Vermelha

A primeira ocupação da Praia Vermelha, por sua localização, voltou-se para a defesa militar. Assim, logo no início do século XVIII, foi construído um forte para proteger aquela praia e a entrada da Baía de Guanabara.

A partir de 1856 ali se instalaram o Batalhão de Engenheiros e a Escola Militar e de Aplicação, formando-se uma grande edificação entre os morros da Urca e da Babilônia.

Em 1908 a Escola Militar cedeu suas instalações para a Exposição Nacional. Na segunda década do século, o Exército voltou a utilizá-las como Escola do Estado-Maior. A seguir, ali se estabeleceu o 3º Regimento de Infantaria, cujas instalações foram bombardeadas durante a Intentona Comunista de novembro de 1935.

Finalmente, em 1938, a cidade e seus habitantes receberam a Praia Vermelha para uso civil, com a abertura da Praça General Tibúrcio.



Praia Vermelha vista do alto.
Fotografia Bia Novaes

Foto da Praia Vermelha
tirada do Bondinho
do Pão de Açúcar.
Fotografia Bia Novaes





Quadrado da Urca

A Urca guarda uma parte importante e curiosa da história esportiva da cidade.

Na virada das décadas de 1910 a 1930, a Sociedade Anônima Empresa Urca deu forma ao bairro que hoje conhecemos. Nessa época se inaugurou o Quadrado da Urca, que existe até hoje, funcionando como uma pequena marina.

O que nem todos sabem é que o Quadrado fora previsto, no contrato de concessão para a construção do bairro, para ser uma piscina com toda infraestrutura necessária (arquibancadas, plataforma de saltos, traves para o polo aquático) para abrigar as competições aquáticas dos Jogos Sul-Americano. Os jogos foram organizados, junto com a Exposição Internacional de 1922, para comemorar o centenário da independência do país.

As primeiras provas de natação da cidade foram disputadas nas águas da Baía de Guanabara, nas praias da região central. Isso tornava a prática muito suscetível às condições do mar e do tempo, o que contribuía para o forjar de uma representação heroica dos nadadores. Um dos exemplos foi Abraão Saliture, um dos mais incríveis atletas brasileiros de todos os tempos.

O surgimento das piscinas reduziu, de um lado, os atos de heroísmo por ocasião das provas de natação. De outro, contribuiu para a popularização

Foto panorâmica da Praia Vermelha, Quadrado da Urca e ruas adjacentes. Acervo Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro

dos esportes aquáticos, tanto em função do aumento do afluxo de público quanto em razão dos melhores resultados obtidos nas competições, que se tornaram cada vez mais emocionantes. Paulatinamente crescia também o número de praticantes.

Essa piscina foi a principal da cidade até o surgimento da piscina do Clube de Regatas Guanabara, também construída aproveitando as águas da Baía.

O Hotel Balneário, o Cassino e a TV Tupi

AVENIDA JOÃO LUIZ ALVES 13-14

O grande edifício construído nos anos 1920 pela Empresa da Urca no ponto mais central do bairro, projeto dos arquitetos Arquimedes Memória e F. Couchet, viria a tornar o nome da Urca internacionalmente conhecido.

Novos e grandes hotéis surgiam fora do centro da cidade. Nas praias do Russel e do Flamengo, foram construídos os hotéis Glória e Central, esse já demolido. Em Copacabana, construiu-se o luxuoso Copacabana Palace, e na Urca o Hotel Balneário.

O Balneário nunca se tornou um grande hotel na verdade, uma vez que contava com apenas 34 aposentos, mas se tornou famoso quando foi transformado em cassino no ano de 1933. A proprietária do hotel, sucessora da Empresa da Urca, foi transferindo a maioria das ações para o empresário Joaquim Rolla. Ele e seus sócios fizeram o Cassino da Urca viver os anos dourados do jogo e da vida noturna do Rio de Janeiro. No mesmo período também tinham fama o cassino do Copacabana Palace e o Atlântico, no Posto 6.

Além dos jogos de roleta, o Cassino da Urca promovia shows com artistas nacionais e internacionais. Ali se apresentaram astros como Bing Crosby, Tito Guízar, Orson Welles e Josephine Baker, trazidos pelo dinheiro do jogo ou pela política de boa vizinhança, projeto com o qual os Estados Unidos levavam sua música e seu cinema para a América Latina. Entre as atrações nacionais, a famosa Carmem Miranda, que foi, inclusive, moradora do bairro.

Interessado em incrementar o turismo, o presidente da República, Getúlio Vargas, legalizara o jogo em 1933, o que incentivou a abertura de novos cassinos até o final da década. Com o fim da ditadura do Estado Novo de Vargas em 1946, tudo que fosse ligado ao antigo regime deveria ser banido.

Políticos e pessoas ligadas ao governo gastavam muito nos cassinos. O presidente Eurico Gaspar Dutra assinou um decreto proibindo os jogos de azar, mas não os espetáculos, nem as boates, tampouco os shows. O Cassino da



Foto de cima: Cassino da Urca, 1935. Acervo Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro

Foto à esquerda: Hotel Balneário na Urca, livro *A Orla do Rio*

Banhistas na Praia da Urca com Hotel Balneário ao fundo. Acervo Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro



Prédio do antigo Cassino da Urca. Fotografia Eduardo Ribas

Urca e o Cassino Icarahay, em Niterói, foram desativados, mas o Quitandinha continuou como hotel. A desativação do Cassino da Urca fez o bairro retornar à sua vida pacata e de acesso restrito.

Na Praia Vermelha também funcionou desde os anos 1940 uma casa noturna onde hoje se encontra o Círculo Militar. Era o Restaurante e Boite Praia Vermelha. Tempos depois, o empresário Carlos Machado arrendou o local para a montagem de grandes espetáculos, trocando o nome para Boite Casablanca.

Na década de 1950, a chegada da televisão ao Brasil foi a grande novidade no campo das comunicações. O antigo prédio do Cassino abrigou os estúdios da TV Tupi (Canal 6) dos Diários e Emissoras Associados. O velho palco de shows foi adaptado para a televisão. Programas como *Espetáculos Tonelux*, *O Céu é o Limite*, com J. Silvestre, e de auditório, animados por Ari Barroso e Flávio Cavalcanti, faziam enorme sucesso. A emissora fez reviver os tempos do cassino, pois os programas musicais atraíam muito público, em função da popularidade de seus artistas.

Em 1968, o falecimento do empresário Assis Chateaubriand, dono dos Diários Associados, marcou o início da decadência da TV Tupi. Em julho de 1980, a emissora perderia sua concessão, por ordem judicial.

Desde então, várias alternativas de uso foram estudadas para o prédio. Foram propostos hotéis, museus e tantas outras ideias. Em 1987, por lei, o imóvel foi destinado à utilização sociocultural. Depois abrigou o Instituto Europeu de Design (IED), que recuperou e restaurou o prédio da frente. Após licitação em 2020, a Escola Eleva vai se instalar nos prédios.



Prédio da Cia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM), antigo Palácio dos Estados da Exposição Nacional de 1908. Acervo Museu Histórico Nacional

Prédio da Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM)

AVENIDA PASTEUR 404

O edifício começou a ser construído bem antes de 1908, quando abrigou o Palácio dos Estados na Exposição Comemorativa do Centenário da Abertura dos Portos. Curiosamente, o prédio possui uma longa história ligada à ideia da criação da primeira universidade no país.

Desde o Império, foram elaborados muitos projetos para a criação da Universidade do Brasil, mas nenhum foi posto em prática. Em 1880, o engenheiro Paula Freitas projetou um conjunto de prédios para a primeira universidade brasileira, que seria localizado na Praia Vermelha. Entre eles, o edifício destinado à administração, que denominou Curatorium e que, com algumas modificações, é o prédio da atual Companhia de Pesquisas de Recursos Minerais (CPRM).

No início da República, reiniciaram-se as obras, não mais para abrigar a universidade, mas a Escola Superior de Guerra. A construção só terminou em 1908, graças à escolha da Praia Vermelha para sediar a Exposição Nacional.

Majestoso prédio de estilo arquitetônico neoclássico tardio, com elementos de características greco-romanas, é composto de três pavimentos no corpo central e dois nos corpos recuados. A fachada é neoclássica enfeitada com águia e leões, pinturas de Antônio Parreiras e claraboia de vitral monocromático. No frontispício, ao centro do segundo pavimento, erguem-se, imponentes, no pórtico coríntio, quatro grandes colunas em granito com capitéis coríntios. Sobre elas, o tímpano (espaço triangular) em relevo com o brasão das armas da República.

Um ano após o término da Exposição Nacional, o governo federal resolveu instalar no local a Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio, da qual faz parte a Diretoria do Serviço Geológico e Mineralógico. A Secretaria e a Diretoria, juntamente com outros órgãos do Ministério da Agricultura, também foram instaladas no majestoso prédio da Avenida Pasteur.

Em 1934 foi extinto o Serviço Geológico e criado o Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), ainda subordinado ao Ministério da Agricultura. Finalmente, em 1960, com a criação do Ministério de Minas e Energia, o DNPM foi absorvido pelo novo ministério. Em 1969, o prédio passou para o patrimônio da CPRM. Hoje abriga, além de diversas áreas técnicas da empresa, o Museu da Ciência da Terra.

Em 1973, um grande susto. Um incêndio de grandes proporções destruiu os três pavimentos da parte esquerda do corpo central do prédio, atingindo em torno de 1.600 metros quadrados, o que causou danos irreparáveis ao patrimônio nacional. Vários gabinetes técnicos e a biblioteca com enorme acervo na área de geociências foram atingidos.

Apesar da magnitude do sinistro, restaram da construção os vigamentos metálicos, os pisos de concreto e as espessas paredes de alvenaria de pedra que se mantiveram de pé. Depois do incêndio, a CPRM procurou modernizar todas as instalações hidráulicas de combate a incêndios. A área do prédio atingida foi recuperada e, com tanta história, teve seu tombamento solicitado pela Associação dos Moradores da Urca (AMOUR) à Secretaria Municipal de Cultura e Esporte em 1992, sendo aceito em 1994.

Igreja Nossa Senhora do Brasil

AVENIDA PORTUGAL 772

A história de sua construção começa pela iniciativa da Sociedade Anônima Empresa da Urca, representada por seu diretor, Oscar de Almeida Gama, devoto de Santa Teresinha, de doar um terreno na Avenida Portugal para a construção de uma capela. Seria a capela de Santa Teresinha do Menino Jesus.

Coincidentemente, o cardeal D. Joaquim Arcoverde também desejava construir, pelos lados de Botafogo, uma igreja-matriz em honra de Santa Teresinha do Menino Jesus. Como o terreno da Urca era pequeno, determinou então o cardeal que nele se construísse um templo dedicado a Nossa Senhora do Brasil, piedosa invocação da Santíssima Virgem, originária da cidade de Nápoles. E que, em terreno comprado ao Asilo Santa Maria, na entrada do

Túnel Novo, se construísse a Matriz de Santa Teresinha. Assim, a igreja de Nossa Senhora do Brasil passaria a ser a Matriz da nova paróquia, incluindo os bairros da Urca e da Praia Vermelha. Oscar de Almeida Gama aceitou a decisão das autoridades eclesiásticas.

No intuito de satisfazer as determinações da Igreja e ao mesmo tempo contentar o doador, padre Solano Dantas de Menezes, responsável pelo desenvolvimento do projeto, teve a ideia de mandar construir, no andar inferior ao da nave principal, uma capela, espécie de cripta, dedicada a Santa Teresinha.

O projeto arquitetônico é de autoria de Frederico Darrigue de Faro Filho. A construção, em estilo neocolonial hispânico, foi planejada em três pavimentos. No andar térreo foi projetada uma cripta dedicada a Santa Teresinha. No segundo pavimento, visível apenas na elevação sobre a Rua Marechal Cantuária, foi construída a residência paroquial.

Em primeiro de janeiro de 1930 foi lançada a pedra fundamental da futura igreja paroquial, sendo, em seguida, celebrada uma missa campal. A primeira missa no interior da igreja foi celebrada às nove horas do Dia de Natal de 1931, na cripta. Em primeiro de dezembro de 1933 inaugurou-se o altar de Santa Teresinha do Menino Jesus.

A inauguração da igreja ocorreu duas semanas depois, no dia 17 de dezembro de 1933. Finalmente, por decreto do cardeal Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra, foi criada, a 8 de setembro de 1934, a paróquia de Nossa Senhora do Brasil. O primeiro vigário foi o padre Solano Dantas de Menezes. Em 1936, o padre Emmanuel Dornelles Barbosa foi designado vigário Paroquial e em 1938 pároco, sendo substituído pelo padre Antônio José Moraes em maio de 1981. Padre Antônio Moraes é o responsável pela paróquia até hoje.

Ao longo do tempo foram feitas obras de adaptação da igreja, sempre com a preocupação em não alterar o projeto arquitetônico original. As adequações foram feitas no altar-mor, no batistério, na cripta e por outras obras de conservação e manutenção periódicas.

Sobre a origem do nome de Nossa Senhora do Brasil, o Monsenhor Emmanuel Barbosa relatava que “numa certa época, uns capuchinhos de Recife mandaram de presente para o Convento de Nápoles uma imagem que ninguém sabia que imagem era. Mas era uma imagem, talvez, de Nossa Senhora dos Dois Corações. E puseram lá na Igreja de Nápoles”.

Em 1840 a igreja pegou fogo, sendo destruída por completo. Quando foram ver as ruínas pela manhã, encontraram a imagem incólume, vestida de seda azul.

Página seguinte: Igreja N.S. do Brasil, 1930. Acervo Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro

Fachada da Igreja N.S. do Brasil, 2020. Fotografia Eduardo Ribas

Detalhe de fachada da Igreja N.S. do Brasil. Fotografia Eduardo Ribas



Procuraram saber que imagem era aquela. Um italiano disse: “Quella qui è venuta del Brasile”. Desde então ficou com o título de Nossa Senhora do Brasil.

Em 1923, um capuchinho brasileiro em visita a Nápoles encontrou essa imagem. Comunicou a Dom Sebastião Leme, arcebispo do Rio de Janeiro, que mandou então construir a primeira igreja da Urca, com esse nome. A imagem ficou em Nápoles. A que foi feita aqui é uma imagem de Nossa Senhora do Brasil, bem diferente da que ficou lá.

Escola Minas Gerais

AVENIDA PASTEUR 433

A Escola ocupa o que sobrou do Pavilhão de Minas Gerais, da Exposição de 1908. Após o evento, vários pavilhões foram demolidos. Mas esse foi parcialmente destruído, permanecendo apenas o pavimento térreo, convertido em 1922 em uma escola para 200 crianças. Em 1933 passou a ter o uso atual, como escola municipal. Em seu interior, encontra-se um painel de azulejos da década



Escola Municipal Minas Gerais, detalhe da fachada e frontal. Este prédio foi o antigo Pavilhão de Minas Gerais na Exposição Nacional de 1908. Fotografia Eduardo Ribas

de 1950 representando a Pomba da Paz, criada por Pablo Picasso. O prédio é tombado desde 1990.

Instituto Benjamin Constant

AVENIDA PASTEUR 350

A instituição, com o nome de Imperial Instituto dos Meninos Cegos, foi criada pelo imperador D. Pedro II por meio do decreto imperial 1.428 de 12 de setembro de 1854. Foi inaugurada no dia 17 de setembro do mesmo ano, na presença do imperador, da imperatriz Teresa Cristina e de todo o Ministério. No ano de 1872, o imperador D. Pedro II ofereceu ao Imperial Instituto dos Meninos Cegos um terreno de sua propriedade ao lado do Hospício. Assim foi projetado pelo arquiteto Bethencourt da Silva um grande edifício neoclássico com imensas colunas jônicas no pórtico e ornamentação majestosa.

O aumento da demanda pelos cursos resultou na construção do prédio atual, em etapas. A primeira etapa começou a ser edificada a partir de 1890, após a Proclamação da República. Ainda devido à República, a Instituição teve seu nome alterado, a partir de 1891, para Instituto Benjamin Constant. É uma homenagem ao republicano Benjamin Constant Botelho de Magalhães, seu terceiro diretor.

O Instituto teve as portas fechadas em 1937 para a conclusão da segunda e última etapa do prédio, vindo a reabri-las em 1944. Em setembro de 1945 foi instituído o curso ginasial, que veio a ser equiparado ao Colégio D. Pedro II em junho de 1946. Passava, desse modo, a ser oferecida ao deficiente visual a oportunidade de ingresso nas escolas secundárias e nas universidades.

Atualmente o Instituto Benjamin Constant é subordinado ao Ministério da Educação. Constitui-se num centro de referência nacional para questões relativas à deficiência visual. Além da escola, capacita profissionais dessa área, assessora escolas e instituições, além de oferecer reabilitação física.

O Instituto nasceu do sonho de um adolescente, José Álvares de Azevedo, que em 1850 decidiu iniciar uma verdadeira cruzada no Brasil em prol das pessoas fadadas à exclusão social pelo fato de não enxergarem. Cego de nascença, inteligente, filho de uma família abastada do Rio de Janeiro, o menino José foi enviado à França, aos 10 anos de idade, para estudar na única instituição especializada no ensino de cegos do mundo, o Real Instituto dos Meninos Cegos de Paris. Lá, ele teve contato com uma tecnologia que viria a revolucionar não só a vida dele como a dos cegos de todo o mundo, o Sistema Braille de leitura, criado pelo educador francês Louis Braille em 1825.

INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT





Instituto Benjamin Constant
e as sombras das palmeiras.
Fotografia Hugo Hamann

Aos 16 anos, José voltou ao Brasil determinado a difundir o Braille e a lutar pela criação de uma escola nos mesmos moldes daquela em que havia estudado na França. Começou a dar palestras nas casas de família e nos salões da corte. Escreveu artigos nos principais jornais sobre a importância de os cegos terem seu próprio código de leitura.

Foi mais além. Tomou para si a tarefa de ensinar outros cegos a ler e escrever, tornando-se não só pioneiro na introdução do Sistema Braille no Brasil como também o primeiro cego a exercer a função de professor no país.

Foi como professor de uma moça, Adélia Sigaud, que Álvares de Azevedo encontrou a oportunidade de mudar, definitivamente, a história da educação de cegos brasileira. Adélia era filha do médico da corte imperial, Francisco Xavier Sigaud. Por intervenção dele, o jovem professor conseguiu uma audiência com o imperador D. Pedro II, que ficou vivamente impressionado com a demonstração do Sistema Braille. Na ocasião, Álvares de Azevedo apresentou a proposta de se criar no Brasil uma escola semelhante à de Paris.

Da autorização de criação à inauguração da escola passaram-se apenas quatro anos. No dia 17 de setembro de 1854 seria inaugurada, na Rua do Lazareto, número três, no bairro da Gamboa, Rio de Janeiro, essa instituição pioneira em educação especial na América do Sul. A inauguração aconteceu, contudo, sem a presença justamente daquele que conseguiu transformar em realidade seu sonho e a vida de tantos brasileiros. Seis meses antes, Álvares de Azevedo havia morrido, vítima de tuberculose, aos 20 anos de idade.

Dez anos depois, o Instituto foi transferido para o número 17 da Praça da Aclamação, o atual Campo de Santana. Com o advento da República, a escola passou a se chamar Instituto dos Meninos Cegos e, pouco tempo depois, Instituto Nacional dos Cegos.

O aumento do número de alunos, vindos de todos os estados brasileiros, exigiu novas instalações. Para atender à demanda crescente, foi idealizada e construída a sede atual. A mudança definitiva para o majestoso prédio de estilo neoclássico localizado na antiga Praia da Saudade aconteceu em 26 de fevereiro de 1891, poucos meses antes do decreto que mudou novamente o nome da instituição para Instituto Benjamin Constant, que permanece até hoje.

Antigo Hospício dos Alienados D. Pedro II

Até o início do século XIX, os *alienados mentais* não recebiam qualquer tipo de tratamento. Se fossem calmos, ficavam vagando pelas ruas. Se fossem agressivos, ficavam presos e acorrentados em cadeias. Somente em meados do século XIX é que as Santas Casas da Misericórdia brasileiras passaram a receber e cuidar de doentes psiquiátricos.

Em 1841, o provedor da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, José Clemente Pereira, iniciou uma campanha pública para a criação de um hospício de alienados. Em 24 de agosto de 1841 foi lido o decreto imperial autorizando a criação da instituição. O imperador D. Pedro II contribuiu com parte da verba necessária, e a população com o restante.

O edifício, construído entre 1842 e 1852, é um dos expoentes da arquitetura neoclássica do Brasil. O projeto é resultado da colaboração entre alguns dos maiores arquitetos ativos naquele momento: José Domingos Monteiro, Joaquim Cândido Guilhobel e José Maria Jacinto Rebelo.

Os primeiros pacientes do Hospício D. Pedro II vieram transferidos das enfermarias da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro. Os médicos da época passaram a tentar reabilitá-los. No hospício, os alienados participavam de terapia ocupacional em oficinas de manufatura de calçados, artesanato com palha e alfaiataria. No entanto, na época não havia tratamentos biológicos. A forma encontrada para controlar os pacientes mais agitados era trancá-los em quartos fortes e amarrá-los em camisas de força. No final do século XIX, havia oficinas que possibilitavam o aprendizado de habilidades em fundição de ferro, encanamento, engenharia elétrica, carpintaria, marcenaria, manufatura de colchões, tipografia e pintura. Com o advento da República, o hospício foi rebatizado como Hospício Nacional de Alienados.

Em 1893, dentro do hospício, foi criado o Pavilhão de Observação, local destinado a assistência dos pacientes e estudos de psicopatologia. Nesse pavilhão, destinado a atividades acadêmicas, eram administradas aulas de psiquiatria para os alunos da faculdade de medicina. Em 1938, o Instituto de Psicopatologia e Assistência a Psicopatas foi transferido para a Universidade do Brasil. Hoje em dia é o Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPUB).

O Pavilhão de Neurosífilis, destinado ao atendimento de pacientes com essa patologia dentro do Hospício Nacional dos Alienados, tornou-se o Instituto de Neurosífilis em 1927, por meio de decreto oficial. Atualmente esse instituto é um hospital psiquiátrico municipal, o Instituto Philippe Pinel.



Prédio do antigo Hospício dos Alienados D. Pedro II em 1856. Litogravura imperial Eduardo Rensburg





Prédio da Escola de
Infantaria do Exército e ao
fundo prédio do Instituto
Benjamin Constant e
Hospício D. Pedro II. Acervo
Arquivo Geral da Cidade
do Rio de Janeiro

Nas décadas de 1930 e 1940, o então Hospital da Praia Vermelha estava superlotado e decadente. Os pacientes foram gradualmente transferidos para a Colônia Juliano Moreira e para o Hospital do Engenho de Dentro. Em setembro de 1944 concluiu-se a transferência de todos os pacientes. O hospital foi desativado e entregue à Universidade do Brasil. Atualmente esse local é o campus da Praia Vermelha da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O Hospital do Engenho de Dentro passou a se chamar Hospital D. Pedro II, novamente rebatizado como Centro Psiquiátrico D. Pedro II. Atualmente tem o nome de Instituto Municipal Nise da Silveira, em homenagem à renomada psiquiatra que ajudou a requalificar o tratamento psiquiátrico no Brasil.

Universidade do Brasil, atual UFRJ

AVENIDA PASTEUR 250

A Universidade Federal do Rio de Janeiro é descendente direta dos primeiros cursos de ensino superior do Brasil. Criada em 7 de setembro de 1920 por meio do decreto 14.343 pelo então presidente Epitácio Pessoa, a instituição recebeu o nome de Universidade do Rio de Janeiro. Sua história, porém, é bem mais antiga, confundindo-se com a própria história do desenvolvimento cultural, econômico e social brasileiro. Muitos de seus cursos vêm da época da implantação do ensino de nível superior no país.

O edifício que abriga o Fórum de Ciências e Cultura e quatro unidades acadêmicas da UFRJ foi originalmente o Hospício dos Alienados D. Pedro II, dependência da Santa Casa. No centro da fachada principal, o pórtico de entrada conforma pequeno templo de *gnaisse* bege à semelhança de outros monumentos neoclássicos da cidade. Sobre os plintos avançados da escada situam-se esculturas alegóricas da caridade e da ciência.

Esse espaço corresponde internamente ao vestíbulo que antecede a escadaria que dá acesso à capela São Pedro de Alcântara, de 1854. Sobre o vestíbulo, o eixo longitudinal da composição, fica o salão vermelho, a antessala para o salão dourado, de rica decoração.

Para ambos os lados, a partir do eixo central, o edifício desenvolve-se simetricamente em torno de seis pátios internos quadrados, cercados nos dois andares por galerias revestidas com azulejos portugueses.

O projeto é de autoria dos arquitetos Domingos Monteiro, Joaquim Cândido Guilhobel e José Maria Jacinto Rebelo, todos treinados na Academia Imperial de Belas Artes. Exemplo muito representativo da arquitetura neoclássica brasileira.



UNIVERSIDADE DO BRASIL

AVENIDA PASTEUR 280

O Edifício José Bonifácio, que também faz parte do complexo da universidade, apresenta estilo neoclássico vernacular com telhas de faiança portuguesa, pintadas à mão. Foi erguido no século XIX, tendo sido reformado em 1900. Está ao lado do prédio que foi o antigo Hospício D. Pedro II. Quando serviu de instalação da Universidade do Brasil, na década de 1950, ali funcionou a gráfica da universidade. Essa casa foi tombada em 1990.

Antiga Escola Militar da Praia Vermelha (demolida)

A antiga Escola Militar da Praia Vermelha (1853-1904) foi instalada na fortaleza primitiva da Praia Vermelha, projetada em 1698 pelo engenheiro Gregório de Castro Morais e construída no início do século XVIII. Foi parcialmente demolida e reformada em 1907 para abrigar o Palácio das Indústrias, da Exposição Nacional de Comemoração do Centenário de Abertura dos Portos do Brasil, em 1908, mas foi arrasada em 1935, após a Intentona Comunista.

Antiga Faculdade de Medicina (demolida)

Um dos prédios históricos situados na Avenida Pasteur, demolido na década de 1970. Foi inaugurado em 1918 para abrigar a Faculdade de Medicina, com projeto do engenheiro Antônio de Paula Freitas, catedrático da Escola Politécnica. A pedra fundamental da nova faculdade foi lançada em 1881, pelo próprio imperador D. Pedro II. Era o prenúncio da universidade que o governo imperial projetou fundar na Cidade do Rio de Janeiro, o início da primeira universidade do Império. O novo edifício atraía a atenção dos que se interessavam pelo desenvolvimento da educação superior.

Para os terrenos situados atrás da Faculdade de Medicina, foram também projetados prédios para abrigar as Faculdades de Direito, Letras, Matemática e Ciências Naturais, assim como Institutos de Astronomia, Fisiologia, Patologia, Química, Higiene e Medicina Legal, Física e Farmácia. Por ocasião da Transferência da Faculdade de Medicina para as novas instalações na Ilha do Fundão (década de 1960), o prédio foi vendido à Eletrobrás e demolido na década de 1970.

Nos dias atuais, esse terreno que abrigou a Faculdade de Medicina pertence à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, a UniRio.



Antiga Faculdade de Medicina, já demolida. Acervo Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro



Iate Clube do Rio de Janeiro

AVENIDA PASTEUR 333

O Iate Clube do Rio de Janeiro teve sua origem no futebol. Chamava-se inicialmente Fluminense Yatch Club, pois seu idealizador e sócio do Fluminense Football Club, Armando Guinle, pretendia a unificação de ambos. Mas essa ideia não se concretizou.

O futebol foi trazido no início do século XX por brasileiros descendentes de ingleses, suíços e alemães. Em 1901, por iniciativa de Oscar Cox, foi criado em São Paulo o Clube Atlético Paulistano. No mesmo ano, realizou-se o primeiro jogo interestadual entre os jogadores do Rio e os do Atlético Paulistano.

Em 1902 foi fundado o Rio Football Club. Nesse mesmo ano é criado o Fluminense Football Club, que se torna então um dos primeiros clubes de futebol do Brasil.

Na primeira década do século XX o Fluminense cresceu muito, junto com o novo esporte brasileiro. Conseguiu junto ao governo federal concessão de uma área de terreno no Morro da Viúva. No final da década seguinte, porém, o Plano Agache de remodelação urbanística do Rio previa a abertura de uma nova avenida, a Rui Barbosa, que passaria pelo terreno do Fluminense. Desse modo o governo

Iate Clube do Rio de Janeiro em 1949. Acervo Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

Hidroavião na pista
do late Clube do Rio
de Janeiro, 1940



Acidente aéreo com
hidroavião, cerca de 1930



Hangar Darke de Mattos no
late Clube do Rio de Janeiro

late Clube do Rio de
Janeiro, píer dos barcos.
Fotos: Acervo Arquivo Geral
da Cidade do Rio de Janeiro



federal revogou a concessão, trocando o terreno original por uma área situada na Praia da Saudade, hoje Avenida Pasteur 333. Era um terreno de marinha às margens da Baía de Guanabara e do Pão de Açúcar, mantendo sua maior parte no mar, conquistada mediante aterro.

Inaugurado nos salões do Fluminense Football Club por 28 fundadores, o Fluminense Yatch Club teve breve permanência no Morro da Viúva. Nos primeiros anos, as atividades esportivas eram relacionadas a lanchas, aviação, tênis e mais tarde esqui aquático, vela, pesca e pesca submarina.

Em 1920, Arnaldo Guinle, para cumprir compromisso com o governo, se comprometera a construir o Fluminense Yatch Club, e foi o seu primeiro comodoro.

Na sua gestão entre 1929 e 1933, convidou o arquiteto francês Joseph Gire para projetar a nova sede nos mesmos padrões arquitetônicos do Fluminense. O projeto audacioso previa pavilhões, garagem para barcos, hidroaviões e mais o espaço da sede social. Isso excedeu muito os limites do terreno. Quando os fundadores perceberam que o projeto demandaria mais espaço, recorreram ao poder central. Contando com a colaboração do Distrito Federal, obtiveram outras concessões aforadas que completaram o espaço conquistado.

Por conta da burocracia de permuta dos terrenos, porém, passaram-se 10 anos até que foi concedida a implementação das obras e do aterro.

À medida que os aterros se completaram, um alongado terreno deu origem à pista de aviação. Isso resultou na criação da Escola de Aviação Fluminense Yatch Club.

Em 1932 aconteceu a primeira regata de lanchas do clube. A partir de 1934, foi iniciado o projeto da sede, formulado em três edifícios. O primeiro foi o Hangar 2, de aviação. Logo depois surgiu o primeiro edifício ao lado desse hangar. Somente por volta de 1936 é que foi construído o primeiro pavilhão do que seria futuramente a sede. Os demais pavilhões tiveram conclusão somente em 1939.

Em 1935 o clube foi palco relevante da Intentona Comunista. As tropas revoltosas estavam guarnecidas no 3º Regimento de Infantaria, na Praia Vermelha, ocupando toda a área frontal. As tropas legalistas não poderiam assaltar de frente sem sofrer muitas baixas. O único local de onde poderiam atingir com bombardeio os revoltosos era o terreno do Iate Clube. Instalaram então bateria de morteiros junto ao hangar da aviação. De lá começaram a bombardear a guarnição do Regimento, destruindo seu interior. A situação foi ficando insustentável. Os rebeldes acabaram por se render.

Em 1936 foi concedido ao clube um sinal de rádio. O nome foi alterado para Yatch Club do Rio de Janeiro. Até então o terreno era aberto. Uma preocupação era a invasão de pessoas estranhas. Foi em resposta a essa preocupação que o conselheiro Waldemar Sampaio realizou o fechamento do clube com o muro.

O número de sócios inscritos em 1937 era de aproximadamente 400, dos quais somente 40 a 50 eram ativos. Dividiam-se em dois grupos, Aviação e Pesca, de acordo com o esporte favorito. A vela ainda era incipiente, pois havia poucos barcos a vela para a prática dessa modalidade de esporte aquático.

A sede se situava em um dos pavilhões, com uma varanda estreita onde o Conselho costumava se reunir. Mais tarde foram ampliando e construindo os outros pavilhões, unificando-os com a varanda.

Em 1938 foi realizado o primeiro *raid* de aviação civil do Brasil. A aviação havia chegado ao país em 1916, com a formação de núcleos na Marinha e no Exército. Somente nos anos 1920, porém, é que civis viram no avião uma oportunidade de praticar um novo esporte. Daí o departamento de aviação do Clube cresceu, atraindo alunos até mesmo do exterior.

Nos anos de 1940 a 1942 foi lançada a campanha Asas para a Juventude, patrocinada por Assis Chateaubriand a fim de formar novos pilotos para aviação civil. Por conta de alguns acidentes fatais ocorridos, o último registrado com o falecimento de Drake de Mattos, um dos mais ilustres associados do clube, deflagrou-se uma campanha no sentido de interditar esse campo de aviação. Isso acabou resultando no encerramento das atividades aeronáuticas no clube. A hidroaviação durou até 1947. Ao seu final, muitos dos sócios passaram então a desenvolver as atividades náuticas de vela e pesca.

Nas atas do Conselho Deliberativo de 1943 ficou registrado que depois de muitos debates a fusão do Fluminense Futebol Clube com o Fluminense Yatch Club foi desfeita. Os conselheiros examinaram e promulgaram um novo estatuto. Assim, consagraram um novo clube com a liberação da mudança do nome para Iate Clube do Rio de Janeiro, em cuja memória ficarão para sempre os nomes de seus generosos criadores.

Instituto Militar de Engenharia

PRAÇA GENERAL TIBÚRCIO 80

A história do Instituto Militar de Engenharia (IME) está entrelaçada com a história do ensino de engenharia no Brasil.



O ensino de engenharia militar na colônia brasileira remonta à presença do *engenheiro de fogo* Miguel Timmernans por aqui. Ele esteve no Brasil no contexto da segunda das invasões holandesas e da ocupação holandesa no Nordeste, entre 1630 e 1654. Foi contratado pela Coroa portuguesa para a formação de uma escola de aprendizes para a construção de fortificações, muito importantes para a defesa da colônia.

No final do século XVIII, a rainha Dona Maria I de Portugal instituiu em Lisboa a Academia Real de Fortificação, Artilharia e Desenho (1790), autorizando a implantação, no Rio de Janeiro, de uma instituição nos mesmos moldes, a Real Academia de Fortificação, Artilharia de Desenho, inaugurada em 1792.

A escola foi inicialmente instalada na Ponta do Calabouço, na Casa do Trem de Artilharia (atual Museu Histórico Nacional), dedicada a formar oficiais de todas as armas e engenheiros para o Brasil Colônia. Por isso é considerada como a origem do curso de engenharia no Brasil, uma vez que não constituía apenas mais uma aula com um pequeno número de cadeiras, mas um curso completo, com seis anos de duração.

Diante da transferência da Corte portuguesa para o Brasil (1808 a 1821), a instituição foi sucedida pela Academia Real Militar criada pelo príncipe regente em 1810. Após várias denominações, passou a chamar-se Escola Central. Nasceu assim a engenharia no país, com civis e militares estudando juntos no mesmo curso.

Era ministrado um curso de oito anos, dos quais os oficiais de Infantaria e Cavalaria faziam apenas dois anos, e os de Engenharia, os oito. A separação do ensino militar e civil de engenharia ocorreu após a Guerra do Paraguai, com a reforma de 1874. A reforma liberou o Exército da formação de engenheiros para atividades civis, centralizando em uma só escola os estudos militares, inclusive os de Engenharia Militar e Estado Maior.

A mudança do Brasil para o regime republicano em 1889 foi acompanhada pela criação da Escola Superior de Guerra e da Escola Astronômica e de Engenharia Geográfica logo em seguida, em 1890. No século seguinte, à época da Segunda Guerra Mundial, sob a influência dos Estados Unidos foi criado o Instituto Militar de Tecnologia (1941), instalado no atual prédio da Praia Vermelha (1942), iniciando-se assim programas de estudo, pesquisa e controle de materiais para a indústria bélica.

Mais tarde, em 1959, a Escola de Engenharia Militar foi fundida com o

Instituto Militar de Tecnologia, passando a designar-se Instituto Militar de Engenharia, o IME.

A pedra fundamental do edifício que hoje o abriga na Praia Vermelha foi lançada em 21 de junho de 1938, nos terrenos do antigo 3º Regimento de Infantaria, destruído após a Intentona Comunista. O prédio foi inaugurado em 1942, com o início das atividades escolares da Escola Técnica do Exército.

O prédio é de estilo art déco, estilo artístico internacional do Movimento Modernista que influenciou as artes decorativas, a arquitetura, o design, as artes plásticas e gráficas, assim como o cinema. Na Europa se popularizou nos anos 1920, nos Estados Unidos e em outros países nos anos 1930 e 1940. A origem do nome vem da abreviação da expressão francesa *art décoratif* (arte decorativa).

Esse estilo vem ao encontro do desenvolvimento tecnológico e industrial do século XX, aproveitando o design industrial, a produção em escala e a utilização de novos materiais. As fachadas apresentam em geral um estilo elegante, funcional, com o uso de formas geométricas nos volumes e detalhes decorativos. Predominam as linhas verticais, o que proporciona mais elegância e torna as fachadas mais requintadas. Notam-se na fachada as influências do Cubismo, do Futurismo e do Construtivismo.

O IME completou 220 anos de existência em 2012. Durante muitas décadas, o Exército foi a única instituição nacional a formar engenheiros civis. Em 1874, a Escola Central, que funcionava no Largo São Francisco, no Rio de Janeiro, administrada pelo Exército, passou para o controle da Secretaria do Império, criando-se a atual Escola Politécnica da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a UFRJ. Dessa forma, o IME e a UFRJ têm a mesma origem.

O IME continuará capacitando recursos humanos para atender às crescentes demandas nacionais no campo da ciência e da tecnologia, visando romper o hiato tecnológico que separa o Brasil das grandes potências.

Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

PRAÇA GENERAL TIBÚRCIO 125

A transferência da Corte portuguesa para o Brasil também foi o motivo do estabelecimento no Rio de Janeiro do Quartel-General da Corte, que orientava e coordenava as atividades do exército português. No início do século XX, o decreto de 2 de outubro de 1905 criou a Escola de Estado-Maior. Com sua implantação, passaram a ser ministrados regularmente, aos oficiais superiores





do Exército Brasileiro, ensinamentos estratégicos, táticos e logísticos, indispensáveis ao preparo e ao emprego da força terrestre que se modernizava.

Ao término da Primeira Guerra Mundial, em 1918, o governo brasileiro foi buscar na França instrutores especializados na arte da guerra. A Missão Militar Francesa, que se estendeu até 1940, proporcionou atualização aos oficiais da Escola de Estado-Maior em novos processos de combate, táticas das armas, serviços em campanha e chefia militar.

A participação do país na Segunda Guerra Mundial, em particular com a constituição da Força Expedicionária Brasileira, trouxe modificações profundas na doutrina, currículos e métodos de ensino e de trabalho. O próprio ambiente da Escola de Estado-Maior foi modificado. O retorno à Europa dos últimos três membros da Missão Militar Francesa e os acordos militares com os estadunidenses concorreram decisivamente para que essas modificações acontecessem. Abriu-se assim, a partir de 1940, uma nova etapa na trajetória da Escola, marcada por sua instalação definitiva no atual prédio, na Praia Vermelha.

A 26 de janeiro de 1967 foi feita membro-honorário da Ordem Militar de Avis de Portugal. A Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), Escola Marechal Castelo Branco, é o estabelecimento de ensino de mais alto nível do Exército Brasileiro.

Tem a missão de preparar oficiais superiores para o exercício de funções de Estado Maior, comando, chefia, direção e de assessoramento. Além disso,

Acima: Prédio da Escola do Comando Maior do Exército, fachada frontal. Fotografia de Eduardo Ribas

Página anterior: Prédio da Escola do Comando Maior do Exército com Morro do Pão de Açúcar ao fundo. Fotografia de Eduardo Ribas



Prédio do Círculo Militar.
Fotografia de Eduardo Ribas

Página Seguinte: Vista panorâmica do Prédio do Círculo Militar. Fotografia de Eduardo Ribas

coopera com os órgãos de direção geral e setorial no desenvolvimento da doutrina para o preparo e o emprego da força terrestre. Está diretamente subordinada à Diretoria de Educação Superior Militar (DESMil) do Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEX).

Círculo Militar

O Círculo Militar da Praia Vermelha, ou simplesmente O Círculo, como é carinhosamente conhecido, foi fundado em 8 de março de 1957, por iniciativa de alunos da ECEME.

A sede do clube abrigava o Salão Casablanca, uma das mais famosas casas noturnas da capital fluminense. Abrigou igualmente a Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro. Esses registros históricos se fazem presentes até os dias atuais pela designação dos salões Casablanca e Belas Artes, como forma de homenagem a esse passado.



CIRCULO MILITAR DA PRAIA VERMELHA



Escola Municipal EDI
Gabriela Mistral. Fotografia
Eduardo Ribas

Página Seguinte: Detalhe
da Escola Gabriela Mistral
na Praia Vermelha.
Fotografia de Eduardo Ribas

A ECEME colaborou ativamente com a implantação do Círculo, criando sólidos laços que, cultivados permanentemente, fazem do clube uma extensão natural da Escola. Quando de sua criação, o Círculo foi instalado no 14º andar do Edifício da Praia Vermelha (EPV), transferindo-se para sua sede atual no período de 1965 a 1966, após negociações com a Prefeitura do Rio de Janeiro.

Escola Gabriela Mistral

Criada em 1957, destinou-se à instalação de um jardim de infância, após adaptação em prédio que abrigava um balneário anteriormente. Inaugurada em 1958, um ano após a morte de Gabriela Mistral, homenageia com seu nome essa importante poetisa, diplomata e professora chilena, vencedora do Prêmio Nobel de Literatura de 1945.

Com capacidade inicial para 133 crianças, alicerçou sua trajetória em parcerias, sobretudo com as famílias.

P. 112–113: Fotografia
panorâmica com prédio
do antigo Cassino e
Praia da Urca. Fotografia
Custódio Coimbra



EDI GABRIELA MISTRAL

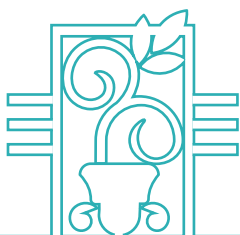




5

Um delicado diálogo





A natureza e a paisagem urbana na Urca formam uma narrativa que se desdobra no tempo, contando um capítulo vivo da grande história de como a civilização humana tem lidado com a questão crucial de nossa relação com o meio ambiente.

O desafio para os habitantes deste bairro singular, um humilde ponto geográfico na imensidão do planeta, mas grandioso cenário onde homens e mulheres, crianças e adultos vivem a experiência de convívio com a exuberância de uma paisagem natural única, tem sido sempre o de buscar harmonia entre dois mundos.

Página anterior:

Fotografia aérea do bairro e das ruas da Urca. Fotografia Custódio Coimbra

Página seguinte: Fotografia
Hugo Hamann

Morro da Urca

É um dos morros que compõem o Pão de Açúcar. O acesso ao topo é dado por dois meios: pelo Bondinho Pão de Açúcar ou por uma trilha. Entretanto, os praticantes de montanhismo podem realizar escalada na face do morro. Junto com o Morro do Pão de Açúcar, há mais de 150 vias de escalada.

A trilha que leva ao Morro da Urca, a 220 metros de altitude, pode ser recomendada para iniciantes. Esse passeio não exige muito esforço físico. Combina flora exuberante, fauna diversificada e lindas vistas.

Para subir o Morro da Urca, o caminhante deve pegar a Pista Cláudio Coutinho, iniciando a caminhada na Praia Vermelha, do lado esquerdo. A pista é na verdade um parque aberto desde 1982. Tem 1.250 metros de extensão.

Antes da marcação de 350 metros (ida), o caminhante entra em uma trilha na floresta. Há sinalização. Deve caminhar sempre pela direita, subindo junto ao leito de um córrego. Na encruzilhada, deve subir, mantendo-se paralelo ao curso d'água, passar junto às raízes de árvores expostas e finalmente atravessar o córrego. É um belíssimo passeio, com vistas deslumbrantes.

O Monumento Natural Pão de Açúcar e Morro da Urca foi criado pelo município do Rio de Janeiro pelo decreto municipal 26.578 em primeiro de junho de 2006. O conselho consultivo é presidido pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente, que administra o local. Faz parte do Mosaico Carioca, criado em 2011. Tornou-se Patrimônio Mundial declarado pela UNESCO em 2012.

Os dois picos são afloramentos típicos de *augen gnaisse*, a mesma *gnaisse* que forma os morros íngremes da cidade. O *gnaisse de kinzigito*, menos resistente às intempéries, está presente na depressão entre o Morro da Urca e o Pão de Açúcar. A *augen gnaisse* representa um granito porfírico deformado e recristalizado que se intrometeu no *kinzigito*. Esses maciços costeiros formam a porção oriental da Baía de Guanabara.

Morro do Pão de Açúcar

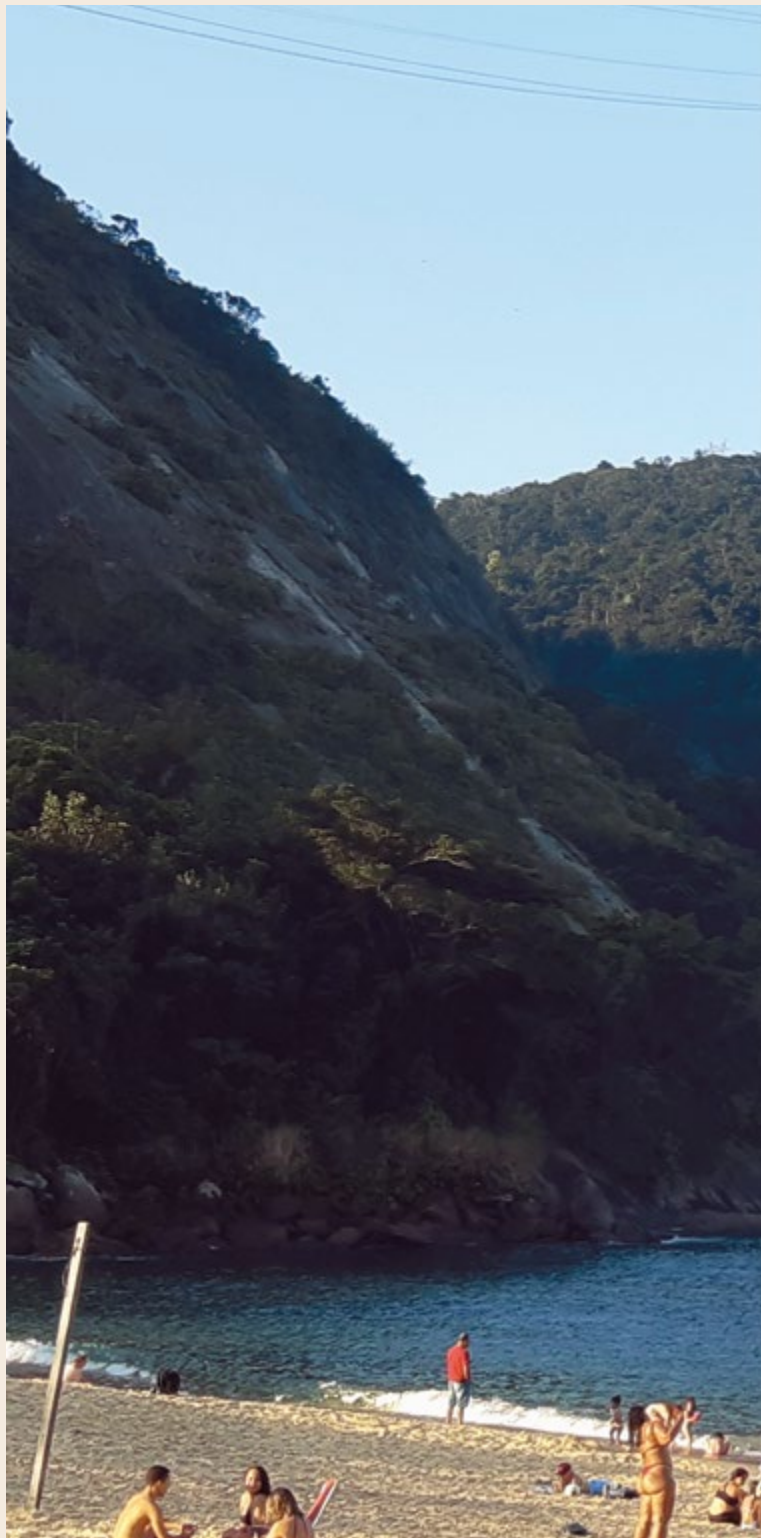
A história do Rio de Janeiro e a do Pão de Açúcar estão intimamente interligadas. O nome Pão de Açúcar foi dado ainda na época do descobrimento, quando os navegadores portugueses percorreram a costa do Brasil de norte a sul mapeando o litoral e identificando os portos seguros em que as caravelas pudessem ancorar ao abrigo das tormentas e ressacas. Também escolhiam onde pudessem achar provisões suficientes de madeira para construção e reparos das embarcações, assim como abundância de víveres e água potável.

P. 120–121: Penhascos da
Pista Cláudio Coutinho.
Fotografia Bia Novaes

Vegetação de Mata
Atlântica do Morro da Urca.
Fotografia Bia Novaes

Praia Vermelha com Morro
da Urca e Pão de Açúcar.
Fotografia Bia Novaes







Poucos lugares eram tão adequados quanto a Baía de Guanabara. Em 1531, Pero Lopes de Souza fundeu durante três meses a armada. Relatou que a água ali era excelente e que recolhera mantimentos suficientes para abastecer 400 homens durante um ano. O ofício de cartografia ainda era bem precário, e como não conheciam ainda a forma de calcular a longitude, era impreciso registrar descobertas para futuras expedições. Procuravam desenhar contornos vistos do mar, batizando os acidentes geográficos de forma a facilitar sua identificação posterior.

No século XVI, o açúcar transportado da Ilha da Madeira para consumo na Europa era preservado em cones conhecidos como pães de açúcar. Esses cones eram moldados em vasos cuja forma lembrava um sino de igreja. A pedra monumental de granito que existia na entrada da Baía de Guanabara era muito semelhante em forma a esse cone. A proximidade da entrada da Baía e a própria posição do rochedo junto com os Morros da Urca e Cara de Cão ofereciam proteção contra ataques dos inimigos. Mais tarde, em 1565, isso levou Estácio de Sá a escolher o local para fundar a cidade do Rio de Janeiro.

Desde então, o Pão de Açúcar tem sido visto como marca registrada da Guanabara. O Padre José de Anchieta registrou: “Ao entrar na barra tem uma pedra mui larga, ao modo de um pão de açúcar e assim se chama e de mais de 100 braços em alto que é cousa admirável”.

O fascínio expresso no relato dos viajantes contagiava também os montanhistas. Foram várias as tentativas para alcançar seu topo. Até 1817, porém, galgar os 396 metros do Pão de Açúcar era tarefa quase impossível. Quem primeiro conseguiu foi a inglesa Henrietta Carstairs. Marc Ferrez excedeu a todos os outros. Em 1890 foi o primeiro a fotografar o Rio de Janeiro a partir do topo do Pão de Açúcar.

O Morro é constituído por um bloco único de *gnaisse* granito com mais de seiscentos milhões de anos de idade. Surgiu da separação entre os continentes sul-americano e africano. Sofreu alterações por pressão e temperatura ao longo do tempo. É rico em espécies de plantas rupícolas, estando presentes, em suas diversas faces, espécies endêmicas de bromélias e orquídeas. A face sul é especialmente rica, praticamente toda tomada por um tapete vegetal, contrastando enormemente com a face norte, que apresenta pouca vegetação em suas vertentes. É circundado por um resquício de Mata Atlântica.

Áreas de Proteção do Ambiente Cultural (APAC)

A criação das APACs na cidade do Rio de Janeiro teve início com o Corredor Cultural em 1979, reformulando muitas legislações municipais e criando áreas especiais com proteção de características arquitetônicas.

Por meio da criação de uma APAC, a legislação urbana estabelece imóveis que poderão ser preservados, como fachadas, coberturas, formas e materiais, volumetria, claraboias e outros elementos arquitetônicos relevantes, além de outros possíveis de renovação. Esses poderão ser substituídos, dentro de parâmetros que respeitam a ambiência preservada. Também a APAC pode estabelecer mais parâmetros, como gabaritos para a área, atividades, usos adequados e condições de parcelamento do solo. Na cidade do Rio de Janeiro existem 33 APACs.

Para se entender a evolução urbana da Urca, o começo da pesquisa revela que a primeira ocupação da área foi direcionada pela defesa militar, desde a descoberta da Baía de Guanabara pelos portugueses.

A Urca como bairro integrado à malha urbana da cidade só foi concebida e construída mais de 300 anos depois.

Uma virada histórica na modernização urbanística da Urca foi o Plano Agache, mesmo não tendo sido implementado tal como desenhado e planejado.

Desde a segunda metade do século XIX, o governo imperial planejava erguer um campus universitário na área da atual Avenida Pasteur. Na década de 1920, o urbanista francês Alfred Agache incluiu em seu Plano Diretor de Extensão, Remodelamento e Embelezamento da Cidade do Rio de Janeiro, a criação de um bairro universitário nessa região, obra que acabou não sendo executada.

O prefeito Antônio Prado Junior encomendou esse plano ao famoso urbanista em 1927. Ele apresentou seu programa diante de um grande público para convencer os cariocas de que as obras contempladas pelo plano seriam de fato necessárias para a cidade.

Além da criação de um núcleo universitário e de um centro de cultura intelectual, Agache propunha incluir uma área esportiva, assim como um local para alojamento de estudantes e pesquisadores. Também propunha o aproveitamento de prédios já existentes, como o Instituto Benjamin Constant, o prédio do antigo Hospício e o da antiga Escola Militar na Praia Vermelha.

Outra questão muito interessante proposta seria a criação de um canal com 500 metros de extensão entre a piscina que ocupava a antiga Praia da Saudade e a Praia Vermelha. Além de reestabelecer a comunicação que existia anteriormente, possibilitaria ao mesmo tempo uma limpeza da enseada de

Botafogo, resolvendo o problema sanitário da enseada que já era muito ruim. A ausência de corrente no fundo da enseada e sua pouca profundidade favoreciam a eclosão de uma vegetação marinha que se acumulava nas águas baixas. Durante os períodos de calor, essa vegetação entrava em putrefação, causando poluição e prejuízo aos banhistas do bairro. Esse melhoramento, de extrema importância para a infraestrutura do bairro e de seu entorno, não chegou a ser realizado.

Conhecido como o bairro dos bangalôs à beira-mar a partir do final da década de 1930, começo da seguinte, a Urca e suas residências eram descritas como um aglomerado de bangalôs alegres com varandas claras e pequenos jardins. Os lotes não eram grandes, com área média de 250 metros quadrados, regulares e planos em sua maior parte. Esse foi um dos motivos que levaram o bairro a ser ocupado por uma classe média, com uso essencialmente residencial.

O uso comercial é pouco expressivo até hoje. Concentrado ao longo da Rua Marechal Cantuária, traduz-se sobretudo por lojas de apoio ao bairro, como padarias, quitandas, mercadinhos, pet shop, um pequeno supermercado, poucas agências de bancos e alguns bares, restaurantes e lanchonetes próximo ao prédio do antigo cassino. Existem algumas escolas e escritórios de profissionais liberais, pequenos negócios e escritórios de representações comerciais.

A taxa de ocupação é alta, e as casas são grandes em relação ao terreno, ocupando grande parte dele, com a presença de pequenos jardins. No caso de edifícios ocorre o mesmo: a área livre é bem pequena. Para fazer um prédio maior era preciso juntar dois terrenos. Algumas casas com jardim na frente abriam-se para salas e terraços. Algumas ainda conservam bancos, pequenos quiosques e laguinhos.

Uma característica, em função da situação topográfica, são as escadarias que interligam a Avenida São Sebastião, única ladeira do bairro, às ruas de baixo. Escadarias que encurtam distância, e só os moradores conhecem. A amurada funciona um pouco como a varanda do bairro, com seu esplêndido visual para a enseada de Botafogo.

Muito tempo depois, em 1978, outro importante avanço. Foi aprovado o novo projeto de estruturação urbana para o bairro, o PEU da Urca. A área de Proteção Ambiental do local incluiu também a preservação paisagística dos morros do Pão de Açúcar, da Urca e da Babilônia. Cabe citar que o PEU da Urca teve forte influência dos moradores atuantes na AMOUR. Quanto ao prédio do Cassino, os moradores, por meio de sua associação, sempre deixaram clara a intenção de preservá-lo.

Em 1933 a Companhia Imobiliária e Construtora havia comprado o Hotel Balneário e o transformado em um complexo de lazer com jogos, realização de espetáculos musicais, restaurantes e salões de chá. O Cassino da Urca, como ficou conhecido, oferecia para a alta sociedade e os turistas, além do jogo e do jantar dançante, shows com o melhor da música da época.

Nesse final da década de 1970, os moradores consideravam a edificação, apesar de descaracterizada, um marco histórico e um referencial na paisagem do bairro, além de destacarem sua importância artística e cultural para a cidade do Rio de Janeiro.

Formado por duas partes, o prédio tem o bloco principal implantado sobre a areia da Praia da Urca, praia essa que foi aterrada, pois não existia. O segundo prédio localiza-se na confluência da Avenida Portugal e da Avenida João Luiz Alves. O contraste da paisagem entre o mar e a montanha é o elemento de maior destaque, apesar da imponência da construção que foi significativa para várias gerações, desde sua origem como Hotel Balneário, depois como Cassino da Urca, em seguida como sede da TV Tupi, depois ocupado pelo Instituto Europeo di Design (IED) e cedido recentemente por licitação para a Escola Eleva.

Em 1986 o antigo Cassino foi tombado provisoriamente pelo decreto 6.138, de 8 de outubro. Em 1988, pelo decreto 7.451, de 3 de março, foi tombado definitivamente, junto com a amurada e a ponte. Foi criada sua área do entorno, que preservou diversos imóveis.

Apesar da diversidade de estilos arquitetônicos e de formas, as edificações do bairro formam um conjunto visualmente agradável e harmônico. A parte de uso residencial é composta por casinhas, chalés ou pequenos palacetes. Nos lotes pequenos as edificações apresentam afastamentos frontais reduzidos e são coladas nas divisas, dando lugar a pequenos jardins.

Nos lotes maiores, as casas se encontram implantadas no centro do terreno, permanecendo de modo geral paralelas em relação às divisas. Nesses imóveis os jardins frontais são normalmente requintados.

A variedade de elementos inspirados nos mais diferentes estilos e a diversidade de padrões e soluções arquitetônicas criaram a rica mistura que dá ao bairro um desenho singular. Além da arquitetura significativa com representação de estilos distintos, a Urca conta com características peculiares no traçado das ruas, em sua situação geográfica e em sua topografia. A amurada que contorna a orla é bastante agradável e local para desfrutar a paisagem deslumbrante da Baía de Guanabara ou para pescar enquanto se observa o movimento dos barcos.

Os prédios multifamiliares mais antigos têm quatro ou cinco pavimentos, e os da década de 1970 apresentam gabaritos mais altos e soluções arquitetônicas mais modernas.

A Urca, como bairro sem saída, conseguiu preservar uma atmosfera pacífica e bucólica. A relação e proporção das praças com os elementos construtivos do entorno criam uma harmonia única.

Características arquitetônicas

Existe uma variedade de elementos inspirados nos mais diversos estilos, assim como multiplicidade de padrões, formas e soluções arquitetônicas. As residências unifamiliares possuem estilos misturados típicos dos anos 1930 e 1940. Há moradias com estilo normando, chalés imitando seus semelhantes das cidades à beira-mar da Riviera. Nos lotes um pouco maiores, há pequenos palacetes, desde castelinhos a casas estilo neoclássico e art déco.

Dentre os prédios multifamiliares mais antigos, encontram-se alguns com estilo art déco, e outros modernistas dos anos 1940-50. Há também os da década de 1970, com gabarito um pouco mais alto. Isso porque já era necessário fazer pilotis e garagens e adotar soluções de arquitetura mais modernas.

A seguir, exemplos dos estilos mais predominantes.

Estilo Art Déco

1. Edifício Urca – Avenida Portugal 986.

Acesso original com portada em granito preto, ladeado por duas colunas lisas encimadas com luminária no lugar de capitéis. Letreiro com tipografia tipicamente art déco e portas em ferro com uso de motivos decorativos marinhos: peixes, caracóis, algas, cavalos marinhos. O edifício é visto lateralmente também com embasamento em forma de proa.

Projeto: Alfredo Baumann, 1934.

2. Residência – Rua Urbano Santos 26.

Talvez a que tem o estilo art déco mais preservado e predominante do bairro. Sofisticada residência com terraço aerodinâmico sustentado por colunas caneladas, volume prismático afrancesado e o segundo plano muito decorado.

Sobre a porta dupla de entrada em ferro batido e vidros martelados, uma gazela de metal dourada reproduz o tema original do cartaz da Exposição Internacional des Arts Décoratives et Industrielles Modernes – Paris 1925, exposição essa que popularizou o estilo art déco no mundo.

Projeto: Penna e Franca, 1938.

3. Edifício Curitiba – Avenida Portugal 502.

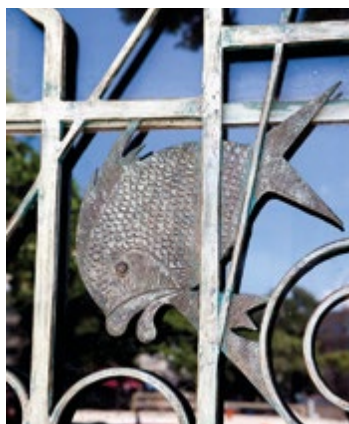
As persianas da fachada tipo *Copacabana* assentadas em fitas horizontais (três janelas adjacentes sem montante de alvenaria) configuram uma proa em balanço sobre a entrada do edifício. A elevação do nível de acesso com sete degraus e o tratamento da portaria com três vãos envidraçados conferem à obra uma imponência, apesar de seu pequeno porte. Detalhes de serralheria nos portões de acesso com motivos Marajoara.

Projeto: José Pires de Carvalho Albuquerque, 1944.

4. Edifício Sabará – Avenida João Luiz Alves 136.

Átrio de acesso côncavo e aberto em estilo aerodinâmico (*streamline*) parece reproduzir as ondas do mar. A escadaria acentua as dominantes horizontais do tratamento da parede.

Projeto: José Bastos de Oliveira, 1935.



Detalhe do gradil do Edifício Urca com motivos de peixes e entrada do Edifício Urca, estilo art déco. Fotografias Eduardo Ribas





Portal de entrada em gradil com motivos art déco. Elementos de fachada e colunas com características da arquitetura clássica. Fotografias Eduardo Ribas



Entrada do Edifício Curitiba com detalhe de serralheria sofisticada e fachada com elementos decorativos em relevos. Fotografias Eduardo Ribas





Edifício Sabará, entrada com portal com elementos decorativos bem trabalhados e fachadas com relevos para compor volumetria. Fotografias Eduardo Ribas

Estilo Neoclássico

1. Prédio da CPRM – Avenida Pasteur 404.

Datado de 1880. Majestoso prédio de estilo arquitetônico neoclássico tardio e elementos de características greco-romanas. É composto de três pavimentos no corpo central e dois nos corpos recuados. A fachada é enfeitada com águias e leões, pinturas de Antônio Parreiras e claraboia de vitral monocromático. No frontispício, ao centro do segundo pavimento, erguem-se, imponentes, no pórtico coríntio, quatro grandes colunas em granito com capitéis coríntios. Sobre elas o tímpano em relevo com o brasão das armas da República.

Projeto: Paula Freitas, 1880.

2. Prédio do Instituto Benjamin Constant – Avenida Pasteur 368.

Majestoso prédio de estilo neoclássico localizado na antiga Praia da Saudade. Característica bem marcante com imensas colunas jônicas no pórtico e magnífica ornamentação.

Projeto: Bethencourt da Silva, 1890.

3. Prédio do Antigo Hospício dos Alienados D. Pedro II (hoje prédio pertencente à UFRJ) – Avenida Pasteur 250.

O edifício, construído entre 1842 e 1852, é um dos expoentes da arquitetura neoclássica do Brasil. O projeto é resultado da colaboração entre alguns dos maiores arquitetos da época.

Projeto: José Domingos Monteiro, Joaquim Cândido Guilhobel e José Maria Jacinto Rebelo, 1842-52.

4. Residência – Rua Urbano Santos 28.

Edificação com elementos arquitetônicos de características neoclássicas. Fachadas decoradas e trabalhos de serralheria bem sofisticada nos gradis, esquadrias e balcões.

5. Residência – Rua Odílio Bacelar 30.

Edificação com elementos arquitetônicos neoclássicos e com elementos decorativos mais sofisticados, fachadas muito decoradas.



Prédio da CPRM com elementos de arquitetura neoclássica. Fotografia Eduardo Ribas



Prédio do Instituto Benjamin Constant, fachada neoclássica com colunas dóricas

Detalhes de serralheria clássica e frontões nas janelas.
Fotografia Eduardo Ribas





Prédio da Universidade do Brasil, hoje UFRJ, fachada frontal com detalhes de cantaria e portal com as armas do império.
Fotografias Eduardo Ribas



Detalhes da fachada, beirais e platibandas com relevos. Detalhes do gradil com trabalhos sofisticados da arquitetura clássica. Fotografias Eduardo Ribas





Detalhes de colunas clássicas, gradis com trabalhos rebuscados e frontão nas janelas.
Fotografias Eduardo Ribas

Patrimônio cultural arquitetônico¹

As edificações foram divididas em quatro categorias pela APAC, de acordo com graus de interesse para o patrimônio cultural:

Valor individual: edificações que se destacam no conjunto pelo valor de sua arquitetura, por motivos históricos ou afetivos.

Valor de conjunto: edificações típicas que por sua quantidade expressiva conferem ao bairro uma fisionomia própria.

Valor de ambiência: edificações sem valor específico, mas que contribuem, individualmente ou em conjunto, para estruturar a ambiência.

Sem valor: edificações em desacordo com o conjunto da área.

A proposta de criar uma área de proteção ambiental na Urca teve como finalidade garantir a permanência de suas edificações, sua arquitetura e consequentemente sua paisagem.

O decreto 7.451, de 3 de março de 1988, tombou alguns bens do bairro e criou a área de entorno desses bens, além de estabelecer quatro grupos para preservação:

GRUPO I

Constituído por edificações com telhados expressivos, em geral com inclinação das águas bem acentuada. Há presença de sótãos, mansardas, águas-furtadas. Nas fachadas é comum a simulação de paredes de pedra resguardando varandas. As esquadrias são em geral de madeira com folha de vidro.

GRUPO II

Prédios com elementos art déco ou com elementos decorativos mais sofisticados influenciados pela arquitetura clássica. As fachadas são muito decoradas. As esquadrias são torneadas e com presença de venezianas. A serralheria às vezes é bem expressiva em muros, portões e balcões.

GRUPO III

Casas com muitos elementos decorativos nas fachadas, trabalhos em cantaria nos vãos, rebocos irregulares, azulejarias, colunas, faixas lombardas.

¹ Informações do guia das APACs – Área de Proteção do Ambiente Cultural, do Instituto Rio Patrimônio da Humanidade da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro.

A presença do mar transparece nos motivos marinhos com azulejos, gradis transformados em conchas, redes, peixes. Nos telhados, movimentos com vários planos e beirais expressivos.

Presença de jardineiras e balcões em fachadas revestidas com reboco ornado em relevo. Utilização de madeira trabalhada guarnecendo varandas, vãos, além das esquadrias cuidadosamente desenhadas. Neste grupamento, a volumetria está muito presente, algumas edificações apresentam pequenas torres, varandas e parapeitos arredondados.

GRUPO IV

Grupamento que reúne os prédios de apartamentos. As fachadas variam bastante e nelas encontram-se elementos decorativos de outros grupos aplicados às fachadas. Não diferem muito entre si com relação à volumetria. O que há de mais expressivo são as portarias, as varandas e os vãos.

Relação dos prédios por grupos

Grupo I

Rua Almirante Gomes Pereira 8, 84/86, 53, 89.
 Rua Cândido Gaffrée 28, 58, 112, 124, 126, 152, 196, 89, 98, 145.
 Praça Felix Laranjeiras 2, 8, 10.
 Avenida João Luiz Alves 48, 106, 260.
 Rua Joaquim Caetano 10.
 Rua Manuel Niobei 58, 60.
 Rua Odílio Bacelar 11, 38, 37, 48.
 Rua Osório de Almeida 10, 12/14, 25, 29, 59, 67.
 Rua Otávio Corrêa 84, 270, 75, 85, 95, 253.
 Avenida Pasteur 397, 415, 451, 445/449, 453, 457, 459.
 Avenida Portugal 34/42, 54, 330, 554, 622, 544.
 Rua Ramon Franco 104, 112, 13, 91, 99.
 Rua Roquete Pinto 34, 38, 29, 63.
 Avenida São Sebastião 12, 166, 280, 308, 309.
 Praça Tenente Gil Guilherme 44, 52, 21.
 Rua Urbano Santos 38, 61.

Detalhes de edificações do grupo I, telhados acentuados. Elementos decorativos dos Chalés. Fotografias Eduardo Ribas



Página à direita: Casa com elementos decorativos do grupo II, fachadas com detalhes influenciados pela arquitetura clássica, uso de platibandas e detalhes geométricos em relevo. Fotografia Eduardo Ribas



Grupo II

Rua Almirante Gomes Pereira 11.

Avenida João Luiz Alves 154, 218.

Rua Joaquim Caetano 60.

Rua Marechal Cantuária 162, 168.

Rua Odílio Bacelar 30, 48.

Rua Osório de Almeida 18, 07, 35.

Rua Otávio Corrêa 34, 80.

Avenida Pasteur 377, 399, 433.

Avenida Portugal 466.

Avenida São Sebastião 236.

Rua Urbano Santos 20, 22, 26, 50, 09, 13, 15, 17.



Casas com elementos sofisticados e clássicos.

Platibandas com relevos, detalhes de frontões nos vãos e gradis com trabalho de serralheria expressivo. Fotografias Eduardo Ribas





Fachada com detalhes neoclássicos, uso de platibanda e frontões. Fotografia de Eduardo Ribas

Varanda com detalhe de piso preto e branco muito usado nos anos 1920. Uso de colunas clássicas



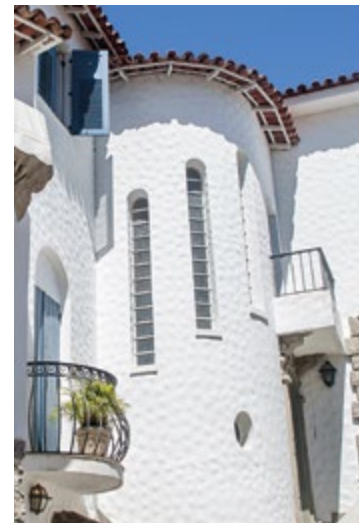
Grupo III

Rua Almirante Gomes Pereira 16, 26, 72, 94, 138, 63, 123.
Rua Cândido Gaffrée 92, 96, 108, 116, 120, 174, 182, 192, 15, 23, 51,
81, 111, 135, 149.
Rua Elmano Cardim 10.
Praça Felix Laranjeiras 12.
Av. João Luiz Alves 150, 168, 206, 212, 240, 244, 292, 342.
Rua Joaquim Caetano 19, 21, 63.
Rua Manuel Niobei 64, 68.
Rua Odílio Bacelar 16, 27.
Rua Otávio Corrêa 178, 258, 290, 384, 388, 444, 365, 419, 429, 453.
Avenida Pasteur 405, 485.
Avenida Portugal 96, 716, 722.
Rua Ramon Franco 18, 100, 55.
Praça Raul Guedes 52.
Rua Roquete Pinto 20, 07, 15.
Avenida São Sebastião 170, 174, 255, 259.
Rua Urandi 09.
Rua Urbano Santos 16, 58, 72, 05, 79/87.



Casa com características bem distintas do grupo III. Elementos decorativos nas fachadas, azulejarias e beirais expressivos. Detalhes de balcões, colunas retorcidas e frontão rebuscado. Fotografia Eduardo Ribas





Existência de torres, balcões e mistura de elementos decorativos. Fachada com diversos volumes. Detalhe de balcão e torre. Fotografia Eduardo Ribas



Uso de beirais e telhados
com movimento.
Detalhe de varanda
com guarda-corpo bem
trabalhado em madeira.
Fotografia Eduardo Ribas

Grupo IV

Rua Almirante Gomes Pereira 76, 130, 158, 51, 67.
Rua Cândido Gaffrée 18, 36, 86, 178, 27, 95, 119, 165, 173, 205.
Avenida João Luiz Alves 52, 76, 88, 136, 282.
Rua Joaquim Caetano 6, 25, 59, 73.
Rua Manuel Niobei 18, 47, 53, 57, 61, 63.
Rua Marechal Cantuária 60, 64, 102.
Rua Odílio Bacelar 15.
Rua Osório de Almeida 34, 62, 80, 75.
Rua Otávio Corrêa 94, 420, 448, 211, 259, 273.
Avenida Pasteur 403, 409.
Avenida Portugal 484, 502, 534, 544, 564, 584, 666, 838, 858, 936, 986.
Rua Ramon Franco 6, 8, 70, 72, 74, 76, 78, 80, 82, 84, 86, 75.
Rua Roquete Pinto 60, 66, 70, 86, 88, 17, 35.
Avenida São Sebastião 136, 160, 141.
Rua Urbano Santos 82, 84.



Prédio de apartamentos característico do Grupo IV com elementos decorativos nas fachadas. Fotografia Eduardo Ribas

Detalhes em madeira na fachada





Prédio de apartamentos com relevos na fachada e no portal. Volumetria e uso de materiais diversos. Fotografia de Eduardo Ribas



Prédio de apartamentos com detalhes de esquadrias diferenciadas em arcos e com colunas no vão central. Portaria com elementos decorativos. Fotografia Eduardo Ribas



**Bens
tombados
por decretos
específicos
nas Áreas
de Proteção**

Cassino da Urca – Avenida João Luiz Alves 13 e 14.
Tombamento em 15 de setembro de 2009, lei 5.076/09 (municipal).
Residência – Rua Almirante Gomes Pereira 71.
Construída em 1935 com projeto de Affonso Eduardo Reidy e Gerson Pompeu. Prédio Modernista.
Tombamento em 11 de julho de 2006, decreto 26.712/06 (M).
Residência – Rua Urbano Santos 50. Prédio Modernista.
Exemplar de Arquitetura Moderna Brasileira apresentando elementos característicos desse movimento.
Arquiteto: Firmino Saldanha, 1955.
Tombamento em 11 de julho de 2006, decreto 16.712/06 (M).
Muro do Iate Clube do Rio de Janeiro – Avenida Pasteur 335.

P. 154: Exemplo de arquitetura moderna brasileira com elementos marcantes como uso de cobogós e pilotis. Arquiteto Firmino Saldanha, 1955. Fotografia Eduardo Ribas

P. 155: Prédio do antigo Cassino da Urca, tombado. Fotografia Custódio Coimbra

P. 156–157: Fotografia Custódio Coimbra

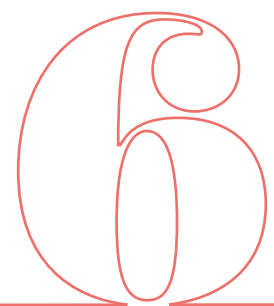












Caminho afetivo pelos
monumentos





A Urca é pequena, acolhedora. Um dos prazeres de morar aqui são as caminhadas pela orla, sempre agradáveis por conta da paisagem tão linda e da natureza tão presente. Adoro caminhar nos finais de semana, quando o dia está solar e convidativo.

Começo pela orla, próximo ao prédio do antigo Cassino. Vou apreciando os barquinhos coloridos e os pescadores que aparecem cedo em busca da sorte, pois aqui só encontram peixes pequeninos como as tainhas. Vou deixando o vento bater no rosto e me levar em direção ao Quadrado da Urca.

Do lado direito de minha caminhada, quase em frente à igreja em homenagem a Nossa Senhora do Brasil, posso ver a estátua de São Pedro. Fica no meio do mar, abençoando a igreja e os barcos dos pescadores, já que São Pedro é o protetor deles.

Sigo pela amurada, com seu contorno suave. Toda em pedra de cantaria, construída no início da década de 1920, por ocasião da construção do aterro que daria origem ao bairro. Continuo até uma espécie de terraço ou pequena praça,

Página anterior:

Monumento Frédéric Chopin localizado na Praia Vermelha. Fotografia Custódio Coimbra

onde antes havia um ancoradouro, um pouco antes da Ponte São Domingos, outro bem tombado, construído antes da Exposição Nacional de 1908. O terraço é lindo. Avança para o mar, atraindo muitos casais que se sentam ali para apreciar a vista desde a marina do Iate Clube, os barcos saindo e entrando. Parece uma proa de um grande barco. Seu piso possui o desenho de uma rosa dos ventos, todo em pedras portuguesas de cores diferentes.

Nesta caminhada, estou em busca dos monumentos. À esquerda dos meus passos está o famoso Quadrado repleto de barquinhos de pesca e traineiras que ficam aqui ancoradas. Incrível pensar que esse Quadrado já foi uma piscina olímpica de água salgada, construída para competições de natação. Possui até mesmo uma arquibancada.

Bem próximo à pracinha do Quadrado, para onde muitas vezes levava meus filhos para brincar, está o monumento Cacilda Becker. Relativamente novo, feito em mosaico, é uma homenagem à grande atriz, confirmando a vocação da Urca como um bairro artístico. Mas o que mais gosto nele é o registro das palavras da grande diva do teatro: “Viver é ir ao encontro. Não se pode viver em estado de contemplação. Tudo está a nossa espera. É uma questão de coragem e amor”.

Viver é ir ao encontro! Sim, Cacilda! Aqui, vou ao encontro dos monumentos, muitos tombados, e do tanto que eles representam e nos contam da Urca, da cidade do Rio de Janeiro.

Daí atravesso a Avenida Pasteur e deparo com a praça onde hoje fica a UniRio, no prédio antes ocupado pela antiga Escola de Medicina, reafirmando o perfil cultural e educativo deste pequeno bairro. Aqui posso ver o busto de Louis Pasteur, médico e cientista de renome mundial, inventor da vacina contra a raiva.

Sigo pela calçada da direita, em direção à Praça General Tibúrcio onde, no final, encontra-se a Praia Vermelha. Aqui a história de ligação da Urca com os militares é muito forte. Vários eventos relevantes se passaram neste sítio.

Temos o monumento da Intentona Comunista, ocorrida no prédio do 3º Regimento de Infantaria da Praia Vermelha, que não mais existe. Na própria Praça, ao centro posso ver um belo chafariz que me leva até o monumento dos Heróis de Laguna e Dourados. É um grande monumento com uma coluna ao centro onde se destaca a alegoria da Vitória.

Caminho até a calçada da Praia Vermelha. Aqui se encontra um de meus monumentos favoritos, a estátua de Chopin. O famoso compositor permanece pensativo, de frente ao mar, apreciando uma das vistas mais lindas do Rio de Janeiro.

Ao longo da calçada da praia, o Círculo Militar está à direita, e a escola de educação infantil Gabriela Mistral, à esquerda. Essa escola não poderia estar mais bem localizada, à beira-mar. Parece mais uma casa de veraneio com escadaria e balaustrada. Abaixo da escadaria, lindas esculturas neoclássicas, em mármore, representam deusas romanas, as figuras mitológicas de Ceres, Flora, Vestal e Pomona.

Este meu passeio ligeiro termina aqui, depois de contemplar o mar e a paisagem incrível ao pé do Pão de Açúcar e do Morro da Urca. Mergulho na história de uma Urca que se foi, mas que continua presente quando se tem um olhar cuidadoso e contemplativo.

Mas o bairro oferece muito mais. Tudo ao alcance de um passeio agradável, que precisa, porém, de um pouco mais de tempo para ser vivido com gosto e prazer.

Passeio pelos monumentos¹

Aqui, muitas das obras artísticas que encontramos ao andar pelas ruas e praças do bairro. Podemos contemplar com calma, pacificar nossa agitação do dia a dia, apreciar o que nos mostram. E o que nos revelam de suas histórias, de seus autores.

MONUMENTO LOUIS PASTEUR

Busto, escultura artística em bronze e pedestal de mármore.

Inaugurado em 1925.

Autor: Heitor da Silva Costa.

Homenagem realizada pelo engenheiro arquiteto Heitor da Silva Costa, com a colaboração do professor Gronchi.

Iniciativa da Sociedade de Medicina e Cirurgia, o monumento foi inaugurado em 1925 no começo da avenida de mesmo nome e, em 1947, transferido para a praça ao lado da antiga Escola de Medicina. Na inauguração estavam presentes o Ministro das Relações Exteriores e o Embaixador da França.

A herma (meio corpo) de Pasteur o representa pensativo em busca da solução do problema da raiva, no simbolismo de um cão, que emerge da base do pedestal.

Louis Pasteur nasceu em Dole, na França, em 27 de dezembro de 1822 e morreu em 28 de setembro de 1895. Foi médico e cientista. É lembrado pelas importantes descobertas para a Medicina, sobretudo quanto a prevenções de doenças. Uma das mais notáveis é a da criação da vacina contra a raiva.

¹ Informações sobre os monumentos retiradas do site dos monumentos da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro.



Acima: Inauguração da
estátua de Louis Pasteur

Direita: Estátua de Louis
Pasteur, 2021. Fotografa
Eduardo Ribas



Estátua de Frédéric
Chopin na Praia Vermelha.
Fotografias Paulo Ferraz



MONUMENTO FRÉDÉRIC CHOPIN

Estátua, escultura artística, peça em bronze e pedestal em concreto.

Inaugurado em setembro de 1944.

Autor: Augusto Zamoysky.

O monumento foi inaugurado na Praia Vermelha em 1944. Em 1950 foi transferido para a Praça Floriano Peixoto, permanecendo ali por nove anos. Foi novamente removido em 30 de junho de 1959, para o local de origem.

Idealizado por iniciativa do professor Aloísio de Castro e da Associação dos Poloneses do Rio de Janeiro, em desagravo à destruição da estátua de Chopin, em Varsóvia, pelas tropas alemãs invasoras no início da Segunda Guerra Mundial. Foi doado pela colônia polonesa ao Brasil no quinto aniversário dessa destruição. Trata-se de uma estátua em bronze, sobre pedestal cúbico, representando o compositor de pé com expressão pensativa. Os poloneses a denominam Estátua da Saudade.

Frédéric François Chopin nasceu em primeiro de março de 1810 em Paris, França. Morreu em 17 de outubro de 1849. Foi pianista e compositor. É reconhecido como um dos maiores compositores para piano, em música clássica.

MONUMENTO DOS HERÓIS DE LAGUNA E DOURADOS – PRAÇA GENERAL TIBÚRCIO

Monumento, escultura artística, peça e alegorias em bronze e pedestal de granito.

Inaugurado em dezembro de 1938.

Autor: Antônio Pinto de Mattos.

A ideia da elevação de um monumento aos heróis do drama épico da Retirada da Laguna e de Dourados, capitaneados pelo tenente Antônio João, data de 1920. O primeiro projeto proposto foi de autoria do general Maciel de Miranda, e deveria ser erguido no pátio interno do Quartel-General do Rio de Janeiro, depois Ministério da Guerra.

O atual monumento, em bronze e granito, foi uma iniciativa do coronel Pedro Cordolino Ferreira de Azevedo. Sobre uma base circular está uma cripta onde se encontram os restos mortais do coronel Camisão, do guia Lopes e do tenente Antônio João desde 15 de novembro de 1941, quando foi inaugurada. Dessa base ergue-se a coluna onde está a alegoria da Vitória.

Ao centro da coluna estão as estátuas dos três principais heróis: o tenente Antônio João, no momento em que, baleado, cambaleia; o guia Lopes, recurvado, apoiando o queixo no dorso da mão esquerda; e o coronel Camisão, com a fisionomia de quem tem uma grave decisão a tomar, tendo numa das mãos a espada e na outra o mapa



de campanha. Mais acima, do ponto onde parte a coluna, erguem-se três grandes alegorias em bronze, representando a Pátria, a Espada e a História.

Diversos artistas participaram da execução do monumento. A grade à entrada da cripta é de Curzio Zani. A porta de entrada do recinto é de Calmon Barreto; a imagem de Cristo sobre a lápide é do mesmo artista; o lanceiro guardando o sarcófago é de Leão Veloso, e os sete medalhões com efígies e nomes dos heróis são de Adalberto de Matos.

Monumento dos Heróis de Laguna e Dourados na Praça Gal Tibúrcio. Fotografia Eduardo Ribas

ESTÁTUA MARECHAL RONDON

Busto, escultura artística. Peça em bronze e pedestal de granito.

Inaugurada em setembro de 1980.

Autor: Newton de Sá.

A estátua foi erguida em comemoração ao 15º aniversário da Embratel (Empresa Brasileira de Telecomunicações), homenageando seu patrono. O marechal está representado com sua farda. Foi inaugurada pelo general Frederico Rondon, primo do homenageado.

Candido Mariano da Silva Rondon nasceu em 5 de maio de 1865. Faleceu em 19 de janeiro de 1958. Foi militar e sertanista.

ESTÁTUA DE EUSÉBIO DE OLIVEIRA

Busto, escultura artística. Peça em bronze e pedestal de granito.

Inaugurada em dezembro de 1941.

Autor: César Dória.

A homenagem foi erguida por iniciativa do Departamento Nacional de Produção Mineral e do Ministério da Agricultura, em frente à sede do antigo Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil (CPRM). Eusébio de Oliveira foi diretor dessa tradicional instituição científica por longos anos.

Na obra, foram empregados blocos de pedras de cores azul, verde e rosa, simbolizando a especialização em que tanto se aprofundou o espírito pesquisador do geólogo homenageado.

Eusébio Paulo de Oliveira nasceu em Minas Gerais em 14 de agosto de 1883. Faleceu no Rio de Janeiro em 12 de outubro de 1939. Foi engenheiro civil e geólogo.



MONUMENTO INTENTONA COMUNISTA

Monumento, escultura artística, peça em bronze com pedestal de granito.

Inaugurado em janeiro de 1974.

Autor: Humberto Cozzo.

Em 1935 ocorreu a tentativa de golpe de estado no Rio de Janeiro, com a sublevação do 3º Regimento de Infantaria, na Praia Vermelha. Enquanto os outros focos de insurreição foram debelados, no 3º Regimento de Infantaria, sob a chefia de Agildo Barata, a rebelião provocou a morte de 31 militares legalistas. No dia seguinte, após a pronta ação do general Dutra, esse derradeiro e mais sanguinário foco do levante nacional capitaneado por Luís Carlos Prestes estava completamente vencido. O resultado, a longo prazo, serviu para a instalação da ditadura do Estado Novo, em 1937. As vítimas, originalmente sepultadas no Cemitério de São João Batista, foram trasladadas para esse monumento estilo art déco. Ao centro, numa coluna ladeada por duas urnas, vê-se a figura da República, com uma coroa de louros nas mãos. A seus pés, mais à frente, ergue-se a estátua em bronze de um soldado ferido.

O monumento foi transferido do Cemitério São João Batista para a praça em 1974.

Monumento Intentona
Comunista. Fotografia
Eduardo Ribas

AMURADA DA URCA

Obra pública de infraestrutura urbana, blocos de 'gnaisses'.

Inaugurada em janeiro de 1922.

Tombada pela lei municipal 5.076 e tombada em 2009.

A amurada foi construída para as comemorações do Centenário da Independência do Brasil.

PISO ROSA DOS VENTOS

Piso de infraestrutura urbana em mosaico de pedras portuguesas.

Obra pública, tombada pela lei municipal 461 de 1983.

Piso representando uma rosa dos ventos, nas três cores desse tipo de pavimentação: branco, negro e castanho.

Próxima página: Amurada
da Urca. Fotografia
Eduardo Ribas

P. 171: Piso Rosa dos Ventos.
Fotografia Eduardo Ribas







PONTE DO QUADRADO

Obra de infraestrutura urbana. Ponte em concreto armado com baluarte de argamassa.

Inaugurada em janeiro de 1908.

Tombada pela lei municipal 5.076 de 2009.

Ponte construída para servir de entrada monumental para a Exposição Nacional de 1908, comemorativa do Centenário da Abertura dos Portos. Nessa ocasião teve início a construção dos aterros entre a Pedra da Urca e a atual Avenida Pasteur. Em setembro de 1922, a ponte foi reformada para as comemorações do Centenário da Independência do Brasil.

Página anterior: Ponte do Quadrado da Urca. Fotografia Eduardo Ribas

ESTÁTUA DE SÃO PEDRO

Escultura artística religiosa. Peça em bronze.

Inaugurada em julho de 1959.

Autor: Edgar Duvivier, Zani Fundação Artística e Metalúrgica Ltda.

Singela escultura de corpo de cilíndrico, representando o apóstolo sobre uma pedra da Baía de Guanabara.

Indo à Itália, após o I Torneio Mundial de Caça Submarina em Portugal, conheci em Rapallo o Cristo Submerso. Tive então a ideia da imagem de São Pedro. Regressando ao Brasil, consegui o apoio do caçador e jornalista João Carlos Vogt e do escultor Edgard Duvivier. Levantamos com subscrição os fundos necessários à fundição. A ideia inicial de colocá-la no fundo do mar nas Cagarras foi abandonada para possibilitar o acesso à mesma de maior número de pessoas. Optou-se pela colocação na Urca, em frente à igreja cujo pároco, padre Emmanuel Barbosa, colaborou com o projeto. A imagem de São Pedro foi executada para ser olhada de cima para baixo, na previsão inicial de colocá-la no fundo do mar nas Ilhas Cagarras. Na cerimônia de colocação, em 1959, participaram os membros da equipe brasileira desse Torneio, e os desportistas Vitorio Berredo, Victor Wellisch, Américo Santarelle e outros.²

² Depoimento de José Carlos Audiface de Brito.





MONUMENTO CACILDA BECKER

Painel de personalidade. Infraestrutura urbana. Mosaico em concreto com imagem.

Inaugurado em maio de 2002.

Tombado pela lei municipal 5.076 de 2009.

Singelo monumento monolítico, erguido por iniciativa da prefeitura. Estão fixadas duas fotografias da grande atriz de cada lado do mural, como cartazes de divulgação de seus espetáculos. Em outubro de 2016 o painel foi refeito pela artista Luciana Palma, dessa vez em mosaico de azulejos coloridos.

Cacilda Becker Yaconis nasceu em Pirassununga, São Paulo, em 6 de abril de 1921.

Faleceu em 14 de junho de 1969. Foi atriz, grande nome dos palcos nacionais.

CHAFARIZ DA PRAÇA GENERAL TIBÚRCIO

Chafariz, monumento artístico, peça em argamassa.

Inaugurado em janeiro de 1940.

Autor: Azevedo Neto.

Lago retangular com jorros de água partindo das laterais para o centro.

Monumento Cacilda Becker em homenagem à grande atriz nascida em 6 de abril de 1921

Página anterior: Estátua de São Pedro. Fotografia Eduardo Ribas

Páginas 176 e 177: Chafariz da Praça Gal Tibúrcio à noite. Fotografia Eduardo Ribas







MONUMENTO DAS QUATRO ESTAÇÕES**FLORA NA URCA (PRIMAVERA)**

Peça em mármore de Carrara com pedestal de 'gnaisse'.

Inaugurada em janeiro de 1963. Autor desconhecido.

Escultura neoclássica feminina com a cabeça coroada de flores. Escultura artística.

Amurada da Urca.
Fotografia Eduardo Ribas

VESTAL NA URCA (VERÃO)

Peça em mármore de Carrara com pedestal de 'gnaisse'.

Inaugurada em janeiro de 1963. Autor desconhecido.

Escultura feminina com uma chama sagrada nas mãos. Uma representação neoclássica. Escultura artística.

POMONA NA URCA (OUTONO)

Peça em mármore de Carrara com pedestal de 'gnaisse'.

Inaugurada em janeiro de 1963. Autor desconhecido.

Escultura feminina com frutos nas mãos, de linhas neoclássicas. Escultura artística.

CERES NA URCA (INVERNO)

Peça em mármore de Carrara com pedestal de 'gnaisse'.

Inaugurada em janeiro de 1963. Autor desconhecido.

Escultura feminina com espigas de trigo nas mãos, em representação neoclássica. Escultura artística.



Da esquerda para a direita:

Flora na Urca (Primavera),
Vestal na Urca (Verão),
Pomona na Urca (Outono)
e Ceres na Urca (Inverno).
Fotografias Eduardo Ribas



P. 182–183: Corcovado
visto da Urca. Fotografia
Eduardo Ribas

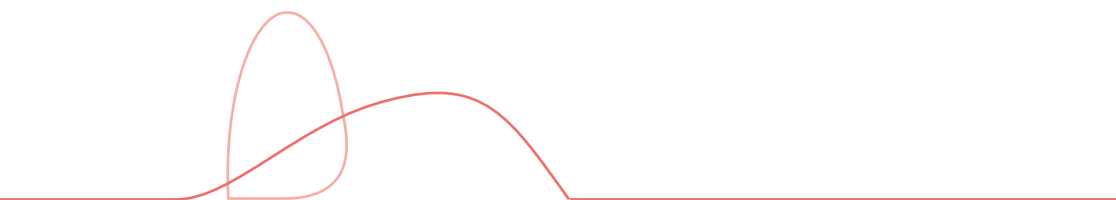






Ações múltiplas,
um só coração
de amor pela Urca





O bairro da Urca é diferenciado por outros aspectos importantes, além de seu rico legado histórico, seu patrimônio cultural, sua paisagem de beleza natural, seus prédios e monumentos que delineiam uma paisagem arquitetônica e urbanística toda especial. É também um exemplo de participação ativa dos moradores em processos espontâneos que configuram o exercício da cidadania e do poder coletivo na defesa de seus interesses e no direcionamento de seu destino, visando ao bem comum.

O meio prático de exercício dessa vontade e dessa atitude foi a constituição, ao longo do tempo, de grupos e entidades organizadas para atuar em distintas frentes de ação proativa, na esfera pública, como legítimos campos de força representativos da comunidade. Espontaneamente consolidou-se, desse modo, uma rede orgânica de ação social que pode ser inspiradora, até mesmo como modelo para o surgimento de formas inovadoras de cogestão democrática e responsável dos espaços urbanos no país.

Aqui, os personagens dessa história, desse legado e desse presente ativo são todas essas entidades e todos esses grupos organizados, a seguir.

Morro do Pão de Açúcar,
contorno. Fotografia
Custódio Coimbra



AMOUR

A Urca é um bairro essencialmente residencial, considerado área de proteção ambiental (PEU 001) e de preservação paisagística dos Morros do Pão de Açúcar, da Urca e da Babilônia. Essa classificação marca o perfil e a identidade do local. É por isso um fator que baliza poderosamente a vida da comunidade.

Seus moradores se organizaram desde muito cedo em defesa de interesses comuns, sobretudo visando à preservação do bairro. Tudo começou, de fato, mesmo antes de a AMOUR ser institucionalizada, com um grupo de moradores que passaram a se reunir em uma das salas da Igreja Nossa Senhora do Brasil da Urca. A pauta das reuniões envolvia a discussão dos problemas locais, questões como segurança, serviços públicos e a melhoria da qualidade de vida do bairro. O padre Emmanuel Barbosa, responsável pela paróquia, cedeu uma salinha para os moradores se reunirem, apesar de seu estilo mais conservador. Isso não o impedia de se preocupar com o bem-estar da comunidade e o bairro.

À medida que o movimento era divulgado, a frequência das reuniões aumentava e o espaço das reuniões se revelava pequeno. A notícia da conquista do PEU 001 de 1978, que limitou a expansão demográfica da Urca, começou a dar aos moradores um sentimento de união.

Existia uma preocupação grande em relação a aterros ilegais, tanto em frente ao hangar do Iate Clube, como em outros pontos. Começavam a se levantar também prédios com gabaritos mais altos na Rua Ramon Franco e próximo à Praça Felix Laranjeiras. Essas novas construções preocupavam não só em relação à infraestrutura do bairro, mas também em relação à entrada de muitas pessoas de fora para atender às obras.

Até então a Urca era um bairro muito seguro. Em meados de 1979, porém, houve um aumento das ocorrências de assaltos a residências, com arrombamentos e furtos de automóveis. A comunidade começou a entender que aquele grupo de moradores reunidos na igreja trazia uma mensagem de união, e que deveria formalizar essa associação para dar mais unidade aos esforços pelo bairro.

Nesse ano, houve mudanças. A Urca passou a ser atendida pelo 2º Batalhão da Polícia Militar de Botafogo. Até então, não existiam policiais na Urca.

Os moradores acharam que seria uma boa oportunidade para formar uma comissão e procurar o comandante do 2º Batalhão da PM para exporem as necessidades e preocupações em relação à segurança do bairro. Foram primeiro à procura do então comandante da Fortaleza de São João, o coronel

Antônio Augusto Manso, para consultarem se ele poderia estreitar o contato com o 2º Batalhão.

O coronel Manso prontamente recebeu a comissão. Entendeu o problema e se prontificou a facilitar o acesso ao comandante do 2º Batalhão, coronel Hugo Locatelli. Esse apoio foi fundamental, pois poucos dias depois o coronel Locatelli recebeu a comissão, ouviu as reivindicações e o pedido de policiamento para o bairro. Porém, sinalizou que seria necessário ouvir mais pessoas da região.

O grupo resolveu então promover uma grande reunião aberta à comunidade para debater o assunto. Na reunião de agosto de 1979, com a presença de mais de 300 moradores, iniciou-se um debate com a mesa que era formada pelo comandante da Fortaleza, pelos moradores José Guerra Neto e Carlos Alexandre Rodrigues, e pelo coronel Locatelli.

Os moradores fizeram a reivindicação de um policiamento exclusivo para a Urca. O coronel Locatelli declarou sua disposição de levar esse pedido a seus superiores. Logo a PM colocou duplas de policiais fazendo rondas no bairro, mas com isso surgiu a necessidade de uma base para esses profissionais.

Os moradores trouxeram uma solução prática de instalar uma cabine onde funcionaria um posto policial. Comprometeram-se a levantar recursos financeiros para viabilizar o projeto. A cabine seria comprada pelos moradores por meio de uma lista de doações voluntárias. Para complementar, foram vendidos adesivos com o logotipo da AMOUR criado por Carlos Alexandre Rodrigues. A intenção seria arrecadar recursos a mais para a compra de telefone e rádio para uso dos policiais. O coronel Locatelli achou viável a solução proposta, comprometendo-se a defender a ideia junto ao Comando Geral da PM.

A cabine foi finalmente instalada, em 18 de dezembro de 1979, nas confluências das avenidas Portugal e Marechal Cantuária. Essa medida e mais a ronda do bairro com duplas de policiais resultaram em diminuição imediata das ocorrências.

A AMOUR ainda não existia formalmente, mas as reuniões já aconteciam. As associações de bairros não eram comuns no Brasil nessa época. A comunidade reunida já conquistava seu segundo marco. Estava na hora de criar o estatuto e formalizar a Associação.

O comandante da Fortaleza de São João, peça chave para aproximar os moradores do coronel Locatelli, sabendo que o local das assembleias na igreja era pequeno, ofereceu sediar no Forte as reuniões. Os representantes agradeceram muito e aceitaram a oferta do coronel Manso, que expressou que a AMOUR seria sempre muito bem-vinda. Garantiu que não se envolveria com as reuniões.

Página seguinte, primeira coluna: Reuniões da AMOUR no auditório da Fortaleza de São João e parceria com a prefeitura do RJ. Acervo AMOUR

Segunda coluna: Projeto de replantio de árvores, parceria AMOUR-Comlurb. Mudas plantadas pelos moradores. Acervo AMOUR

Ressaltou que “o Forte é da comunidade, fica na Urca e é solidário e interessado em tudo que a comunidade estiver movimentando”. A AMOUR desde então foi sempre muito bem acolhida e recebida nessa instalação militar.

Em nova assembleia, em 5 de dezembro de 1979, os presentes foram informados da compra da cabine e da data de sua futura instalação. Foi igualmente proposta a consolidação formal da AMOUR (Associação de Moradores da Urca), com a discussão e a aprovação do estatuto, bem como foi realizada a eleição de sua primeira diretoria, composta pelos seguintes moradores:

Presidente: José Guerra Neto.

Vice-Presidente: Joaquim José da Silva Ribeiro Junior.

Tesoureiro: Carlos Alexandre Rodrigues.

Secretário: Hermínio Salles Teixeira.

Diretores Adjuntos: Cesare Giorgi e Helio Gomes da Silva.

A entidade publicou também a relação oficial dos moradores presentes a essa assembleia, assim como o quadro dos sócios fundadores.

Desde então, inúmeras conquistas têm sido alcançadas, sempre com o espírito de união dos moradores para a preservação do patrimônio do bairro e a manutenção de sua qualidade de vida. A luta incansável contra abusos relacionados ao patrimônio histórico e pela preservação do meio ambiente, além da preocupação sempre presente de não sobrecarregar a infraestrutura do bairro, suas características urbanísticas e seus usos, são desde sempre o principal foco da AMOUR.

A Urca também é sede de vários institutos culturais, especialmente nas áreas de música e artes.

Grupos de Chorinho e MPB na Praia Vermelha

Movimento Artístico da Praia Vermelha comanda uma roda de chorinho e MPB no calçadão da praia.

Casa Benet Domingo (Centro de Artes)¹

A Casa Benet Domingo é a residência de três gerações de artistas. É um espaço de identidade hispano-brasileira. Por si só fala de um percurso em constante construção, como diz Machado: *o caminho se faz ao andar*. É no passo a passo de cada um da família que se construiu essa bela história, iniciada com Pere Benet Domingo e Conchita Domingo, que vieram exilados da Espanha na década de 1950, estabelecendo raízes no Rio de Janeiro e em sua amada Urca. Seus filhos

¹ Texto: María Matina.



Pedro Benet e Pilar Domingo seguiram o legado da arte e cultura, assim como María Matina, filha de Pilar.

A Casa Benet Domingo é contemporânea em seu tempo e clássica em sua história. É um espaço de residência artística, galeria de arte, poesia, música, coral e teatro.

Instituto Urca²

Sua missão é valorizar histórias de vidas, conectando-as aos territórios para fins de interação social. Promove ações que visam à garantia de direitos, à sustentabilidade local e à conservação ambiental.

Tem como valor o respeito à paisagem cultural como patrimônio mundial. Respeito que vem de escutar as memórias afetivas ligadas ao território. Respeito aos saberes e culturas locais. Respeito à construção coletiva e às parcerias, pois *juntos somos mais fortes*.

Também são valores o comprometimento com a ética e com a sustentabilidade, o comprometimento com a riqueza da diversidade, a garantia da autonomia e da liberdade de escolha das populações locais para a construção coletiva do futuro e para a salvaguarda do bem comum.

O Instituto pensa na Urca como um bairro modelo no Rio. No resgate de memórias individuais e coletivas, busca costurar parcerias locais para colaborar na revitalização de nossos espaços públicos, na articulação de redes de multiplicadores, na organização de acervos e na difusão de conteúdos para a conscientização dos moradores.

URCA Sustentável – Grupo de Mutirões de Limpeza³

No dia 3 de março de 2018, um grupo de moradores da Urca se reuniu para realizar um mutirão de limpeza nas rochas da amurada e na praia, quando 10 voluntários se apresentaram com muita alegria e disposição. Coletamos cerca de 300 quilos de lixo bruto, além de microlixos como bitucas de cigarro, pilhas, anzóis, tampinhas de garrafa, vidros quebrados, copos descartáveis, pedaços de isopores e tantos outros lixos que vão parar na Baía de Guanabara.

De lá para cá o trabalho foi evoluindo, com o apoio de várias parcerias. Realizamos ações que impactam todos que passam, porque vemos moradores em atividade pela preservação do meio ambiente e cuidando do bairro.

² Texto: Alexandra Joy Forman, diretora.

³ Texto: Israel Lopes dos Santos.

Passamos a fazer um mutirão por mês, com uma média de 18 pessoas por mutirão. Mesmo debaixo de sol forte, todos trabalham felizes, interagindo com quem passa e manifesta interesse em participar dos próximos mutirões. Dias lindos de atividades com brilho nos olhos!

Realizamos várias ações de educação ambiental. Fizemos plantio de orquídeas na orla da Avenida Portugal, numa parceria com a AMOUR e com o Supermercado Zona Sul; trouxemos a Van Itinerante da Secretaria Municipal de Meio Ambiente, e no estacionamento do então Instituto Europeu di Design (IED) ocorreu um grande evento com teatro de fantoches e a participação de vários segmentos do bairro nas atividades desse dia especial. A AgroFloresta Urbana (AFU) se fez presente com atividades de orientação e plantio de sementes com as acrianças, o Clube de Astronomia do Rio de Janeiro participou com seu presidente Carlos Ayres e equipe, o biólogo Ed Bastos deu aulas de preservação, mostrando às crianças e aos adultos os animais marinhos existentes na Baía e suas dificuldades para sobreviver em meio aos lixos, a Equipe de Canoagem RioVa'a fez passeios com as crianças, e livros infantis com temas marinhos foram distribuídos aos baixinhos. Que dia marcante para o bairro foi aquele 10 de agosto 2019!

Os mutirões continuam, eles expressam o amor dos moradores por esse bairro apaixonante e o cuidado com a fauna marinha.

Rio Va'a Clube⁴

O Rio Va'a Clube, associação sem fins lucrativos, desenvolve na Praia da Urca desde 2010 o programa ParaVa'a de canoagem polinésia paralímpica.

As primeiras experiências com paracanoagem aconteceram em 2002, por meio de eventos e passeios. A partir do início do projeto Canoa Rio – Escola em 2004, o Clube foi aprimorando suas técnicas de ensino. Em 2007 o projeto iniciou aulas regulares para a Escola Municipal Minas Gerais. Desde 2007 o Clube tem uma equipe júnior competitiva da qual saíram alguns remadores com grande potencial, como Reginaldo Birkbeck.

O programa de paracanoagem foi desenvolvido por Nicolas Bourlon e Jorge Souza Freitas, então vice-presidente do Rio Va'a Clube. Os dois são os responsáveis pelo crescimento do projeto de Parava'a e pelos resultados esportivos e de reinserção social conseguidos desde 2011. O objetivo principal é preparar atletas de alto rendimento para participar de provas nacionais e internacionais.

⁴ Texto: Alessandra Mapeli, esportista.





Projeto Urca Sustentável de limpeza das pedras e Praia da Urca. Acervo Bia Novaes



Página anterior: Ações do Projeto Urca Sustentável envolvendo crianças do bairro, com parcerias diversas: Projeto Rio Va´a (grupo canoagem), Secretaria do Meio Ambiente e Horta Urbana. Acervo Bia Novaes

Assessoria Cultural da Fortaleza de São João⁵

Não se pode falar da Urca sem associá-la com a Fortaleza de São João. Essa simbiose iniciou com o nascimento do bairro. A Fortaleza já existia há séculos, e não só assistiu ao nascer e ao florescer do bairro, como apoiou, acolheu e estabeleceu parcerias e vínculos com seus moradores que se perpetuam no tempo.

Parabéns, Urca, pelo seu centenário!

Projeto Pão de Açúcar Verde⁶

Escrever sobre esses 19 anos de recuperação ambiental na face leste do Pão de Açúcar, esse luxuoso costado da Urca, é remexer em um baú de memórias muito agradável. O Projeto foi criado pela necessidade que senti de estar em contato com a natureza e para ajudar a preservar esse precioso ícone do Rio.

Essa parte do Pão de Açúcar passava por queimadas periódicas, cada nova ocorrência trazendo reflexos negativos também para a fauna. O motivo principal era a profusão do capim-colonião, espécie exótica invasora originária da África, grande propagadora de incêndios. A cada nova ocorrência, a vegetação nativa recomeçava do zero, sempre em desvantagem em relação ao resiliente capim.

Fui testemunha de alguns incêndios, pois frequentava a face leste desde meados dos anos 1980, quando me mudei para o Rio. Tornei-me carioca por opção, pois sou sul-mato-grossense. Inconformado com essa situação, resolvi fazer algo a respeito.

Minha atuação na recuperação da região teve início ajudando o casal Nóbile Rocha e Sática Murakami, que já atuava em outra parte da face leste. Adotei a primeira área em 2002. Um ano depois, um grande incêndio queimou quase toda a área do Grotão, também na face leste, área que estava infestada pelo capim-colonião. Foi o incentivo natural para iniciar a recuperação também da metade dessa área. O casal adotou a outra metade.

Em agosto de 2004 iniciei também o reflorestamento do Paredão Lagartinho, uma área de cerca de 500 metros quadrados de encosta íngreme na face sul do Pão de Açúcar, em parceria com o Centro Excursionista Rio de Janeiro (CERJ), que acolheu essa missão com entusiasmo. Nesse local foi realizado um mutirão por mês com os montanhistas do CERJ durante cinco anos, iniciando assim uma tradição que se ampliou para outros locais do MoNa, o Monumento Natural Pão de Açúcar. A tradição permanece até hoje.

Página seguinte:

Grupo de Canoagem
do Projeto Rio
Va'a Clube. Acervo do
Projeto Rio Va'a Clube

Grupo de voluntários do
Projeto Pão de Açúcar
Verde. Acervo fotográfico
Sávio Teixeira

Retirada do capim-colonião
para replantio de espécies
nativas. Acervo fotográfico
Sávio Teixeira

⁵ Texto: Coronel de Infantaria Joel Francisco Corrêa, assessor cultural do CCFEx/Fortaleza de São João.

⁶ Texto: Domingos Sávio Teixeira, ambientalista.



Ao longo desses muitos anos de trabalho no Grotão e no Costão da face leste do Pão de Açúcar, deparei com munições de canhão, a maioria delas fragmentadas, mas algumas inteiras, o que trouxe um aspecto inesperado ao trabalho. As munições que não estavam danificadas eram recolhidas pelos militares da Fortaleza de São João.

Em 20 de setembro de 2010 foi assinado o 1º Termo de Adoção com a Secretaria Municipal de Meio Ambiente, oficializando a parceria. Em 2019 foi incluída outra área na adoção, localizada no contraforte sul do Costão da face leste, totalizando 2,5 hectares de área de encostas adotadas. A contrapartida da prefeitura é o apoio técnico e o fornecimento das mudas.

O Projeto Pão de Açúcar Verde vem ajudando a devolver a Mata Atlântica ao Pão de Açúcar, que nos brinda diariamente com sua majestosa beleza cênica. Sinto grande satisfação ao ver a diversidade de espécies da Mata Atlântica predominando novamente nas áreas adotadas, além do enriquecimento de espécies realizado em outras áreas. Esse resultado não teria sido possível sem a participação dos incontáveis e anônimos voluntários, principalmente dos montanhistas, nas muitas vezes em que foi necessário transportar mudas pelas encostas do Pão de Açúcar e nos mutirões mensais de plantio. Tampouco teria sido possível sem os gestores do MoNa Pão de Açúcar e dos apoiadores, que entenderam a importância da nossa missão. Minha gratidão a todos.

Projeto BG500 Proteção e Educação Ambiental⁷

A Urca faz parte da minha vida desde a década de 1970. Pela sua praia bem protegida da ação das ondas, sempre foi a opção de lazer para minha família no Rio de Janeiro. E foi onde passei a me interessar definitivamente pelo mergulho, atividade que já havia conhecido em Cabo Frio. Desde sempre a riqueza de animais, aqui, me surpreendeu! Como pode um pedaço da Baía de Guanabara ter, por vezes, mais animais que paradisíacos municípios da Região dos Lagos?

A paixão só foi aumentando com o passar dos anos, até que criei o Baía de Guanabara 500 Anos de Vida (BG500), um programa de proteção e educação ambiental que conduzo com muito orgulho e carinho. Defender essa pequena joia incrustada aos pés do Monumento Natural do Pão de Açúcar é muito gratificante. Por mais difícil que possa parecer, é um trabalho que vem dando resultados positivos. Além do combate ao lixo marinho, poder

⁷ Texto: Ed Bastos, educador ambiental.

conviver com tartarugas, estrelas do mar e cavalos marinhos me faz enfrentar qualquer dificuldade ambiental.

Parabéns pelo seu centenário, e que muitos outros venham com a certeza de que a Urca continuará a ser esse ambiente cativante e único!

Monumento Natural dos Morros do Pão de Açúcar e da Urca

O Monumento Natural dos Morros do Pão de Açúcar e da Urca (MoNa Pão de Açúcar) é uma unidade de conservação de 91 hectares, sob gestão da Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SMAC). Situado na Urca, o MoNa Pão de Açúcar é um dos cartões-postais mais conhecidos do planeta.

Destaca-se não só pela beleza cênica e natural, como também oferece atrativos aos visitantes. Dentre eles, o mais procurado é o passeio de teleférico, o célebre Bondinho, que em 2012 completou seus 100 anos.

Além do bondinho famoso, os visitantes encontram atrações como a tradicional Pista Cláudio Coutinho, para a prática da corrida e caminhada em contato com a natureza, desfrutando das belíssimas paisagens proporcionadas entre o mar e a montanha, a Trilha do Morro da Urca, umas das mais visitadas do Estado do Rio de Janeiro, diversos mirantes, com destaque para as vistas do Corcovado, da orla de Copacabana, da Enseada de Botafogo e da Baía de Guanabara, e inúmeras vias de escalada para os praticantes do montanhismo. Isso, por sinal, levou a área a ser reconhecida como principal centro de escalada urbana do Brasil.

Além de todos esses atributos, o MoNa também é parte integrante do Patrimônio Mundial da Humanidade, assim declarado pela UNESCO em 2012.

Instituto Cultural Cravo Albin⁸

Quando transferei meu escritório em 1975 para uma salinha com vista para o mar, apaixonei-me pela Urca.

Comecei a procurar um apartamento para me mudar de Botafogo. Acabara de morrer o proprietário de uma célebre residência, o arquiteto e decorador Júlio Sena, muito famoso pelas festas e jantares em black-tie para personalidades internacionais da aristocracia europeia e estrelas de cinema, que oferecia no que era conhecido como Largo da Mãe do Bispo.

Ao ver o local, apesar de avariado, decidi comprar o conjunto e começar a reforma do espaço, que durou um ano.



Projeto BG500 de Proteção e Educação Ambiental envolvendo as crianças do bairro da Urca e em parceria com o Projeto Urca Sustentável. Acervo fotográfico de Bia Novaes

⁸ Texto: Ricardo Cravo Albin, presidente e criador do Instituto.



Costão do Morro da Urca
com vegetação nativa.
Acervo fotográfico
Sávio Teixeira

Logo depois, pelo deslumbramento da paisagem rara e atraente, resolvi criar o Instituto Cravo Albin, no sentido de preservar para sempre o sítio na floresta, livre da especulação imobiliária que então proliferava, inclusive com a construção de prédios que substituíam as deliciosas casinhas da Urca.

Meu propósito era bem claro: estabelecer um espaço cultural para defender a memória da música popular. Para essa finalidade específica, doei para o Instituto todos os bens. Transformei todo o conjunto arrebatador em centro de reuniões e festas, para celebrar eventos dos personagens de excelência do canto brasileiro. O Society foi substituído pelos mitos da MPB, transformando o eixo das celebridades do Largo da Mãe do Bispo.

No casarão, cujo desenho foi feito por Lúcio Costa nos anos 1960, plantado no Morro da Urca, apresentavam-se regularmente exposições ligadas a destilar a memória dos grandes da MPB, acompanhadas de recitais históricos dos quais participava a fina flor do cancionero popular. Pesquisadores do mundo inteiro procuravam aquela referência na Urca. Era um entra e sai dinâmico e permanente.



Projeto para Observações Astronômicas na Urca⁹

Entre os anos de 2016 e 2019, o Instituto Europeo di Design (IED), onde funcionou o antigo Cassino da Urca, serviu de palco para observações astronômicas e palestras, promovidas entre essa instituição e o Clube de Astronomia do Rio de Janeiro (CARJ).

Eu, minha mulher Maren Krieger, vários moradores e sócios do CARJ, subíamos pelo elevador do IED com a cabeça na lua, carregando telescópios de vários tamanhos para o terraço. Fizemos palestras memoráveis por lá. Alguns levavam nas mãos apenas planisférios de papel. Outros preferiam conferir o mapa do céu num aplicativo de smartphone. E outros mais escolhiam observar e fotografar os astros com seus telescópios. Tudo isso fez o terraço do IED na Zona Sul tornar-se o mais importante point de encontro astronômico do Rio de Janeiro.

Posso dizer que uma conjunção de fatores atraiu pessoas para lá. Além da localização privilegiada, entre a Praia e o Morro da Urca, o prédio oferece um conforto ímpar para observações astronômicas, além da segurança e do

Lua e Cristo Redentor.
Fotografia Carlos Ayres

⁹ Texto: Carlos Ayres, presidente do CARJ, historiador e astrônomo amador.



Projeto para Observações
Astronômicas na Urca
envolvendo crianças do bairro.
Acervo fotográfico Bia Novaes

melhor cenário do Rio. Antes, fazíamos observação na Praia da Vermelha, mas a descoberta desse espaço do IED foi perfeita! É um ponto superprivilegiado para observação do céu, com um amplo campo de visão. Temos também uma bela visão do poente. Vemos o sol, a lua, Vênus e os outros astros se pondo no oeste.

Quem sabe, poderemos dar continuidade em parceria com a Eleva ou com outra instituição que venha a assumir o prédio do antigo Cassino da Urca? Um legado desses não pode ser esquecido ou abandonado, mesmo que o IED não esteja mais por aqui. O Projeto para Observações Astronômicas na Urca continua. Ensinando, implementando e melhorando o nível cultural das pessoas, estaremos também melhorando a qualidade de vida do bairro mais lindo do Brasil.

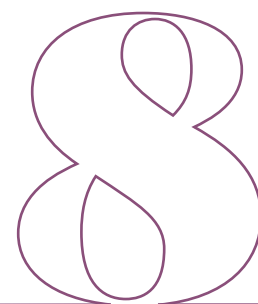
P. 203: O astrônomo Carlos Ayres fez essa imagem da lua crescente em 10 de janeiro de 2019 às 22h13, Sony DSC- 400H, em suporte fixo, modo automático, zoom digital em 83 X, frame único, sem edição

P. 204–205: Praia Vermelha.
Fotografia Custódio Coimbra









A Urca pelos seus moradores





O crescimento da cidade e as constantes mudanças de legislação por parte de governantes em relação a gabaritos, usos e outras questões preocupam sempre, pois a Urca é um bairro que tem uma infraestrutura limitada. As ruas são estreitas, há poucas vagas para carros. Como é um bairro predominantemente residencial, a mudança de usos e a instalação no local de empresas e outras instituições interferem muitas vezes na qualidade de vida.

O bairro tem um potencial turístico muito forte, especialmente pela presença do Bondinho Pão de Açúcar. Mas, isso faz com que muitos ônibus de turismo estacionem ao longo da Avenida Pasteur, quase sempre em locais proibidos, afetando o trânsito e a circulação desta que é a principal via para entrada e saída do bairro.

Ameaças à consciência socioespacial que preserva a qualidade de vida dos moradores são detectadas em algumas atividades que vieram movimentar o bairro nos últimos anos, assim como estão presentes em mudanças arquitetônicas que desconfiguram o conjunto e a paisagem urbanística.

O bairro tem mudado e certamente continuará mudando. Mas as ameaças constantes devem sempre ser acompanhadas e supervisionadas por seus

Garça na mureta da Urca. Fotografia Custódio Coimbra

moradores, que se organizam para tentar impedir rupturas. O conceito de sociedade participativa é muito forte. Sempre que tomadas de decisões são feitas sem consulta à comunidade, os representantes da Associação de Moradores manifestam vivo interesse em entender melhor o assunto em questão, em cada caso, levando-o para as reuniões mensais.

A estrutura da Urca, bem como sua condição de isolamento do resto da cidade, fez com que os residentes fossem percebendo as características do bairro, internalizando uma concepção de vida local e pacata. A estrutura do poder familiar também parece constituir parte do prestígio local. Há famílias que há anos moram na Urca. Os avós, os pais e os filhos formam uma sequência de gerações que criaram um elo afetivo muito singular, não muito comum em outros bairros do Rio de Janeiro.

A noção de comunidade se destaca, formando um ambiente afetivo diferenciado. O espírito da Urca é singular, encarna um modelo muito distinto quando comparado a outros bairros do Rio de Janeiro. Os moradores amam o bairro onde moram e se orgulham dele. Fazem de tudo para preservar este cantinho do Rio ainda com cara de cidade do interior. É quase um condomínio onde crianças ainda brincam nas ruas, as pessoas se conhecem e se cumprimentam. E dali apreciam uma das vistas mais lindas da Baía de Guanabara.

Como podemos identificar esse estado de espírito? Como conhecer esse sentimento, esse conceito, essa percepção e esse viver de modo peculiar, diferenciado?

Nada melhor do que os próprios moradores manifestarem suas vozes diretamente. Por isso, aqui, esta série de depoimentos que no conjunto formam uma narrativa afetiva que fala por si.

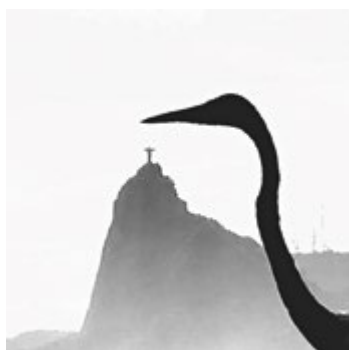
Hugo Hamann¹

A Urca é um bairro tão especial que, há 40 anos, por iniciativa dos moradores, a prefeitura do Rio fez uma legislação especial de proteção do bairro, o PEU da Urca. A legislação conseguiu impedir a especulação imobiliária e preservar, quase que integralmente, a ambiência original das décadas de 1920 e 1930.

Dez anos mais tarde, por iniciativa dos moradores, o bairro foi considerado pela prefeitura Área de Proteção Ambiental. Foi assim que ocorreu o tombamento do antigo Cassino, da amurada e da ponte do Quadrado.

Essas legislações especiais preservaram, além da ambiência local, o modo de vida que nos levou a escolher a Urca para morar.





Calçada da Praia Vermelha; Gaivotas; Garça e Corcovado.
Fotografias Hugo Hamann

O bairro é pequeno, bucólico e arborizado, predominantemente residencial, com ruas estreitas e algumas pracinhas, com apenas uma entrada e uma saída. É um recanto onde as pessoas ainda passeiam pelas calçadas, e o comércio vende fiado.

A feira de domingo é um tradicional ponto de encontro, onde feirantes e fregueses se chamam pelo nome, e os vizinhos aproveitam para colocar o papo em dia.

Comparada por muitos a uma cidade de interior, a Urca ainda preserva grande parte de suas casas antigas e prédios baixos, garantindo a tão agradável escala humana, perdida no resto da cidade.

A sinuosa amurada da Urca convida o carioca a um passeio à beira-mar. Convida a pescar, a namorar. Ou a simplesmente apreciar a generosa vista da enseada, com o Corcovado como pano de fundo. Isso como se já não bastasse estar aos pés do Pão de Açúcar.

Celi Pardela²

Quando vim à Urca pela primeira vez, em 1960, recém-chegada de Minas Gerais, fiquei completamente extasiada com o bairro. Sua beleza natural e seu jeito especial com as pessoas se cumprimentando e conversando descontraidamente, nas ruas, muito me encantou.

Em 1971 consegui realizar o sonho de vir morar aqui. Acolhida por vizinhos, me senti logo em casa. Cinco anos depois, convidada por Lúcia Coelho para implantar uma Escola de Educação Infantil no recém-inaugurado Núcleo de Arte da Urca, estreitei minhas relações com os moradores.

Sinto-me sempre privilegiada por morar na Urca, mas infelizmente nos últimos anos muita coisa vem se deteriorando. Ruas sem conservação, árvores sem poda, desordem urbana, principalmente no Quadrado (Praça Cacilda Becker) e na mureta, vêm causando a degradação do bairro, por inércia do poder público.

A AMOUR (Associação de Moradores), sempre atuante e atenta aos problemas, pede intervenções que nem sempre acontecem. Falta ao poder público a conscientização de que a Urca, não por acaso, é um dos maiores pontos turísticos do Brasil. Além do Bondinho Pão de Açúcar, nos oferece belezas deslumbrantes, como o nascer do sol na Praia Vermelha e o entardecer na mureta, o sol se despedindo do dia, se ocultando ao lado do Cristo Redentor.

² Proprietária da Escola NAU (Núcleo de Artes da Urca), conselheira da AMOUR.



Balastrada da ponte.
Fotografia Hugo Hamann

P. 214: Mureta da Urca
próximo ao Forte São João.
Fotografia de Eduardo Ribas

P. 215: Mureta da Urca
próximo à Rosa dos Ventos.
Fotografia Eduardo Ribas







Jonas Hammar regendo.
Acervo fotográfico
Jonas Hammar

Além disso, temos a belíssima pista Cláudio Coutinho, onde se pode caminhar entre o mar e a montanha, num cenário de encantamento.

Nós, moradores, continuaremos a clamar e a pedir mais cuidados com o nosso bairro, orgulho da nossa cidade. A Urca, por sinal, tirou o primeiro lugar num concurso do jornal *O Globo* sobre o bairro mais querido dos cariocas. Não calarão nossas vozes!

Jonas Hammar³

Minha história com a Urca já é de muitos anos... tem os mergulhos na Praia Vermelha e os passeios na Cláudio Coutinho na infância, os ensaios de teatro em uma casa no Quadrado da Urca na adolescência, os estudos de música da UniRio, na fase adulta.

Mas um capítulo especial, uma linda história de amor, começou em julho de 2008, quando me apaixonei por uma bailarina francesa que ficaria duas

³ Músico e criador do Coral da Urca, morador.

semanas no Rio para dar um workshop de teatro. Meu convite não poderia ser outro: levá-la para tomar uma caipirinha num bairro tranquilo, lindo e seguro. A Urca, claro. Aquele fim de tarde foi tão lindo e transformador que alguns meses depois decidimos morar juntos. E o bairro não poderia ser outro: a amada Urca.

Anos depois, do pequeno quarto e sala na Marechal Cantuária, fomos para um dois quartos na tranquila Almirante Gomes Pereira. E junto com a mudança chegou um novo amor: nosso filho.

Nessa nova fase, me encantavam os encontros entre papais e mães na pracinha dos brinquedos, entre as famílias dos alunos da querida escola NAU, entre as crianças nos passeios pelas ruas do bairro e nos longos encontros dominicais na Feira da Urca, o melhor ponto de encontro do bairro.

Empolgado com esses encontros de pessoas que conviviam nesse pacato bairro, achei que seria interessante desenvolver uma atividade para juntar e conhecer melhor essas pessoas que até então eu pouco conhecia.

Após algumas reuniões no Belmonte com o pianista Rodrigo Zaidan e com a cantora Dani Greco, ambos moradores do bairro, além das receptivas conversas com a Matina e a Pilar, da Casa Benet Domingo, estava pronta a ideia: criar o Coral da Urca.

No domingo seguinte à criação, imprimi uns panfletos, fui à feira divulgar a nova atividade para o bairro. E no primeiro dia de ensaio na Casa Benet estavam lá 40 pessoas! O sucesso inesperado ressoou e alguns meses depois fui convidado para começar um novo coral no Iate Clube: o Coral do Iate. E com a alegria contagiante das apresentações pelo bairro, a procura aumentou. Iniciamos então um novo grupo: o Coral da Pedra.

Os três corais da Urca são fontes de inspiração e de aprendizado. Para meu orgulho, além da capacitação musical, a atividade do canto coral nos três grupos desenvolveu a empatia, o senso de coletividade e pertencimento, a escuta, a cooperação, a resiliência, a troca de energia e os novos laços de amizade e de amor.

A trajetória dos corais da Urca teve lindos momentos em suas apresentações na Feira da Urca, na Casa Benet Domingo, no Instituto Cravo Albin, no Iate Clube, no Flutuante, na UFRJ. Até mesmo juntando os três grupos houve momentos lindos no carnaval do bairro, no evento Encontro das Artes, no terraço do Cassino da Urca com a participação ilustre do músico – e morador do bairro – João Donato e no alto do Morro da Urca com uma orquestra!

Essa história de amor com a Urca não acaba... pois, como dizia o poeta Vinícius de Moraes, “A vida é a arte do encontro”.

Ana Luiza Brandão Rodrigues (Aninha)⁴

O Rio de Janeiro nos últimos anos vem sofrendo uma série de transformações urbanísticas e sociais, devido ao crescimento demográfico desordenado que explodiu na segunda metade do século XX.

E aqui, na nossa pequenina Urca, que é fruto de um aterro e loteamento da década de 1920, não poderia ser diferente.

No entanto, a duras penas e também com muita galhardia, e graças ao trabalho incessante da AMOUR, temos conseguido afastar a especulação imobiliária com a conquista de uma legislação bastante protetora e restritiva que, caso derrubada, fatalmente traria a morte deste charmoso bairro.

Enfrentar esse desafio, conseguindo se manter alerta, contornando quase que incólume toda e qualquer tentativa de mudança nas leis vigentes e que possam modificar esse status atual, tem sido o grande objetivo de nossa AMOUR.

Mas, por quanto tempo mais?

Imagino que para o futuro, se quisermos manter a Urca agradável como é, com sua invejável qualidade de vida, um bairro quase que exclusivamente residencial em sua essência, e com seu traçado urbanístico atual, não nos resta outra alternativa que conclamar as autoridades a transformá-la num bairro modelo. Num paradigma a ser imitado em novos loteamentos que vierem a surgir não apenas em nossa cidade, mas pelo Brasil afora.

Um bairro, se possível, com dotação e administração próprias. Que utilize os próprios recursos advindos do recolhimento de seus impostos aqui mesmo, como há alguns anos sugeriu um famoso prefeito da nossa cidade.

Seria isto sonhar demais?

Acho que não.

Pedro Veiga Ferraz Pereira⁵

Um lindo bairro entre o mar e a montanha. Bucólico, arborizado, uma paisagem única. Um bairro onde a maioria dos moradores nasceu, cresceu ou mora há décadas. Se conhecem, conversam e apreciam seu viver cotidiano. Um bairro com muita história... berço da cidade do Rio de Janeiro.

Do início da Avenida Pasteur até a Fortaleza de São João, sucedem-se incontáveis construções monumentais. Como a sede do Instituto Benjamin Constant, o Museu de Ciências da Terra, os prédios do Instituto Militar de Engenharia (IME) e

⁴ Advogada, presidenta da AMOUR de 1994 a 2008.

⁵ Engenheiro, conselheiro da AMOUR.





a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), a estação do Bondinho Pão de Açúcar, a Ponte São Domingos, com sua balaustrada e Rosa dos Ventos, toda a amurada, o antigo Cassino da Urca, praças, monumentos e esculturas únicas. E as mais de 200 casas e prédios tombados/preservados pelo Instituto Rio Patrimônio da Humanidade (IRPH) e pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

São mais de 100 anos de história e cuidados com a preservação desse incalculável patrimônio histórico-cultural, diariamente visitado e contemplado, mas que convive em plena harmonia com seus moradores.

Mas como serão os próximos 100 anos? Como conseguir manter todo esse encanto histórico-cultural e turístico e ao mesmo tempo se adaptar às atuais e futuras demandas e mudanças da sociedade?

Em 1978 já havia essa preocupação, quando foi elaborado pelos moradores e aprovado o primeiro Projeto de Estruturação Urbana da cidade (PEU número um), justamente para a proteção ambiental da área do bairro da Urca, e para a preservação paisagística dos morros do Pão de Açúcar, da Urca e da Babilônia.

O PEU é o instrumento que estabelece diretrizes e normas de uso e ocupação do solo para os bairros da Cidade do Rio de Janeiro. O número um, da Urca, é um exemplo de participação da sociedade civil em busca de soluções urbanísticas. Deve ser preservado como está, sem alterações.

A Urca conta com apenas uma única via de acesso ao bairro. A infraestrutura – redes de água, luz e esgoto, transporte e outros – é basicamente a mesma desde sua criação. Essa infraestrutura não suporta novos prédios multifamiliares, nem o aumento da população residente, tampouco atividades comerciais ou turísticas que atraiam ainda mais visitantes.

Entende-se a necessidade da revisão do Plano Diretor da Cidade. Mas que seja efetivo e verdadeiro. Que privilegie as áreas decadentes, desocupadas ou subocupadas por toda a cidade.

A Urca não precisa e não pode receber intervenções urbanísticas que irão afetar diretamente a qualidade de vida dos moradores e de frequentadores. Afinal, o bairro é hoje o que é pois, desde seu nascimento, há 100 anos, foi olhado e preservado por todos nós.

Orla da Urca e amurada tombada, Avenida Portugal.
Fotografia Eduardo Ribas

Alessandra Choqueta de Toledo Arruda e Laís Fleury⁶

A pandemia vem alterando o modo como enxergamos as cidades, nosso bairro, nossas rotinas, deslocamentos e interações no espaço público. O convite é refletirmos hoje a Urca que queremos amanhã, para todos nós.

Acreditamos que este nosso bairro arborizado, localizado entre a montanha e o mar, manterá seu potencial de gerar entre os moradores um sentimento de pertencimento, se priorizarmos nosso olhar para a infância e para o meio ambiente.

O pedagogo italiano Francesco Tonucci já dizia que uma cidade boa para as crianças é uma cidade boa para todos. Gostamos da ideia de pensar nossa comunidade Urca a partir da perspectiva do melhor indicador biológico de qualidade: as crianças. As formas de acolhimento dos espaços públicos a elas beneficiam outros públicos, por exigir que as prioridades sejam invertidas.

Sonhamos com espaços públicos que possibilitem o brincar e a interação com a natureza, dos quais todas as crianças se beneficiem quando os exploram. Brincam e aprendem ao ar livre, onde elas se exercitam, se desenvolvem e criam uma relação afetiva e de pertencimento com seu bairro e com sua cidade.

Sonhamos com ruas designadas ao brincar, que priorizem os pedestres e o uso de bicicletas em detrimento dos carros, com redução da velocidade dos veículos para 30 quilômetros horários, para maior segurança de todos. As crianças são as futuras guardiãs da Urca. Nossa missão enquanto moradores é incluí-las no cuidado com o mar, com as árvores, com a mureta, e até mesmo com as nossas ruas.

Acreditamos também no enorme potencial da Urca de tornar-se mais sustentável a partir de iniciativas como o aumento de resíduos reciclados, o uso de energias renováveis, a criação e o manejo de compostagem e hortas comunitárias. E a partir da conscientização de seus visitantes quanto à preservação do meio ambiente, tão vivo ao nosso entorno.

Maria Luiza Kessler⁷

Nasci na Urca. Minha avó foi a terceira moradora do bairro. Minha mãe já nasceu na Urca e nunca saiu daqui. Teve seis filhos que cresceram no bairro.

Só saí por cinco anos quando me casei e fui morar fora do país. Quando retornei, fiz questão de voltar para este bairro que considero superacolhedor, preservado, seguro e muito gostoso de se morar. Me sinto privilegiada por ter criado meus três filhos aqui, aproveitando muito da qualidade de vida que a Urca oferece.

⁶ Alessandra é pós-doutoranda em Ciências Médicas. Laís é administradora e empreendedora social, ambas moradoras.

⁷ Formada em Comunicação Social e moradora.

Espero viver aqui para sempre com minha família, recebendo meus netos neste pedacinho do Rio que tem paisagens maravilhosas e que sempre me acolheu com carinho. A Urca é muito especial e significativa na minha vida. Sou muito grata por tudo isso.

Lilian Fontes⁸

Vivo há 40 anos na Urca. Aqui criei minhas duas filhas, que usufruíram da tranquilidade, assim como da segurança das calçadas para andar de bicicleta e para brincar. Mas a Urca sofre com o descaso de frequentadores além bairro, que descartam na calçada seu lixo e falam alto. Precisamos lutar para manter o gabarito baixo de novas construções, o sossego, a cordialidade.

Ana Maria Borges Barcellos Dias⁹

Os primeiros comerciantes da Urca eram imigrantes portugueses que se instalaram nas décadas de 1930/1940, na Rua Marechal Cantuária. É ali que até hoje funciona o comércio local. O casal formado por Julio Secundino da Costa e Maria do Carmo da Costa chegou no início dos anos 1930 e se instalou numa pequena pensão, na Rua Marechal Cantuária 84. Ali eles hospedavam jovens vindos de outros Estados, para cursar a Escola Militar da Praia Vermelha.

Muitos desses jovens tornaram-se engenheiros, militares de alta patente. Integraram o alto escalão de diversos governos, mas nunca esqueceram a dona Maria, eterna mãezona, que tão carinhosamente os acolhera na juventude. Mantiveram contato com a família. Sempre que possível vinham visitá-la.

Meus avós eram muito católicos. Acompanharam a construção da Igreja. Por ocasião de sua inauguração, doaram à Paróquia uma imagem de Nossa Senhora, vinda diretamente de Portugal. Por muitos anos essa imagem percorreu as residências do bairro. Hoje encontra-se no altar lateral da Igreja.

Como dona Maria era uma cozinheira de mão cheia, resolveram, na década de 1940, abrir um restaurante e um café e bar, também na Rua Marechal Cantuária, 42, que se chamava Nossa Senhora do Brasil.

Era muito frequentado pelas famílias da Urca, sobretudo nos almoços de domingo. Recebia para o jantar atores da TV Tupi como Arlete Salles, Lúcio Mauro e tantos outros. Meu avô Julio trabalhava no balcão do bar, de camisa social sempre branquinha e gravata... impecável!

⁸ Arquiteta, escritora, astróloga e moradora.

⁹ Médica de formação, trabalha com gastronomia e moradora da Urca.

Dona Maria, sempre muito simpática, reservava xales para emprestar às frequentadoras para que não mostrassem os ombros. Algumas vezes ofereciam produtos vindos da terrinha, que, assim como o azeite, eram retirados diretamente no cais do porto.

Mesmo após o falecimento prematuro do senhor Julio, em 1954, dona Maria continuou à frente dos negócios, enquanto a saúde permitiu. Tiveram três filhos que vieram de Portugal para a Urca ainda jovens: Izabel, Conceição e Manuel. As filhas se casaram. Cada uma teve quatro filhos, todos nascidos e criados no bairro, onde viveram até a fase adulta. Todos são apaixonados pelo bairro e de onde guardam as melhores lembranças.

Dos netos de dona Maria e do senhor Julio, somente eu, casada com o Guruga – que também nasceu no bairro – ainda resido na Urca. Nossos filhos Mariana, Muriel e Caio são a quarta geração de uma família que faz parte da história do bairro.

Luiz Fernando Janot¹⁰

Urca que te quero Urca, bairro que te chamo de meu. Ando sem sobressalto por suas ruas a qualquer hora do dia ou da noite. Caminho pela orla sombreada por amendoeiras desfrutando da bela paisagem que se descortina no horizonte. Costumo sentar-me na amurada com amigos de passagem pelo Rio para que sintam a presença expressiva do Pão de Açúcar e do Corcovado.

Evitou-se, com o Projeto de Estruturação Urbana implantado em 1978, a desfiguração do bairro pela ação predatória do mercado imobiliário especulativo. O tempo passa, o tempo voa e a Urca continua numa boa. Não há como abrir mão da qualidade de vida que ela nos oferece. Esse é o nosso desejo nas comemorações dos 100 anos de sua existência.

Ligia Costa Leite¹¹

Vim morar na Urca com cinco dias de nascida e aqui permaneço há 75 anos. Na casa de meus pais já viviam minha irmã, três anos mais velha do que eu, e meu irmão, com um ano e meio a mais. Depois nasceram mais dois meninos.

Viver na Urca sempre foi um privilégio, onde podíamos plantar flores e temperos diversos, ter bichos para cuidar. Criávamos patos e pintinhos, tínhamos tartaruga e cachorro.

Página seguinte:
Garça amiga
dos pescadores.
Fotografia Bia Novaes

Entardecer.
Fotografia Bia Novaes

Rosa dos Ventos
da Fortaleza.
Fotografia Martha Serra

¹⁰ Arquiteto, urbanista e morador.

¹¹ Doutora em Comunicação e Cultura e moradora.

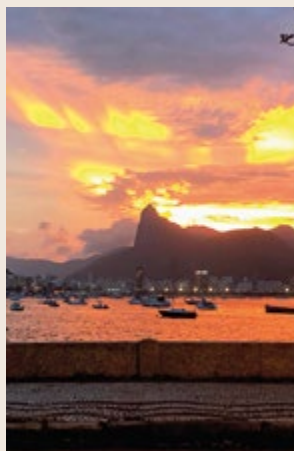


Bondinhos e palmeiras.
Fotografia Hugo Hamann

Entardecer na Urca.
Fotografia Martha Serra

Ressaca.
Fotografia Martha Serra

Garças e barcos no
Quadrado da Urca.
Fotografia Bia Novaes



Página seguinte:
Orla da Avenida João
Luiz Alves com prédio do
antigo Cassino ao fundo.
Fotografia Eduardo Ribas



Todos estudamos na Escola Mem de Sá, dentro do Forte de São João, onde aprendemos a ler e escrever, a nadar na praia e diversos outros esportes.

De manhã e de tarde um padeiro passava com pão fresquinho tocando uma buzina, e o leiteiro vinha com leite em um vidro. Tinha também o pipoqueiro Bené e o sorveteiro da Kibon. Esses vendedores não existem mais nas ruas do bairro.

No domingo, meus avós vinham nos visitar. Meu avô saía comigo e minha irmã para passear nas ruas e nos ensinava todos os nomes das árvores e das flores.

Em todo o quarteirão onde estava nossa casa, só havia três carros: o do papai, o de um general e o de um desembargador. Nas férias a rua ficava fechada. Então fazíamos todo tipo de jogos e brincadeiras com nossos vizinhos: andar de bicicleta e patins, bola de gude, pique esconde, amarelinha, entre outros. As brigas e disputas entre nós, amigos e irmãos, eram muitas, mas já nem me lembro delas. Hoje ainda encontro alguns desses colegas no Iate Clube, quando relembremos o passado.

Quando já tínhamos uns 12 anos, ficávamos sentados na murada vendo os barcos, aviões e os vários peixes, golfinhos, arraias, lulas e águas-vivas, pois na Baía de Guanabara não havia poluição. As águas eram claras. Havia muitos caranguejos nas pedras, que meus irmãos pegavam com puçá e uma carinha na ponta. E nós comíamos.

Também tomávamos banho de mar naquelas pedras, porque ficava mais perto de casa e podíamos nadar no fundo sem problema. Mais tarde, já com 17 e 18 anos, juntávamos nosso grupo, com boias de pneus. Cruzávamos a baía até o Flamengo. Ainda não existia o aterro. Era longe, mas valia a pena. Passávamos por correntes mais frias, fugindo das arraias e das águas-vivas com paus que levávamos. Descansávamos no outro lado e voltávamos ao anoitecer.

Quando foi criada a antiga TV Tupi, primeira emissora do Rio, foi uma festa. Eu tinha 13 anos. Junto com minha irmã íamos ver o movimento na porta, assim como os artistas que passavam por lá. E pedíamos autógrafos! Entre 1971 e 1976 minha tia, Edna Savaget, fazia o programa *Boa tarde*, ao vivo, e ficávamos no estúdio como figurantes ou só assistindo a tudo.

Meus três filhos cresceram aqui, estudaram na mesma escola em que estudamos, hoje chamada Estácio de Sá. A forma de eles brincarem era diferente. Eles tinham amigos, ficavam nas ruas também, mas apenas com mais cuidado, porque o movimento de carros aumentou, e o perigo, também. Eles

não tinham a mesma facilidade que nós. Não podiam tomar banho de mar nas pedras por causa da poluição da Baía. E, para entrar na Praia do Forte de São João, precisavam de permissão. Por isso, acabavam brincando muito dentro de casa ou nas casas dos amigos. Mas brincavam com videogames, criavam clubes de jogos e se comunicavam por telefone.

Houve mudanças no bairro. Alguns prédios foram erguidos. Para que houvesse espaço para eles, casas antigas foram demolidas, apagando a memória de onde moravam meus amigos de infância. Felizmente, para evitar o aumento de construções, em 1978 foi definido o PEU da Urca, preservando espaços e impedindo a construção de edifícios altos.

É importante que nós, moradores, possamos superar divergências e construir uma união em prol de melhorias em nosso bairro. Como, por exemplo, consertos das calçadas na orla, do asfalto, da iluminação pública, da segurança, do transporte público, entre várias necessidades. Isso tudo fica à mercê da *boa vontade* do poder público, porque essa manutenção é um direito de quem paga seus impostos. A Urca precisa ser cuidada com o carinho que as autoridades e os moradores tinham de quando foi criada, há 100 anos.

Mas vale ressaltar que ela continua linda! Ainda guarda o encanto simples de uma cidade do interior, basta andar a pé por suas ruas e sua murada, cumprimentar os vizinhos e seus cachorros. Muitas pessoas ocupam o paredão para apreciar a vista, o pôr do sol e tomar cerveja.

Essa é uma parte ruim, mas acabo aceitando porque os *de fora* têm direito de curtir um pedacinho do nosso local.

Quero citar uma antiga pichação na parede no Cassino, que fotografei anos atrás e corrobora os efeitos positivos que a Urca pode gerar: *Só a Urca tira os demônios das pessoas* (autor desconhecido).

José Augusto Dias, o Guruga¹²

Sou conhecido no bairro por meu apelido. Tenho 62 anos e resido aqui desde um ano de idade. Nascido na Ilha do Governador, fundo da Baía de Guanabara, vejo esses dois universos, lá e aqui, ligados pelo mar que flui com as marés e ventos necessários para a vida da cidade.

Meu pai, Francisco, sempre foi um aficionado pelo mar. Nadava travessias, mergulhava para a caça de peixes e frutos do mar. Tinha lá na Ilha um veleiro pequeno. Junto com os amigos, se aventurava pelas ilhas da Baía.

¹² Professor de vela, empreendedor, trabalha em projetos do Instituto Rumo ao Mar e conselheiro da AMOUR.



Quando a família estava quase pronta, minha mãe achou por bem vir morar no bairro da Urca, que naquela época não era tão valorizado como nos anos que se seguiram. Viemos para a Rua Ramon Franco, número 96. Um sobrado de beira de calçada, que passou a ser a residência de uma grande família: Francisco e Myriam, Luiza Olga, os gêmeos José Antônio e José Luiz, José Paulo e eu, Guruga.

Em 2008, já com a minha família formada e residindo ao lado do comércio que abri ao lado de minha residência, no número 42, loja A da Rua Marechal Cantuária, entrei para a AMOUR. Nesse ano mudei meu canal de reclamações para me tornar um solucionador dos problemas do bairro. Bairro que escolhi para criar meus filhos e onde tirava o sustento da família. Casei-me com Ana Maria Borges Dias e temos três filhos, como ela já comentou no depoimento dela para este livro.

Em 13 anos de participação associativa, pude perceber como é difícil o trabalho voluntário comunitário. Muitas vezes não é entendido pelo morador, associado ou não.

Hoje, em 2021, moro na Rua Almirante Gomes Pereira, também num sobrado de beira de rua, mas no terceiro andar.

Nesses 61 anos de bairro, vivi intensamente a vida, na terra e no mar. A paixão de meu pai pelo mar entrou em minhas veias. Tornei-me com o tempo atleta de vela, representando o Iate Clube do Rio de Janeiro em competições locais, estaduais, nacionais e internacionais.

Sempre vi o bairro com uma grande potencialidade náutica. Mas os projetos no mar nem sempre são bem-vindos. Essa potencialidade permanece adormecida. Somente com o trabalho da municipalidade poderemos ver o Rio de Janeiro acordar para o mar, como verdadeiro potencializador do turismo, no Brasil, para o mundo.

Horácio Lima¹³

Urca, esse pedaço de terra tomado ao mar quando isso ainda não era ilegal e *politicamente incorreto*, interage com os avanços do crescimento urbano, da mudança de costumes e hábitos do carioca por 100 anos. Como observador apaixonado, vejo ciclos que se repetem e outros de mudança continuada.

Mas o que gostaria de comentar é a incrível capacidade que esse canto do Rio tem de despertar admiração e comprometimento em seus moradores. Sou

Página anterior: Praia Vermelha ao luar. Fotografia Martha Serra

P. 232: Quadrado da Urca e ponte. Fotografia Eduardo Ribas

P. 233: Estátua de São Pedro e veleiro. Fotografia Eduardo Ribas

¹³ Engenheiro e morador.





filho de casamento entre moradores e terceira geração de famílias que escolheram morar na Urca. Meus avós fizeram essa opção. Desde 1937 estamos aqui.

A ocupação dos espaços públicos mudou. Se não existem mais as partidas do Guaíba, se nossas crianças não jogam bola nas ruas nem brincam de *polícia e ladrão* tendo como limite o Forte e o Cassino, a praia agora é base para canoagem e palco de jogos de vôlei e futvôlei. E mantemos o pôr do sol mais lindo da cidade. Nossa orla e ruas se transformam em circuito para treinos em busca de qualidade de vida.

Observo que além da saudável multiplicidade de gostos, interesses e opiniões, tendo como origem a evolução dos costumes ou simplesmente as individualidades, o amor que a Urca desperta é constante e presente através de suas gerações de moradores.

Esse envolvimento é latente, e evidencia-se de inúmeras formas. Na ida à feira para um pastel ou água de coco e um papo no domingo. Na alegria das crianças na pracinha *lá dentro* e no Quadrado. Nas teses defendidas pelos grupos nas mídias sociais. Na organização desses mesmos grupos para solicitar necessidades de ordem ou manutenção ao poder público. Na participação e interesse pela AMOUR ou na atuação discreta e persistente na defesa dos interesses do bairro.

Acredito que enquanto esse pedaço de terra continuar despertando esse amor continuará existindo a nossa Urca.

Padre Moraes¹⁴

A maravilhosa natureza da Urca, vislumbrada de inúmeros ângulos, é um encanto sempre renovado. Podemos afirmar que, às vezes, ela é ainda mais exuberante, de acordo com a luminosidade, nosso estado de espírito ou circunstâncias diversas. Mas ela é, em si mesma, renovadamente bela.

Tal arquitetura natural enleva e transporta os corações abertos à transcendência para Deus, e é uma das razões que atrai para ela tantos visitantes, conscientes ou não, dessa motivação.

Esta natureza bela é acrescida pela arquitetura humana, com uma auréola provinciana, trazendo seu sorriso urbano com que faz toda diferença nesta nossa grande metrópole, e é, além da beleza natural, a outra característica da nossa Urca. Atravessando seu traçado planejado, deparamos com a simplicidade de suas edificações de estilos variados e aconchegantes.



Dentre as construções arquitetônicas, sem dúvida nenhuma, se destaca a graciosa igreja da Urca, às margens da baía de Guanabara e emoldurada pelo Pão de Açúcar, reverenciando o Cristo Redentor no alto do Corcovado.

A querida igreja Matriz de Nossa Senhora do Brasil participa do centenário da Urca em seu octogésimo oitavo ano de inauguração. Estão unidas, portanto, em uma existência conjugada desde as origens.

Com essas breves pinceladas, que descortinam, ao longo dos 100 anos, a encantadora Urca, cartão-postal da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, com olhar que contempla de maneira tênue o sempre renovado matiz de seu magnífico pôr do sol, não podemos deixar de mencionar seus habitantes.

Como pároco da Urca, elevo a Deus a grande ação de graças, por ter convivido e por conviver com pessoas maravilhosas, de beleza de alma e de espírito. Gente que engrandece a gente, e nos ajuda a ser mais humanos. Esta é a bela e dinâmica alma da Urca, apesar de seus insondáveis contrastes.

Diante dos problemas que ela vive, dos quais participamos passiva ou ativamente, essa contemplação pode parecer idílica e surreal. Não. Não é um olhar idílico, surreal ou sobrenatural. É o olhar de pai, padre, que com o passar dos anos, quatro décadas somadas, se descobre cada vez mais privilegiado por residir neste bairro, encanto prazeroso para a cidade, levado a enxergar mais o que de bom há.

Encerro esta singela pintura concluindo meus pensamentos, louvando Aleluia, Aleluia e citando o mais ilustre morador do bairro, Roberto Carlos, nosso amigo e de uma multidão imensa: *em tudo isso tem a mão de Deus.*



Nuvens alaranjadas e Corcovado. Fotografia Martha Serra

P. 238-239:
Pão de Açúcar.
Fotografia Custódio Coimbra



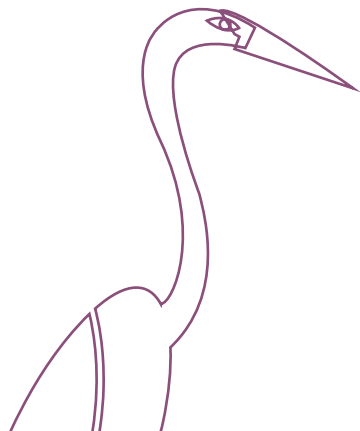






Novos tempos,
novos desafios





O Rio de Janeiro parece ser, de fato, a capital natural do país. Natural de natureza, no sentido literal. A cidade é cercada de águas. Tem uma orla extensa com lindas praias, assim como tem a Lagoa Rodrigo de Freitas. Há montanhas por todos os lados. A floresta tropical está em várias partes.

Não é à toa que sua beleza é sempre citada e enaltecida por quem a conhece. É o caso da letra de *O Estrangeiro*, de Caetano Veloso, em que o compositor diz “o pintor Paul Gauguin amou a luz da Baía de Guanabara” e “Cole Porter adorou as luzes na noite dela”. Caetano também vê uma beleza paradoxal, não entendida por Claude Lévi-Strauss, mas recuperada por ele, o genial baiano, pois “era ao mesmo tempo bela e banguela a Guanabara”.

O tempo é senhor da razão, porém. O desenrolar da história fez o nome dessa terra mais verdadeiro do que seu significado geográfico. O nome é um rio, onde tudo flui e tudo se encontra. E é de janeiro, o princípio, o que está sempre aberto ao novo. Por isso o nome está associado também a vanguarda.

Sim, a natureza no Rio é parte essencial de tudo e está incorporada a nossa relação com a cidade, a nossos valores, a nossa cultura. O modo de ser do carioca

Monumento heróis
da Laguna e Chafariz
iluminado, fotografia
de Eduardo Ribas

Página seguinte:
Corcovado na moldura.
Fotografia Eduardo Ribas

é diferenciado, talvez porque a natureza está sempre presente em nosso cotidiano como um bem maior que recebemos de cortesia, por graça da vida.

A cidade cresceu muito, porém, sem planejamento. A população é enorme, hoje 6,7 milhões de habitantes. O Rio é a segunda maior metrópole do país. Se não cuidarmos de nossos rios, de nossas praias, de nossas lagoas, montanhas e florestas, esse patrimônio vai se deteriorar cada vez mais.

É preciso adotarmos uma agenda de sustentabilidade. É preciso planejarmos as ações de transformações que a cidade tem como desafio. Se queremos ser reconhecidos como Patrimônio da Humanidade, como Paisagem Cultural Urbana, precisamos cuidar de nossas riquezas naturais. Precisamos participar das decisões governamentais em práticas políticas sustentáveis. Para alcançarmos sucesso, devemos enfatizar o envolvimento dos atores sociais e da população com metas concretas, transparentes, mensuráveis e de alto valor simbólico e coletivo.

A Urca possui o desafio de manter suas praias limpas, de denunciar o esgoto *in natura* que muitas vezes é jogado diretamente no mar, de preservar as florestas nas encostas do Morro da Urca e do Pão de Açúcar. É nosso desafio também buscarmos parcerias sólidas para combatermos o mal uso dos espaços públicos e a depredação do patrimônio cultural histórico. Essa consciência tem que partir dos moradores, das associações do bairro, das empresas e institutos que aqui se encontram para fazerem a devida pressão, cobrindo a fiscalização e autuação por parte dos órgãos públicos.

A saturação de nossa infraestrutura também é uma constante preocupação. Somos um bairro pequeno com uma infraestrutura antiga, assentada sobre aterro. Não podemos permitir o fluxo intenso de veículos pesados, assim como determinados usos que causam mais danos que benefícios.

Mas assim como a Urca foi se adaptando a novas circunstâncias que se apresentavam ao longo do tempo no passado, agora é hora de um novo empenho coletivo para gerarmos respostas eficazes aos novos e complexos desafios que se apresentam no presente.

Desta vez, mais do que nunca, é decisivo que cada um e todos nós que tanto recebemos desse lugar, em nossas vidas, nos demos as mãos e retribuamos a generosidade, assumindo nossa cota de corresponsabilidade pelo novo ciclo de transformação que a Urca demanda e merece. Um ciclo sustentável, capaz de nos continuar a garantir bem-estar, felicidade, prosperidade e prazer por vivermos e trabalharmos na cidade de encantamento e no bairro de patrimônio cultural arquitetônico e natural que só continuará assim se levarmos essa atitude de consciência à ação.

P. 246–247: Morro do Pão
de Açúcar. Fotografia
Custódio Coimbra







Sobre a autora



Beatriz Novaes

Formada em Arquitetura pela Universidade Santa Úrsula com pós-graduação em Planejamento Urbano pela UERJ e em Administração Pública pela FGV.

Depois de mais de 20 anos como empresária e gestora executiva no setor privado, desde 2009 se dedica como voluntária em parceria com o 3º setor, na implementação de projetos exitosos na área de educação, com foco em políticas públicas.

Participa de conselhos e grupos de trabalho na área de educação, entre eles Parceiros da Educação Carioca, Instituto Trevo, e mantém vínculos com ONGs e Associações que desenvolvem trabalhos com territórios: ASVI (Cidade de Deus), Redes da Maré, Grupo Afroreggae (Vigário Geral e Lucas). Sua paixão pela história das cidades sempre a estimulou a estudar e pesquisar os bairros, territórios e os impactos do crescimento das cidades.

Atua na AMOUR como Conselheira e sempre se envolveu com grupos do bairro ligados à preservação do meio ambiente e do patrimônio histórico e arquitetônico.

Créditos

FOTOGRAFIAS

Custódio Coimbra

A fotografia é seu ofício desde o início dos anos 1970. Fotógrafo de imprensa há 44 anos, Custódio Coimbra, 67 anos, passou pelos principais jornais do Rio e atualmente trabalha no jornal *O Globo*.

Nascido no Rio de Janeiro, pai de quatro filhos, é um artista requisitado entre colecionadores de fotografias de artes. Além de fotos divulgadas em jornais e revistas mundo afora, tem seu trabalho publicado em vários livros, entre eles: *Rio de Cantos Mil*, editora Réptil, 2010 e *Baía Espelho do Rio*, editora FGV, ambos com a jornalista e escritora Cristina Chacel.

Participou de dezenas de mostras coletivas e individuais, no Brasil e no exterior. Artista premiado, tem sua obra identificada com a história e a paisagem do Rio de Janeiro.

Site: www.cinzaphotogallery.com

Instagram: @custodiocoimbra





Eduardo Ribas

Nasceu no Rio de Janeiro, em 1957. Desde o ano de 1973, juntamente com seu pai, Guillermo Ribas, e seu irmão de mesmo nome, foram os precursores do estilo fotojornalismo em fotos de eventos, principalmente os da alta sociedade carioca, tornando-se desde então um conceituado fotógrafo profissional na área do fotojornalismo social.

Responsável até 1986 por cerca de 80% das fotos publicadas em todas as principais colunas sociais do Rio de Janeiro assim como de diversos outros estados.

Trabalhou por mais de 20 anos com fotos de arquitetura e decoração para os mais renomados profissionais da área, o que lhe rendeu uma vasta experiência em termos de luzes diurna e noturna, assim como da melhor época para se fotografar um determinado local.

Nesses mesmos 20 anos, se tornou um especialista em fotografar obras de arte de todos os tipos, para os próprios artistas, galerias de arte, leiloeiros, assim como para expertises.

De 1990 a 1995 trabalhou como correspondente no Rio de Janeiro para fotos de paisagens do banco de imagens inglês The Telegraph Stock.

Sempre encontrou nas fotos de natureza, principalmente da cidade do Rio de Janeiro, onde reside, uma forma de mostrar, em registros fotográficos, o que só seus olhos veem. No início dos anos 2000, foi convencido por amigos e clientes a divulgar esse seu lado artístico. Hoje, tem fotografias adquiridas por clientes em mais de 30 países em cinco continentes.

Uma das principais características desse seu trabalho é, seja qual for o lugar, acreditar na sua fotogenia. Não existe, na sua concepção de fotogenia, lugar que não possibilite boas fotos.

Telefone: +55 21 99994-1141

E-mail: eduribasfoto@gmail.com

Site: www.eduribasfoto.com

Instagram: [@eduribasfoto](https://www.instagram.com/eduribasfoto)

Hugo Hamann

Arquiteto e morador da Urca desde que nasceu. Seus avós vieram para a Urca na década de 1930. Criou seus filhos e netos na Urca, e a família tem vínculo com o bairro há 5 gerações. Fotografar é um hobby, uma espécie de terapia. É um observador atento a tudo que está a sua volta. Em tempos de pandemia, passou a clicar mais. Fotografar a Urca, que considera a extensão natural da sua casa, é sempre motivo de prazer.

Foi sócio fundador da AMOUR, sempre atuou direta ou indiretamente em todas as gestões da associação desde a sua criação. Sempre muito envolvido com as questões urbanísticas e de preservação histórica e cultural do bairro por ter sido arquiteto da Prefeitura, participou da elaboração do PEU (Projeto de Estruturação Urbana da Urca em 1978 (primeiro PEU da cidade do RJ), bem como da APA (Área de Proteção Ambiental e Paisagística) em 1988. Como arquiteto fez inúmeros projetos no bairro, sempre respeitando as características arquitetônicas.

Martha Serra

Nasceu no Leme e viveu a adolescência em Ipanema. Mudou-se para a Urca há 30 anos e é uma apaixonada não só pelo bairro como também pela Cidade do Rio de Janeiro. Viver rodeada pelo azul do mar e pelo verde das montanhas é fonte de constante inspiração. O Rio é muito fotogênico!

Adora viajar e fotografar, dois hobbies que se encaixam perfeitamente. Ter um olhar curioso e observador sobre culturas diferentes e poder documentá-las são alguns dos alimentos que dão significado à sua vida. Na volta das viagens, produz *Coffee Table Books* para eternizar os momentos vivenciados. Participa de cursos/grupos de fotografia buscando sempre explorar novos olhares na fotografia.

O último workshop fotográfico de que participou foi em Bali durante 10 dias de celebrações religiosas: inesquecível!

Lugares que já visitou para fotografar: África do Sul, Marrocos, Indonésia, Malásia, Cingapura, Coreia do Sul, Vietnã, Camboja, Myanmar, Tailândia, Japão, China, Hong Kong, Austrália, Nova Zelândia, Argentina, Chile, Uruguay, Bolívia, México, Estados Unidos, França, Inglaterra, Suécia, Suíça, Espanha, Portugal, República Tcheca, Itália, Alemanha, Turquia, União Soviética (ainda unida), além de inúmeras e diversas regiões do Brasil.

Bia Novaes

Arquiteta, urbanista e moradora da Urca há 40 anos, apaixonada pelo bairro e por todos os tesouros históricos. Fez diversos cursos de fotografia no Atelier da Imagem e sempre sai com sua câmera para fotografar a Urca. Fotografar é um hobby e uma paixão. Na época de faculdade de arquitetura, frequentava a Urca nas aulas de desenho artístico para desenhar e registrar os prédios históricos e seus recantos como o Quadrado e a Praia Vermelha.

Atua na AMOUR como Conselheira e sempre se envolveu com grupos do bairro ligados a preservação do meio ambiente. Considera um privilégio ter criado seus filhos neste pedaço da cidade com cara de cidade do interior e onde se pode ter uma vida com qualidade perto de tanta natureza e de uma história da nossa cidade tão presente. Aqui cada cantinho parece sempre um cartão-postal!

ILUSTRAÇÕES

Renata Ferraz Pereira

Renata “Renny” Pereira é uma artista digital nascida e criada na Urca e apaixonada por ela. Já trabalhou em projetos de ilustração, animação, games e apps mobile para diversos clientes e marcas globais tais como Disney, HBO, CBS, Marvel e Cartoon Network. Saiu do Rio para se formar em Comunicação e Animação na Universidade do Sul da Califórnia (USC) em Los Angeles e atualmente cursa seu mestrado em Artes Digitais na School of Visual Arts (SVA) de Nova York.

Sergio Alencar

Formado em design pela Escola Panamericana de Arte, é um destacado e premiado designer brasileiro com mais de 20 anos de experiência. Sua paixão pelo design e sua versatilidade fazem com que navegue pelas mais diversas áreas, tais como ilustração, design de produto, editorial e branding.

Referências documentais

Livros

ACIOLI, Paula. *A culpa é do Rio ! A cidade que inventou a moda do Brasil*. Rio de Janeiro: Senac, 2019.

ALMEIDA, Roberto Schmidt de. *Fragmentos discursivos de bairros do Rio de Janeiro – mapas e fotos*. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Documento), UniRio, Rio de Janeiro, 1998.

ANDREATTA, Verena. *Do Rio Orla à Orla Conde*. Rio de Janeiro: Rio Books, 2019.

BARRETO, César. *Rio pitoresco*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

BARROSO, Hélio. *A história do Iate Clube do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

BTHELL, Leslie. *Charles Landseer: desenhos e aquarelas de Portugal e do Brasil, 1825-1826*. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2010.

BRAGA GASPAS, Cláudia. *Orla carioca*. São Paulo: Metalivros, 2004.

BRAGA GASPAS, Cláudia; SÁ CORRÊA, Marcos. *Orla carioca, história e cultura*. São Paulo: Metalivros, 2004.

COHEN, Alberto A.; SIQUEIRA, Ricardo; FRIDMAN, Sérgio A. *Rio de Janeiro ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Agência de Comunicação, Cultura e Meio Ambiente, 1998.

CORRÊA DO LAGO, Bia e Pedro. *Os fotógrafos do Império*. Rio de Janeiro: Capivara, 2005.

COSTA, Icléia Thiesen Magalhães. *Fragmentos discursivos de bairros do Rio de Janeiro – Urca*. Entrevistas. Rio de Janeiro: UniRio, 1998.

CUNHA E MENEZES, Pedro da. *Trilhas do Rio*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1996.

DORIA, Pedro; *1565 Enquanto o Brasil nascia*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2012.

ENDERS, Armelle. *A história do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2015.

ERMAKOFF, George. *Rio de Janeiro 1900-1930: uma crônica fotográfica*. Rio de Janeiro: Casa Editorial, 2003.

FERREZ, Júlio. *Família Ferrez: novas revelações*. Rio de Janeiro: Funarte – Centro Cultural Banco do Brasil, 2008.

HETZEL, Bia. *Baía de Guanabara*. Rio de Janeiro: Manati, 2000.

LEVY, Ruth. *Entre palácios e pavilhões: a arquitetura efêmera da Exposição Nacional de 1908*. Rio de Janeiro: EBA Publicações, 2008.

MENEZES, Pedro Castro da Cunha; LASMAR, Telma; MOTTA, Nelson; CAMPOS, Diógenes Almeida; JAIME, Leo; CARAUTA, Jorge Pedro Pereira; LUCENA, Waldecy Mathias. *Bondinho do Pão de Açúcar*. Rio de Janeiro: Andrea Jacobson Editora Gráfica, 2007.

MOURÃO, Geraldo Mello; MACHADO, Helena Corrêa; LIMA, Evelyn Werneck. *Urca: construção e permanência de um bairro*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro – Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural e Departamento Geral de Patrimônio Cultural, 1990.

NAEGELI JÚNIOR, Max. *70 anos Iate Clube do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1990.

PINHEIRO, Eliane Caneto de Freitas; PINHEIRO, Augusto Ivan de Freitas. *Encantos do Rio*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1995.

SEABRA, Berenice. *Guia de roteiros do Rio antigo*. Rio de Janeiro: Infoglobo, 2004.

TOSATTO, Pierlugi. *Um palácio na história geológica brasileira*. Brasília: República Federativa do Brasil, Ministério de Minas e Energia, edição comemorativa dos 60 anos do DNPM, 1997.

VASQUEZ, Pedro Karp. *Postaes do Brazil (1893-1930)*. São Paulo: Metalivros, 2002.

VIANNA, Sérgio Besserman; MEDEIROS, Rodrigo (orgs). *Rio de Janeiro capital natural do Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2018.

Publicações institucionais

Guia das APACs. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro/ IRPH – Instituto Rio do Patrimônio e Humanidades, 2012.

Guia Verde Michelin do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Michelin Travel Publications, 2011.

Jornal da AMOUR em revista 18 anos. Rio de Janeiro: 1997.

Projeto Cassino. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro – Departamento Geral de Patrimônio Cultural, 1998.

Urca: Construção e Permanência de um bairro. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro – Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Departamento Geral de Patrimônio Cultural, 1990.

Sites

pt.m.wikipedia.org

www.inventariosdosmonumentosrj.com.br

www.monapaodeacucar.com

www.urca.net

www.diariodorio.com

www.cprm.gov.br

www.urca.br.docs

www.bondinho.com.br

www.ccfex.eb.mil.br

www.riopasseiostrilhas.com

www.institutocravoalbin.com.br

www.projetoapaodeaçucarverde.com.br

www.casabenetdomingo.com

Vídeos

Bairro da Urca. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eGAEaK71zEA>>. Acesso em 7 jun. 2021.

Programação da RioTv Câmara sobre o bairro da Urca. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rP-Goatc3pH0>>. Acesso em 7 jun. 2021.

Uma breve história sobre a Urca! Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=REO9EvmTh4I>>. Acesso em 7 jun. 2021.

Desvendando a História – Urca. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BZxNN7yg780>>. Acesso em 7 jun. 2021.

História da Urca. Disponível em: <<https://www.facebook.com/amuradadaurca/videos/hist%C3%B3ria-da-urca/602770067250978/>>. Acesso em 7 jun. 2021.

Rio Experiência caçadores da Urca perdida: Uma viagem no tempo pela Urca. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZvwJw6CmN1I>>. Acesso em 7 jun. 2021.

Arquivos fotográficos

Acervo Museu Histórico Nacional. Disponível em: <<http://mhn.museus.gov.br/index.php/acervo/>>. Acesso em 7 jun. 2021.

Acervo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Disponível

em: <<http://rio.rj.gov.br/web/arquivogeral/acervodigital>>. Acesso em 7 jun. 2021.

Acervo Fotográfico da Cia Caminho Aéreo Pão de Açúcar – CCAPA.

Acervo Fotográfico do CCFEx Fortaleza de São João.

Acervo Fotográfico Iate Clube do Rio de Janeiro.

EEFEx (Escola de Educação Física do Exército).

Instituto Moreira Salles. Disponível em: <<https://ims.com.br/>>

Portal Brasileira Fotográfica. Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/servico/brasileana-fotografica>>. Acesso em 7 jun. 2021.

